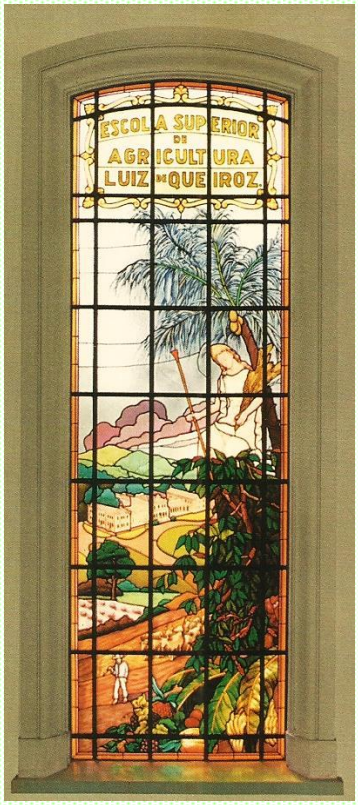
As Páginas na Web do Professor Celso Foelkel

www.celso-foelkel.com.br

www.eucalyptus.com.br

Relatos de Vida ...



***ESALQ:* Sonhos – Paixões – Decepções – Resignação – Novas Rotas & Conquistas**

Um sonho interrompido e a abertura de novas rotas

...por ***Celso Foelkel***

Junho de 2022

1. Introito sobre fatos e vivências do autor em relação à ESALQ/USP

O presente Relato de Vida e vivências do Celso Foelkel busca sumarizar acontecimentos importantes e variados que causaram mudanças de rotas significativas nas vidas e carreiras do autor e de sua família. Estão relatados nesse documento e em outros documentos interligados e com possibilidades de serem acessados facilmente através de endereços de web, os principais eventos profissionais e pessoais na carreira do autor no período compreendido entre janeiro de 1966 a 31 de março de 1976, ou seja, pouco mais de 10 anos. Também relata as experiências do Celso retornando à ESALQ e à USP/Escola Politécnica de São Paulo como professor voluntário visitante e não remunerado para lecionar e cooperar para o aperfeiçoamento de alunos ao nível de mestrado entre março de 1980 a junho de 1981.

Entre 1966 e 1970, o relato está focado no período acadêmico universitário, durante os estudos de graduação do Celso para obter o grau de Engenheiro Agrônomo Silvicultor pela ESALQ – Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", em Piracicaba/SP. Além de dar ênfase ao período inicial de seus estudos e seleção das opções de carreira, tem relatos dos períodos de estágios acadêmicos e da participação em duas associações técnicas que se tornaram muito importante na vida profissional do Celso: A ABTCP – Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel; e a TAPPI – Technical Association of the Pulp and Paper Industry.

Em 1971, Celso teve um ano de preparativos para sua viagem de estudos de pós-graduação na State University of New York – SUNY - College of Environmental Science and Forestry. Ao mesmo tempo, esteve participando como aluno regular do curso de pós-graduação da ESALQ, na área de concentração em "Fitotecnia".

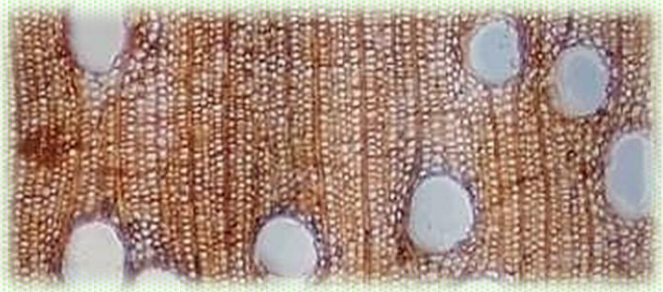
Do início de janeiro de 1972 até agosto de 1973, Celso e a esposa Lorena viveram em Syracuse/NY onde a família foi incrementada com o nascimento da filha Alessandra. Ali Celso teve momentos importantes nos seus estudos, na adesão como sócio da TAPPI – Technical Association of the Pulp and Paper Industry e em viagens de estudos a universidades, institutos de pesquisas e empresas produtoras de celulose e papel dos Estados Unidos da América.

Entre 03 de dezembro de 1973 a 31 de março de 1976, Celso atuou como professor assistente contratado da USP, tendo-se dedicado aos ensinamentos e pesquisas em tecnologia de celulose e papel. Em função de uma enfermidade grave que o manteve por 8 meses hospitalizado, Celso viu seu sonho de professorar na ESALQ ser demolido pela burocracia e inércia do sistema decisório acerca de sua capacidade de lecionar e pesquisar após sua saída do hospital. Mesmo tendo tido uma produção acadêmica significativa em período onde esteve um terço do tempo afastado por motivos de saúde, Celso não conseguiu ser efetivado na USP, desligando-se assim da ESALQ e indo de imediato trabalhar na iniciativa privada a partir de 01.04.1976 - (CENIBRA – Celulose Nipo Brasileira). Nesse curto período na ESALQ, Celso ainda estudou na pós-graduação da ESALQ, dessa vez na opção "Solos e Nutrição de Plantas", uma vez que as ausências dos meses passados nos Estados Unidos e da enfermidade acabaram por resultar em perdas das validades dos créditos das disciplinas cursadas em 1971.

Entre março de 1980 a junho de 1981, são relatadas experiências do Celso retornando à ESALQ e à USP/Escola Politécnica de São Paulo como professor voluntário visitante e não remunerado para lecionar e cooperar na formação de Mestres em Tecnologia de Celulose e Papel. Isso depois de ter tido seu sonho de ser professor efetivo da ESALQ sendo destruído pela USP e de ter-se constituído no principal responsável pela criação do curso de pós-graduação em tecnologia de celulose e papel na UFV – Universidade Federal de Viçosa, uma universidade que "competia" com a USP para esse tipo de carreira.

A partir do retorno voluntário à ESALQ/USP, uma comprovação de que o evento da sua não efetivação como professor da mesma estava totalmente superado e sem ressentimentos, Celso passou a encontrar e criar inúmeras oportunidades para compartilhamento de seus conhecimentos e para colaborar na formação e aperfeiçoamento de centenas de técnicos para o setor de base florestal e de celulose e papel em cursos universitários, cursos para tecnólogos, cursos de especialização, e mais recentemente, através de seus dois websites, atuando como professor virtual, também através de alguns canais de redes sociais (Linkedin; ResearchGate e Twitter).

2. Sobre a ESALQ – Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo e sua histórica atuação no setor de celulose e papel



ESALQ & Tecnologia das Madeiras

A ESALQ – Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" é uma das mais tradicionais e melhores escolas das engenharias relacionadas à agricultura, silvicultura e pecuária do Brasil, tendo sido referenciada internacionalmente como uma das melhores a nível global para o agronegócio.

A fundação da instituição de ensino na forma de uma "Escola Agrícola Prática" foi resultado da determinação e sonhos de Luiz Vicente de Souza Queiroz, que idealizou e projetou a construção da escola na Fazenda "São João da Montanha", município de Piracicaba/SP. A inauguração da escola aconteceu em 03 de junho de 1901, logo a ESALQ possui no presente momento 121 anos de idade.

Frente à qualidade do ensino praticado na escola agrícola, ela foi rapidamente evoluindo para se tornar um instituto superior de ensino de práticas e ciências agrícolas.

Em 1931, a Escola Agrícola de Piracicaba passou a integrar a recém-criada USP - Universidade de São Paulo, com o nome que mantém até hoje: Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". Em 1933, com a efetivação legal da profissão de Engenheiro Agrônomo, a ESALQ passou a ser uma das primeiras e mais qualificadas escolas de ensino superior agrícola no Brasil. No início dos anos 1970's, a ESALQ passou a

diversificar e expandir-se em outras áreas das ciências agrárias, com foco especial nas ciências florestais, já que outras universidades como a UREMG – Universidade Rural do Estado de Minas Gerais/UFV – Universidade Federal de Viçosa (Viçosa/MG) e UFPR – Universidade Federal do Paraná (Curitiba/PR) já estavam oferecendo a formação de engenheiros florestais.

O Departamento de Silvicultura da ESALQ (com tal denominação) foi criado em 1970, evoluindo e se modificando a partir da antiga "Cadeira de Silvicultura", a qual fora desmembrada em 1961 da "Cadeira de Horticultura". Em 1986, o Departamento de Silvicultura passou a ser denominado de Departamento de Ciências Florestais da ESALQ (http://www.lcf.esalq.usp.br/), sendo que o mesmo é constituído de laboratórios e estações experimentais (http://www.lcf.esalq.usp.br/lab).
.

O curso de Engenharia Florestal foi oficialmente criado na ESALQ em 1971 e começou a receber seus primeiros alunos em 1972. Entretanto, como existia a diversificação em Silvicultura na Engenharia Agronômica, foi possível se criar um grupo intermediário de alunos, os quais se formaram engenheiros florestais em 1973. A partir de 1975, os formandos passaram a ser totalmente originados de turmas que entraram na ESALQ após terem sido submetidos a vestibulares específicos, sendo, portanto, reconhecidos como os "engenheiros florestais formados desde o vestibular feito para essa finalidade na ESALQ". Lembro-me que eu, na época professor assistente contratado da ESALQ, e o professor Dr. Luiz Ernesto George Barrichelo, criamos em 1974 uma disciplina que era oferecida no primeiro ano da Engenharia Florestal e que se denominava "Introdução à Engenharia Florestal". Sua missão era estimular e informar os recém-entrantes alunos a entender melhor a carreira que haviam abraçado (e motivar a todos que se "encantassem" com a profissão que tinham escolhido para se dedicarem na vida).

A seguir, o curso de Engenharia Florestal da ESALQ foi expandindo as áreas de atuação, atuando em docência, pesquisa, graduação e pós-graduação e extensão em áreas tais como (e também) as de tecnologias de produtos florestais, com destaque na ciência e tecnologia de celulose e papel. Isso se deveu ao fato de que em meados dos anos 1960's (entre 1965 e 1966) a ESALQ conseguiu apoio para montar um Laboratório de Celulose e Papel junto à Cadeira de Silvicultura, com recursos advindos da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, tendo também recebido apoio de empresas fornecedoras de equipamentos para o setor (Regmed) e de outras empresas produtoras de papel e celulose (Champion Papel e Celulose, por exemplo). Teve forte papel nesse processo o professor Ronaldo Algodoal Guedes Pereira.

Professor Ronaldo formou-se em Agronomia pela ESALQ em 1956, estudando posteriormente na Universidade de Idaho/USA para obtenção de um mestrado que focou a indústria de celulose e papel. Frente a essa especialização que teve nos Estados Unidos da América e por sua atuação profissional anterior na Champion Papel e Celulose, Ronaldo vislumbrou, com uma visão privilegiada, uma oportunidade de penetração pelos engenheiros agrônomos também nessa atividade industrial do agronegócio (desde as florestas até o produto final celulósico-papeleiro). Naquela época as fábricas desse setor eram campo de atuação de engenheiros químicos, elétricos, eletrônicos e mecânicos. Os agrônomos, quando muito, disputavam posições nas áreas florestais com os recentemente formandos engenheiros florestais em uma nova carreira que surgira no Brasil. Outras instituições do ensino de engenharia florestal acabaram também entendendo que celulose e papel também era "coisa nossa": UFV – Universidade Federal de Viçosa iniciou seu LCP - Laboratório de Celulose e Papel em final de 1970 (https://www.lcp.ufv.br/); UFPR - Universidade Federal do Paraná; UFLA – Universidade Federal de Lavras; UNESP/Botucatu, etc.

Foram professores chaves nesses processos evolutivos do Departamento de Ciências Florestais da ESALQ:

- Para a criação da diversificação em Silvicultura na Engenharia Agronômica e posteriormente a carreira de Engenharia Florestal: o professor Helládio do Amaral Mello, o professor Ronaldo Algodoal Guedes Pereira e o professor Antônio Paulo Mendes Galvão. Todos possuíam excelentes visões de negócios e de oportunidades, não limitando seus espaços de atuação apenas à docência e à pesquisa.

- Para a especialização em Tecnologia em Celulose e Papel: os professores Ronaldo Algodoal Guedes Pereira e Luiz Ernesto George Barrichelo. Com a orientação e apoio dos mesmos, em especial do professor Barrichelo, outros docentes se formaram e se especializaram nessa área para atuação na ESALQ, como Celso Foelkel (professor entre 1973 a 1976), José Otávio Brito e Francides Gomes da Silva Júnior (formados na ESALQ e até hoje atuantes nessas áreas tecnológicas para produtos celulósicos, biorrefinarias e bioenergia). Esses professores são considerados dentro do atual LQCE – Laboratório de Química, Celulose e Energia como as "cinco gerações" desse setor na ESALQ em ordem de formação (um aprendendo com um ou mais dos anteriores): Professor Ronaldo (1ª), Professor Barrichelo (2ª), Celso Foelkel (3ª), Professor Brito (4ª), Professor Francides (5ª) e outras que se sucederão...

A ESALQ possui atualmente laboratórios muito bem equipados e especializados para pesquisa e formação de estudantes em nível de graduação e pós-graduação em ciência e tecnologia de celulose e papel, química da madeira, bioenergia e biorrefinarias. Tem consagrada reputação nesse setor tanto no Brasil como internacionalmente.

Toda essa rica história com recordações sobre a especialização em Tecnologia em Celulose e Papel na ESALQ podem ser conhecidas e visitadas nos seguintes endereços de web ou documentos online:

Reminiscências da ESALQ e IPEF... Até 2009. L.E.G. Barrichelo. Website pessoal. Acesso em 20.06.2022:

http://www.luiz.barrichelo.nom.br/reminiscencias.htm

e

http://www.luiz.barrichelo.nom.br/ (Página pessoal do professor Luiz Ernesto George Barrichelo)

ESALQ – Um pequeno histórico. Blog Pesquisa e Tecnologia no Trabalho Docente. Acesso em 20.06.2022:

http://renatoewolney.blogspot.com/2009/03/esalq-um-pequeno-historico.html

Lendas do Setor de Florestas, Papel e Celulose. Entrevistas com o Professor Luiz Ernesto George Barrichelo. FBEF – Forestry and Biomaterials Endowment Fund. (2021)

https://www.linkedin.com/company/fbef/videos/

ESALQ 2017. A força da contribuição da ESALQ ao agronegócio brasileiro. Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". 263 pp. (2017)

http://www.esalq.usp.br/acom/docs/livro.pdf

Entrei de férias. L.E.G. Barrichelo. Revista Opiniões Florestal 13(45): 06 – 07. (2016)

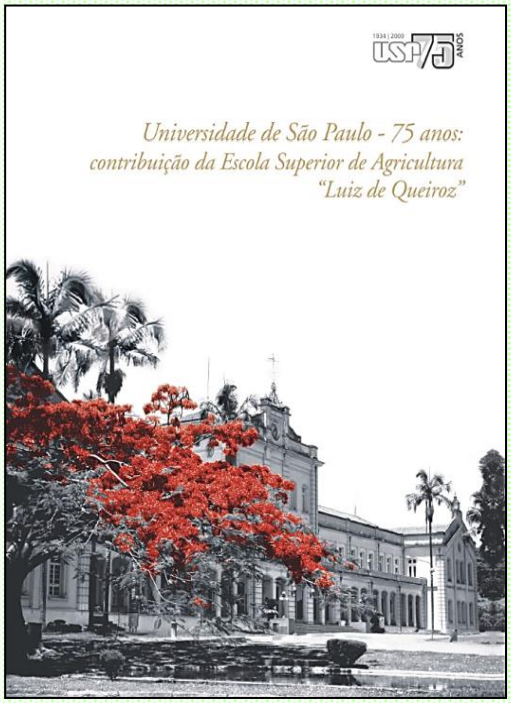
https://florestal.revistaopinioes.com.br/revista/detalhes/01-entrei-de-ferias/

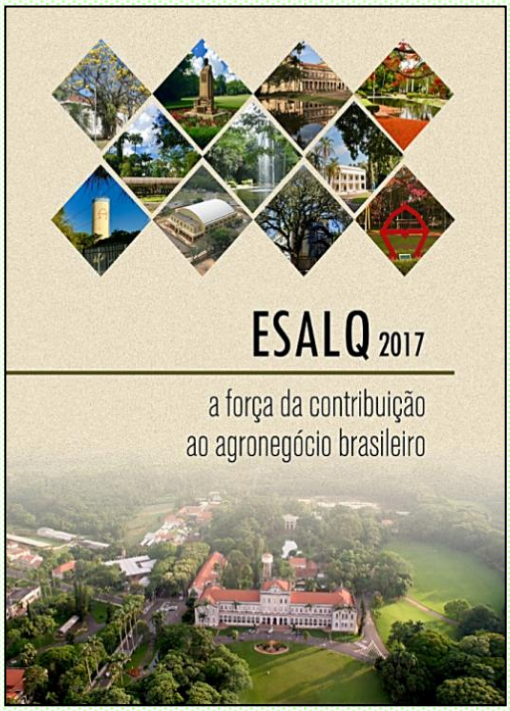
Universidade de São Paulo 75 anos: Contribuição da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". 1934-2009: 75 anos. Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. 287 pp. (2009)

http://www.esalq.usp.br/acom/livroesalq.pdf

ESALQ – 75 anos de atividades desde a sua fundação. (*Ênfase ao Setor de Celulose e Papel*). Reportagem. Revista O Papel 37(11): 77 – 79. (1976)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/1976_ESALQ_Revista_OPAPEL.pdf





Algumas teses e dissertações históricas publicadas pela equipe de professores da ESALQ/SQCP/SQCE/LQCE sobre a temática Qualidade da Madeira e Tecnologia de Celulose e Papel

No período inicial das atividades da Cadeira/Departamento de Silvicultura – Engenharia Florestal e finalmente Ciências Florestais da ESALQ foram publicadas dissertações e teses que se constituíram em algumas das primeiras e pioneiras teses acadêmicas sobre esses segmentos no Brasil

É importante salientar que a ESALQ, através de diversos de seus professores, laboratoristas e estudantes de graduação e pós-graduação, já se dedicava aos estudos tecnológicos sobre produção de celulose e

papel, associados à qualidade da matéria-prima florestal ou não desde épocas mesmo anteriores à fundação do IPEF e da ABTCP. Ou seja, um pioneirismo que pode ser observado pela sequência de trabalhos de pesquisa publicados no formato de teses e dissertações, que estão oferecidos para leitura logo a seguir:

Tecnologia da celulose de bagaço de cana-de-açúcar para papel: Estudos relativos à influência da medula. O. Valsechi. Tese de Defesa de Cátedra. ESALQ - USP – Universidade de São Paulo. 220 pp. (1964)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/1964_Octavio_Valsechi_Celulose_Bagaco+Cana.pdf (Um dos primeiros estudos acadêmicos realizados no formato de tese universitária orientado ao setor brasileiro de celulose e papel, com pesquisa integrada entre a ESALQ e a Refinadora Paulista, empresa privada do Grupo Morganti e fabricante de celulose e papel de bagaço de cana de açúcar na cidade de Piracicaba/SP)

Estudo da variação da densidade básica da madeira de *Eucalyptus alba* Reinw e *Eucalyptus saligna* Smith. M. Ferreira. Tese de Doutorado. ESALQ - USP – Universidade de São Paulo. 75 pp. (1968)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/1968_Mario+Ferreira_Densidade+Madeira.pdf

Estudo comparativo das propriedades físico-mecânicas da celulose sulfato de madeira de *Eucalyptus saligna* Smith, *Eucalyptus alba* Reinw e *Eucalyptus grandis* Hill ex. Maiden. R.A.G. Pereira. Tese de Doutorado. ESALQ - USP – Universidade de São Paulo. 134 pp. (1969)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/1969_Ronaldo_AG_Pereira_Celulose+Eucalyptus.pdf

O uso da madeira de *Eucalyptus saligna* na obtenção de celulose pelo processo bissulfito base magnésio. L.E.G. Barrichelo. Tese de Doutorado. ESALQ - USP - Universidade de São Paulo. 89 pp. (1971)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/O%20uso%20da%20madeira%20de%20Eucalyptus%20saligna%20Smith.pdf

Unbleached kraft pulp properties of some of the Brazilian and U.S. pines. C.E.B. Foelkel. Tese de Mestrado. State University of New York / Syracuse. Parcialmente realizada na ESALQ/USP. 204 pp. (1973)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/Unbleached%20kraft%20pulp.pdf

Estudo das características físicas, anatômicas e químicas da madeira de *Pinus caribaea* var. *hondurensis* para a produção de celulose kraft. L.E.G. Barrichelo. Tese de Livre Docência. ESALQ - USP - Universidade de São Paulo. 173 pp. (1979)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/Estudo%20das%20caracteristicas.pdf

Utilização da madeira com casca na produção de celulose sulfato de *Eucalyptus grandis* e *Pinus caribaea* var. *bahamensis.* J.O. Brito. Dissertação de Mestrado. USP - Universidade de São Paulo. 127 pp. (1979)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/Arquivo%2004_Utiliza%E7%E3o%20da%20madeira%20com%20casca.%20Disserta%E7%E3o%20prof.pdf

Influência da adubação mineral nas características dos anéis de crescimento da madeira de *Pinus caribaea* var. *bahamensis.* J.O. Brito. Tese de Doutorado. USP - Universidade de São Paulo. 131 pp. (1985)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/Arquivo%2005_Pinus%20caribaea.pdf

Estudo das influências da temperatura, taxa de aquecimento e densidade da madeira de *Eucalyptus maculata* e *Eucalyptus citriodora* sobre os resíduos sólidos da pirólise. J.O. Brito. Tese de Livre Docência. USP - Universidade de São Paulo. 88 pp. (1992)

https://repositorio.usp.br/item/000720109

Conversão do processo kraft em soda-DDA (sal di-sódico de 1,4-dihidro-9,10-dihidroxi antraceno) para madeira de eucalipto. F.G. Silva Júnior. Dissertação de Mestrado. USP - Universidade de São Paulo. 194 pp. (1994)

https://teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11149/tde-20191218-142829/publico/SilvaJuniorFrancidesGomesDa.pdf

Polpação kraft de eucalipto com uso de antraquinona, polissulfetos e surfactante. F.G. Silva Júnior. Tese de Doutorado. UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. 184 pp. (1997)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/1997_Polpazao+Kraft+Antraquinona+Sequestrante.pdf

Efeito do ritmo de produção em processos modificados de polpação para *Eucalyptus grandis* e *Populus tremuloides*. F.G. Silva Júnior. Tese de Livre Docência. USP - Universidade de São Paulo. 157 pp. (2005)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/01_Francides%20Gomes_Livre%20Docencia.pdf

Atualmente, as pesquisas e disciplinas sobre tecnologia de celulose e papel, tanto ao nível de graduação como pós-graduação, são de responsabilidade dos professores do Laboratório de Química, Celulose e Energia (LQCE).

Conheçam algo mais sobre o LQCE em:

https://lqce.org/ (Website do LQCE)

https://lqce.org/alumni/ (Galeria de ex-alunos e alunos atuais)

https://lqce.org/team/ (Equipe)

https://lqce.org/e-library/ (E-Library)

https://lqce.org/image-gallery/ (Imagens)

Aos professores Ronaldo Algodoal Guedes Pereira, Luiz Ernesto George Barrichelo, José Otávio Brito, Francides Gomes da Silva Júnior da SQCP/SQCE/LQCE, com os quais interagi e tenho interagido profissionalmente ao longo da carreira, meus parabéns e um sincero muito obrigado pelo muito que fizeram pelo setor, pelos ensinamentos e pela amizade. Aos laboratoristas que atuaram quase sempre no anonimato, mas que foram fundamentais pelo sucesso no treinamento de

alunos, estagiários e na maior parte das pesquisas realizadas, um grande obrigado àqueles com os quais interagi, conheci e aprendi: Antônio Luiz Gorga (Gorguinha), Sérgio Menochelli, Renato Monteiro, Bazanelli, Godinho, Miriam e Maria Regina Buch.

Aos demais professores, mesmo àqueles (que desconheço quais sejam) mencionados pelo Dr. Helládio em conversa particular comigo, que não acreditavam em minha recuperação para continuar sendo professor após a enfermidade de 1974/1975, parabéns pelo que trouxeram de sucessos ao Departamento de Silvicultura/Ciências Florestais e ao IPEF. E obrigado também pela amizade e por muitos desenvolvimentos conjuntos ao longo de décadas.

Ano 2007: Defesa da dissertação de Ana Gabriela Monnerat de Carvalho junto a Celso Foelkel, Luiz Ernesto George Barrichelo, Francides Gomes da Silva Júnior

LQCE LABORATÓRIO DE QUÍMICA, CELULOSE E ENERGIA USP

3. Celso Foelkel & ESALQ & Agronomia: Um Sonho da Infância e Juventude

A Agronomia e a ESALQ – Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" sempre foram meus sonhos de profissão e de onde encontrar a adequada formação, isso desde os três anos de idade. Meu pai (Edmundo Foelkel) até que sonhava uma carreira mais "moderna" para o filho, como engenharia eletrônica, que era a vedete nos anos 60's; porém a determinação e minha vocação natural acabaram por contagiá-lo e ganhei seu apoio e o da família à minha declarada vocação pela fotossíntese e pela produção vegetal e animal, bem como pelas coisas da natureza e do agronegócio.

Comecei a me preparar mais intensamente para o vestibular tão logo ingressei no colegial, no Instituto de Educação Experimental de Jundiaí. Dois de meus colegas de turma no Instituto também tinham mesmos sonhos de estudar na ESALQ e juntos conseguimos atingir esse objetivo em 1966: Renato Rappa (Carabinieri) e Fernando Del Porto Santos (Bichano). O ensino primário e secundário era algo notável nas escolas públicas da época: com bons professores e muitos livros e cadernos consegui adquirir o necessário embasamento para ser bem sucedido no vestibular da ESALQ. Preparei-me de forma exemplar, da mesma forma que outros amigos do Instituto se prepararam para os desafios das escolas que eles tinham escolhido. Ao terminar o científico (colegial da época), em final do ano 1965, me mudei para Piracicaba para cursar por um mês o "curso preparatório dos professores Torigoi e Zé Arthur" (com a finalidade de conhecer mais sobre as particularidades do vestibular da ESALQ).

Fui morar na república "Las Vegas", a convite do meu amigo, *primo* e colega de turma na ESALQ, o também jundiaiense Gilberto de

Barros Basile, o *Gil Pô*. Só me inscrevi para o vestibular da ESALQ, qualquer outra escola estava absolutamente fora de cogitações, por melhor que fosse seu *ranking* acadêmico. Fui uma dessas pessoas que tinha uma escola universitária e um vestibular como meta a atingir, e não queria nada mais que conquistar já na primeira tentativa. E para isso me prepararei muito, por três anos, desde o primeiro ano do colegial.

Conheçam um pouco sobre como consegui me preparar para o vestibular nos dois relatos a seguir:

Preparativos programados para sucesso no vestibular de 1966 na ESALQ – por Celso Foelkel

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/A_19_Preparando+Vestibular_ESALQ.pdf

Os cadernos do Celso Foelkel e o papel educacional, social, tecnológico e de formação pessoal dos mesmos – por Celso Foelkel

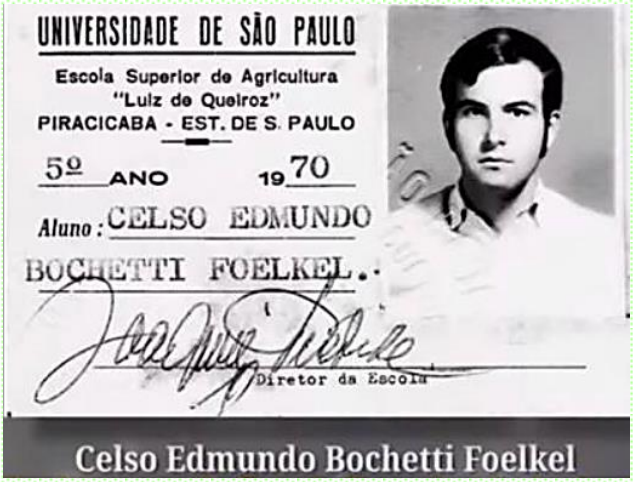
https://www.eucalyptus.com.br/artigos/A_18_Cadernos+Celso+Foelkel.pdf

Consegui muito sucesso no vestibular, apesar das angústias e das *unhas roídas* nas esperas para conhecer os resultados: passei em segundo lugar dentre os candidatos, imediatamente a seguir ao amigo Piava (Newman Ribeiro Simões). Quinze dias depois começavam as aulas para os 200 alunos selecionados e que comporiam a turma que denominamos de **A-70**, por ter-se formado no ano que corresponde ao quinto ano do curso, ou seja, o último na época. Apesar disso, as cerimônias da formatura da turma aconteceram em 07 e 08 de janeiro de 1971.

Centro Acadêmico Luiz de Queiroz
Universidade de São Paulo
Diploma
O Bicho Sabotagem que na pia batismal recebeu o nome de Celso Edmundo Bochetti F., tendo completado seu ciclo biológico aos desesseis dias do mês de abril do ano da graça de mil novecentos e sessenta e seis, recebe este Diploma, que lhe confere, AD PERPETUAM, o grau zoológico de HOMO SAPIENS e o título de Cavaleiro da Veneranda e Venerável Ordem Acadêmica de Luiz de Queiroz.
Piracicaba, 16 de abril de 1966
Ercilez Alves Pinheiro
PRESIDENTE
Antonio Carlos R. da Silva
DIRETOR SOCIAL
Paraninfo: Dr. Leopoldo Jr. (Eorus extrus europeus)
TIME - Anaconda

Diploma de bicho ao *Celsão* ou *Sabotagem*

CALQ – Centro Acadêmico "Luiz de Queiroz"

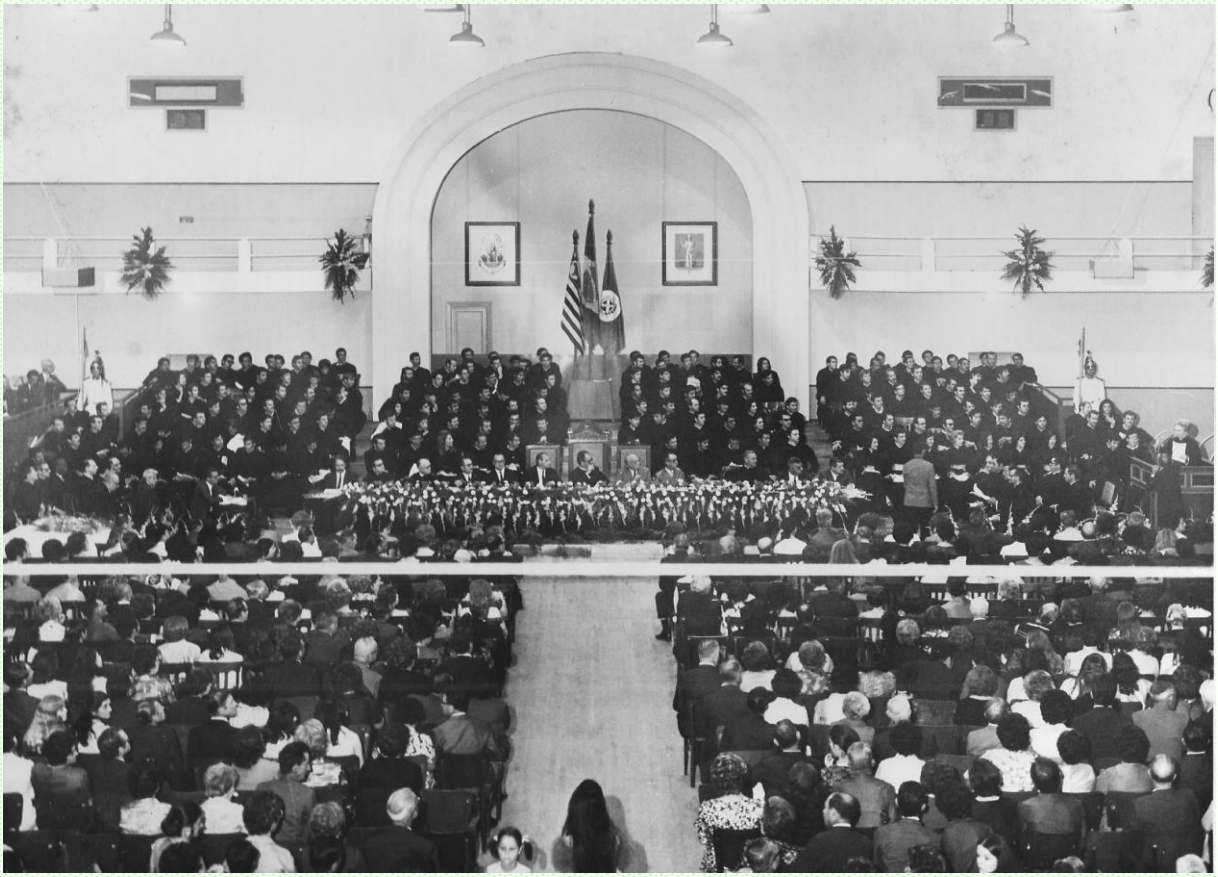

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Escola Superior de Agricultura
"Luiz de Queiroz"
PIRACICABA - EST. DE S. PAULO
5º ANO 1970
Aluno: CELSO EDMUNDO
BOCHETTI FOELKEL
Diretor da Escola
Celso Edmundo Bochetti Foelkel

Carteira de estudante do quinto ano da ESALQ

Fiz um curso absolutamente exemplar na ESALQ, um padrão de ensino notável, excelentes aulas práticas e teóricas e um estágio de 3,5 anos no Laboratório de Celulose e Papel e Química da Madeira, com meu estimado mestre e orientador professor Luiz Ernesto George Barrichelo.

Fui aluno aplicado e pontual, sempre procurando em livros e revistas, muito mais do que aquilo lecionado em aulas. Com essa filosofia de rato de bibliotecas e de estudar os temas de forma mais ampla do que apenas o lecionado em aulas, acabei por me formar em primeiro lugar da turma de formandos, tendo recebido diversas premiações correspondentes tanto à melhor média dos cinco anos do curso (8,96 foi a minha média de todas as disciplinas) como também de grupos de matérias que resultavam em premiações mais específicas.

Entrega do Prêmio "Luiz de Queiroz" pelo Dr. Ferdinando Galli



Sessão de Formatura ESALQ A-70

Um extenso e amplo Relato de Vida sobre a turma de Engenharia Agronômica da ESALQ formada em 1970 (Turma A-70) foi produzido por mim em 2022 com a colaboração de diversos colegas da turma que supriram documentos, fotos, causos, etc.

Esse relatório está disponível para acesso em:

Relato de Vida por Celso Foelkel: **Turma A-70 da ESALQ Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" Universidade de São Paulo**

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/Relatos_ESALQ_A70_CelsoFoelkel.pdf

REPUBLICA·FEDERATIVA·DO·BRASIL

UNIVERSIDADE·DE·SÃO·PAULO

ESCOLA·SUPERIOR·DE·AGRICULTURA

"LUIZ·DE·QUEIROZ"

Eu, Prof. Dr. Ferdinando Galli, Diretor da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", da Universidade de São Paulo, usando da autoridade que me outorga o regulamento desta Escola, confiro ao Senhor Celso Edmundo Bochetti Foelkel natural de São João da Boa Vista, Estado de São Paulo, nascido em 5 de abril de 1948, filho de Edmundo Foelkel e de D. Eugenia Bochetti Foelkel, o Diploma de ENGENHEIRO·AGRÔNOMO, cujo curso terminou em novembro de 1970, para que goze dos direitos e prerrogativas que as leis do país lhe concedem.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"

PIRACICABA – SÃO PAULO – BRASIL

CERTIFICADO

Eu Prof. Dr. Ferdinando Galli, Diretor da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", da Universidade de São Paulo, em Piracicaba, Certifico que o Sr. CELSO EDMUNDO BOCHETTI FOELKEL, Engenheiro-Agrônomo, diplomado por esta Escola em novembro, de 1970 foi aprovado no ramo diversificado de SILVICULTURA, de acôrdo com o que estabelece o parágrafo único do Artigo 109, da Portaria n.º 64, de 26 de junho de 1964.

Piracicaba, 7 de janeiro de 1971

Diretor — Diplomado — Secretário

Diploma de formatura em Engenharia Agronômica e certificado da diversificação dem Silvicultura

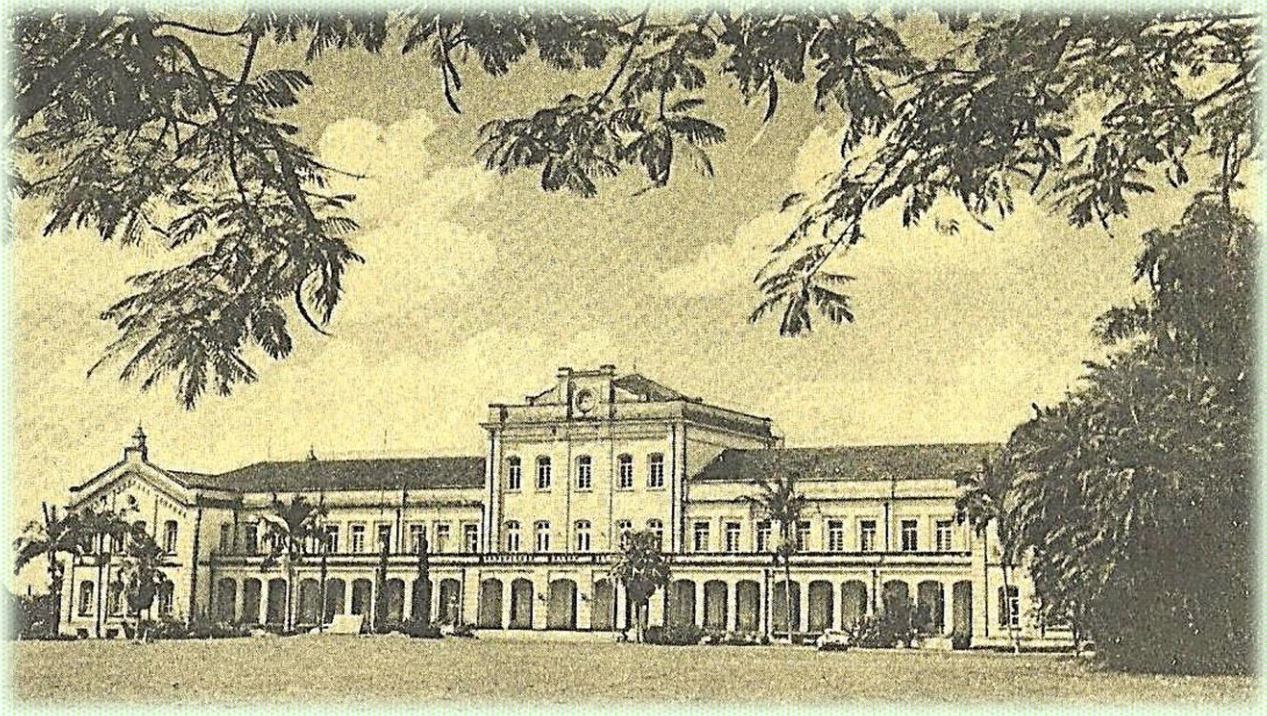
Também consegui resgatar o Histórico Escolar como aluno da ESALQ, desde o vestibular com as matérias que compunham o mesmo e as respectivas notas. Também estão incluídas todas as disciplinas e avaliações ao longo de curso entre 1966 a 1970.

Histórico Escolar: Celso Edmundo Bochetti Foelkel. ESALQ – Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". USP – Universidadede São Paulo. 04 pp. (1971)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/ESALQ_Historico+Escolar_Celso+Foelkel.pdf

ESALQ-USP

Nossa amada, gloriosa e respeitada ESALQ



4. Celso Foelkel & ESALQ & Silvicultura: A opção logo no primeiro semestre de 1967 (Segundo ano acadêmico)

O antigo Horto Florestal "Navarro de Andrade"

Hoje FEENA - Floresta Estadual "Navarro de Andrade"

Berço e nascedouro da minha inspiração silvicultural

Nos anos 1960's, o Horto Florestal de Rio Claro constituía-se em uma estação de pesquisas e demonstrações florestais da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Ali foram feitos os muitos estudos pelo engenheiro agrônomo Edmundo Navarro de Andrade e sua valiosa equipe, para tornar as espécies de *Eucalyptus* adaptadas às muitas utilizações e às altas taxas de crescimento no Brasil. Havia também produção comercial de madeira para suprir as necessidades da empresa ferroviária em postes, dormentes, moirões, lenha, etc.

Já tive algumas oportunidades de escrever sobre como surgiu esse horto florestal e como ele foi importante para o Brasil. Também consegui resgatar diversos dos livros de Edmundo Navarro de Andrade e de tornar os mesmos disponíveis na web, graças à colaboração dos familiares dele, do IPEF – Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais, da ABTCP – Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel e do Instituto Florestal do Estado de São Paulo.

Conheçam isso em:

https://www.eucalyptus.com.br/newspt_out09.html#quatro (Livros históricos sobre os eucaliptos escritos por Edmundo Navarro de Andrade, Armando Navarro Sampaio e Octávio Vecchi)
e

https://www.eucalyptus.com.br/newspt_out09.html#um (FEENA - Floresta Estadual "Edmundo Navarro de Andrade")
e
https://www.eucalyptus.com.br/newspt_out09.html#dois (Museu do Eucalipto)

Esse horto e seus eucaliptos tiveram papel decisivo na seleção da área da agronomia que eu queria me dedicar – que foi a silvicultura, mais tarde rebatizada e ampliada para Engenharia Florestal na ESALQ.

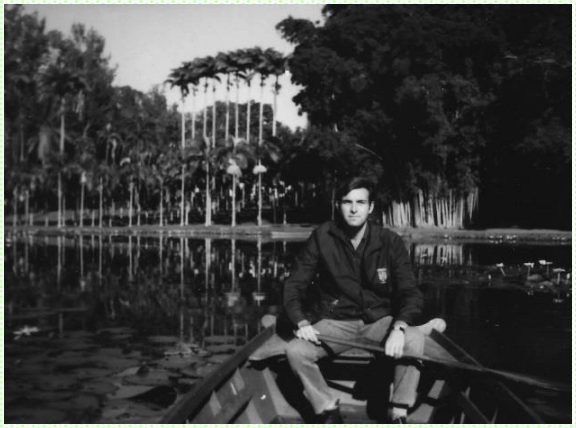
Nos anos 1960's, era comum que nós estudantes de agronomia da ESALQ nos aventurássemos em viagens de carona para conhecer locais de interesse, casas de colegas no interior, etc. Um dia, por volta de meados de 1967, eu e o Arlei Arnaldo Madeira, meu colega de turma e na CEA - Casa do Estudante de Agronomia, decidimos ir visitar o Horto de Rio Claro. A gente já estava começando a estudar silvicultura e isso serviu de base para motivar a viagem. Rio Claro era perto, não mais que uma hora de carro e a carona não foi difícil de ser conseguida. Até mesmo tínhamos colegas de turma de Rio Claro.

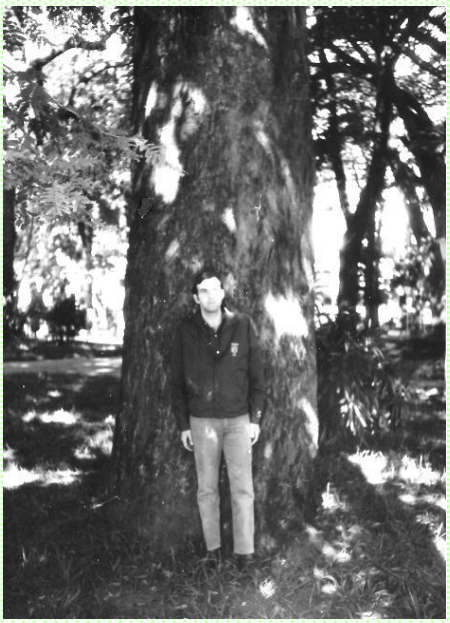
Eu estava chegando a momento de decidir o que fazer de especialização dentre as opções do curso de agronomia, e estava sem saber exatamente qual seria a minha área de concentração: estava em dúvidas sobre suinocultura, bioquímica, fisiologia vegetal, solos, mineralogia, enfim, eram todas ciências que me atraiam.

Entretanto, uma simples visita ao Horto Florestal de Rio Claro foi suficiente para me acelerar os batimentos do coração e eleger a silvicultura como minha opção de especialização na agronomia. Definitivamente, uma escolha que me orgulho de ter realizado, um privilégio essa carreira. Complementarmente a essa seleção, na ESALQ, já no segundo ano, estávamos tendo aulas com o renomado guru da silvicultura brasileira, Dr. Helládio do Amaral Mello, o que serviu para consolidar minha vocação. As peças do quebra-cabeça se encaixaram definitivamente para a composição de minha vida profissional até hoje.

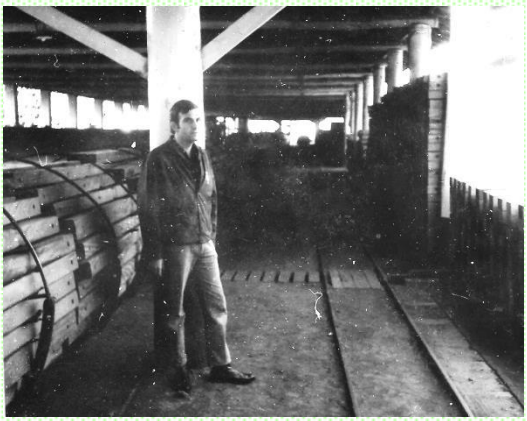
Ao conhecer o Horto Florestal eu de imediato me encantei com as florestas de eucalipto, com seu odor, vigor, forma das árvores e inúmeras utilizações. Surgiu dai a decisão imediata de me diversificar em Silvicultura, o que fiz e que acabou direcionando toda minha carreira. Visitei esse horto diversas vezes, durante o curso na ESALQ e depois disso. Também, para lá voltei diversas vezes – uma delas durante o resgate histórico que fizemos eu e o professor Luiz Ernesto George Barrichelo sobre os livros do engenheiro agrônomo Edmundo Navarro de Andrade, considerado "o pai da silvicultura brasileira".

Seguem algumas fotos sobre aquelas visitas e sobre aquela época quando eu começava a eleger e a trilhar a rota florestal:





Celso e Arlei em visita ao Horto Florestal de Rio Claro e Prema (empresa de tratamento de madeira relacionada ao horto)



Celso (1967) e Lorena (1971) em visita ao Horto de Rio Claro

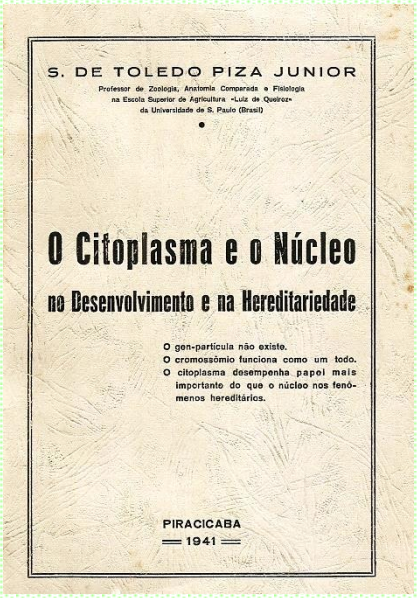
Fotos da nossa turma de seis alunos da Diversificação em Silvicultura da ESALQ formada em 1970 (Turma A-70)
(Marcelão, Alemão, Xaruto, Celsão, Lulu e Aninha):

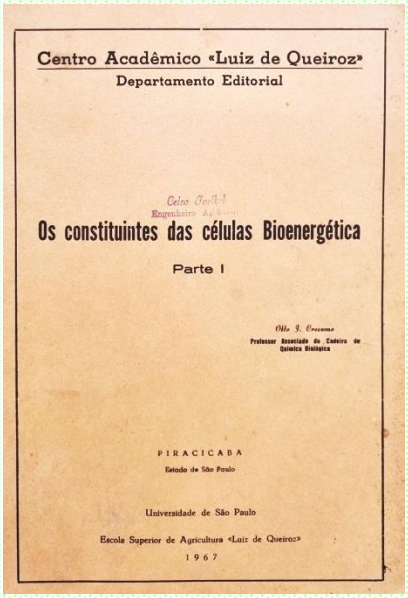
Fonte das Imagens:

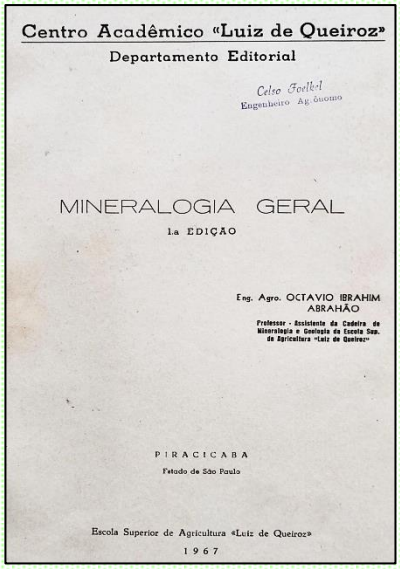
https://www.eucalyptus.com.br/artigos/Relatos_ESALQ_A70_CelsoFoelkel.pdf

Algumas das leituras da época para tomada de decisão sobre a opção de carreira

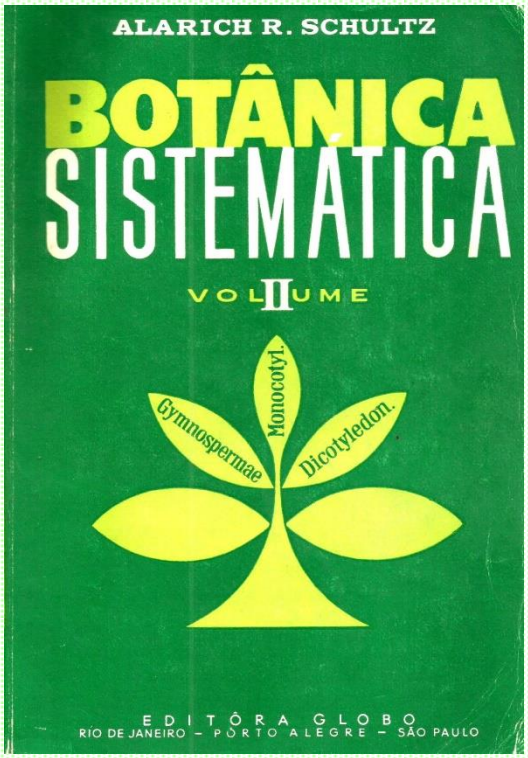
As opções para eleger minha especialização de carreira na ESALQ se baseavam em *inputs* que vieram da época do colegial (gostava muito de botânica e física), das aulas na ESALQ [as magníficas performances dos professores Salvador de Toledo Piza (biologia molecular), Otto Jesu Crócomo (bioquímica), Helládio do Amaral Mello (silvicultura) e Eduardo Castanho Ferraz "Dadinho" (fisiologia vegetal)], bem como de um curso externo que assisti e gostei muito sobre avaliação de carcaças suínas, embora não tenha sido a zootecnia algo que me entusiasmou quando assisti as disciplinas a ela relacionadas no terceiro e quarto ano na ESALQ.

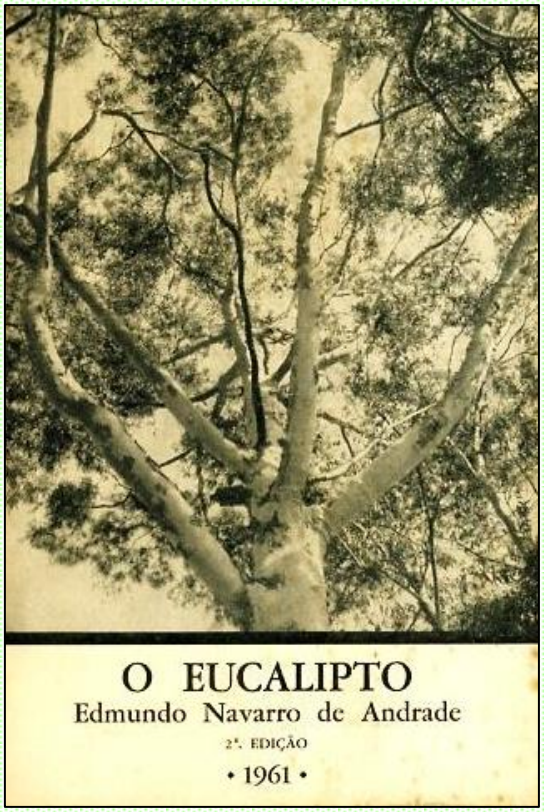






JOHANNES VAN OVERBEEK
práticas
Harry K. Wong
COMO VIVEM
AS PLANTAS
PIONEIRA


ALARICH R. SCHULTZ
BOTÂNICA
SISTEMÁTICA
VOLUME II
Gymnospermae
Monocotyl.
Dicotyledon.
EDITÔRA GLOBO
RIO DE JANEIRO – PÔRTO ALEGRE – SÃO PAULO


O EUCALIPTO
Edmundo Navarro de Andrade
2ª. EDIÇÃO
• 1961 •

5. Celso Foelkel & ESALQ & Celulose & Papel: A opção por um estágio acadêmico que determinou uma bem sucedida carreira profissional

Em agosto de 1967, eu começava a atuar no setor de base florestal, área especificamente de tecnologia de celulose e papel, através de um estágio conquistado para pesquisar e aprender na então SQCP - Seção de Química, Celulose e Papel, da Cadeira de Silvicultura (atualmente Departamento de Ciências Florestais) da ESALQ – Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" – Universidade de São Paulo.

A seleção para o estágio consistiu em mais um dos meus causos épicos, pois foi feita por entrevistas individuais entre diversos alunos da ESALQ (acredito que eram mais de 20). Tudo aconteceu no final do primeiro semestre de 1967. Nós estávamos tendo aulas teóricas de Silvicultura com alguns dos melhores professores da ESALQ (Helládio do Amaral Mello & Ronaldo Algodoal Guedes Pereira).

As aulas aconteciam no Pavilhão de Horticultura/Botânica, onde se localizavam as instalações da Cadeira de Silvicultura. Dentre os laboratórios existentes no andar do prédio onde estava a Silvicultura encontravam-se os da SQCP – Seção de Química, Celulose e Papel, que eram gerenciados pelo professor Luiz Ernesto George Barrichelo e que nos ensinava sobre isso nas aulas práticas. Em diversas situações, quando se descarregavam os cozimentos kraft realizados na Área de Polpação da Madeira, todo o prédio era inundado pelo odor característico do processo. Isso sem distinção de matéria-prima vegetal sendo deslignificada. No início, os alunos olhavam desconfiados para os demais, mas logo nos acostumamos com o cheiro e até se faziam piadas sobre o odor. Nas aulas do professor Barrichelo, a gente se inteirava dos potenciais do setor brasileiro de celulose e papel, e isso me chamou a atenção.

Em um dos dias de 1967 apareceu um aviso no mural do setor informando sobre a seleção para três vagas de estágio não remunerado para quem quisesse se aventurar. Surpreendentemente, a procura foi grande, mesmo se sabendo que não haveria bolsas de estudos e mesmo se conhecendo o que teríamos de odor pela frente.

No dia da entrevista se formou uma fila e os candidatos um a um entravam em uma sala e eram sabatinados pelo professor Barrichelo e pelo professor Ronaldo. O laboratório de celulose e papel tinha sido construído pelo esforço, dedicação e visão do professor Ronaldo Algodoal Guedes Pereira que estudara nos Estados Unidos sobre o tema e tinha uma boa ligação com a FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e com a empresa Champion Papel e Celulose, que era de origem norte-americana, mas com fábrica em Mogi-Guaçu, não

muito longe de Piracicaba. O professor Luiz Ernesto George Barrichelo tinha a gestão operacional dos diversos laboratórios do setor: Química da Madeira, Polpação, Preparação de Folhas e Ensaios do Papel ou Celulose. Eram laboratórios muito bem construídos e equipados para a época, por isso o grande interesse para os alunos que se candidataram ao estágio.

Quando chegou a minha vez fui interrogado primeiro pelo professor Barrichelo que me fez uma pergunta inicial que acabou sendo a única: "Se você tivesse que comprar um único livro, compraria um livro de "Química Geral" do renomado autor Linus Pauling, ou um livro conceituado de "Silvicultura Geral"". Eu de pronto respondi que compraria o de Silvicultura. Não deu outra, o professor Barrichelo me dispensou e me mandou para ser interrogado pelo professor Ronaldo. Esse se surpreendeu com a velocidade da minha entrevista anterior e perguntou o porquê da rapidez. E eu expliquei que isso acontecera tão logo eu respondi sobre a compra do livro sobre silvicultura. Com respeito, o professor Ronaldo me perguntou por que essa opção de compra. E eu respondi também de pronto: "Acredito que para se produzir celulose e papel é necessário se ter um manejo silvicultural mais apropriado para que as árvores possam resultar em melhores produtos celulósicos". "Por isso, a opção de compra para um livro sobre manejo silvicultural, para melhorar a qualidade do produto".

Ele também foi conciso nas perguntas, havia ainda muita gente na fila, fez mais algumas perguntas sobre minha vocação, estudos, disciplinas e me dispensou.

Sai meio arrasado da sala, achei que tinha perdido a chance de estágio e de possível carreira. Na semana seguinte fui um dos selecionados juntamente com outros dois alunos de minha turma: Fernando Ferreira de Camargo (Alemão) e José Osmar Lorenzi (Sartinho).

Até hoje me questiono sobre como os dois professores chegaram a meu nome para ser estagiário. Professor e amigo Luiz Barrichelo sempre disfarçou quando lhe pergunto sobre isso. Mas acredito que houve muito do *faro aguçado* do saudoso professor Ronaldo.

Desde que eu iniciei meu estágio na SQCP da ESALQ/USP ficou claro para mim que um dos nossos grandes desafios seria entender as matérias-primas florestais das fontes de fibras celulósico-papeleiras para a conversão industrial em celulose e papel. Isso significava estudar muito bem as inter-relações entre qualidade das fibras de espécies florestais ou não como as de *Eucalyptus*, *Pinus*, *Araucaria*, *Acacia*, *Mimosa*, Bagaço, Bambu, etc. com as qualidades de seus papéis e o desempenho das mesmas na conversão a celulose (polpação e branqueamento) e fabricação de tipos diferenciados de papéis. Sendo na época os eucaliptos (*Eucalyptus*), os pinheiros (*Pinus* e *Araucaria*), o bagaço de cana e o

bambu as fontes de fibras mais promissoras e usuais para essa indústria no Brasil, colocamos muito foco em estudar o máximo possível tudo que pudesse servir de alavancagem para o crescimento competitivo das suas plantações e para otimização dos processos de industrialização em celulose e papel. Na época, as carências eram enormes em nosso País: faltavam técnicos qualificados e com habilidade de redação de artigos, faltavam professores e universidades especializadas em temas do setor, faltavam laboratórios e institutos de pesquisa tecnológica setorial, enfim faltava quase tudo que se necessitasse para a rápida evolução tecnológica. Dessa forma, a oferta de textos para as revistas era mínima.

Em início de 1967, havia sido fundada em São Paulo a ABCP – Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel (atual ABTCP), sendo que um dos sócios fundadores foi o professor Barrichelo. Tanto eu como a ABTCP temos praticamente a mesma idade em termos de setor, sendo a ABTCP mais antiga por apenas alguns poucos meses. Filiei-me como sócio estudante à ABCP em 05 de fevereiro de 1968, guiado até ela pelo meu mestre, orientador no estágio, guru e mentor e que me introduziu nas tecnologias do setor, o professor Dr. Luiz Ernesto George Barrichelo. Em uma das idas dele a São Paulo para uma reunião/evento da associação, ele me levou junto e eu me filiei à entidade como sócio estudante, no início do estágio.

A ABCP/ABTCP realizava eventos e mantinha parceria com uma revista setorial denominada "O Papel". Infelizmente, a maior parte dos artigos publicados pela revista O Papel desde sua criação até a fundação da associação era de artigos traduzidos de revistas papeleiras de origem da Alemanha, Suécia, Finlândia, Estados Unidos, Austrália e Canadá. A revista era volumosa, mas a maior parte das páginas continha anúncios de fornecedores do setor, como consequência e mesmo assim, essas revistas antigas conseguem hoje nos mostrar os principais atores setoriais da época e o que de tecnologias existiam disponíveis naqueles momentos para nosso País.

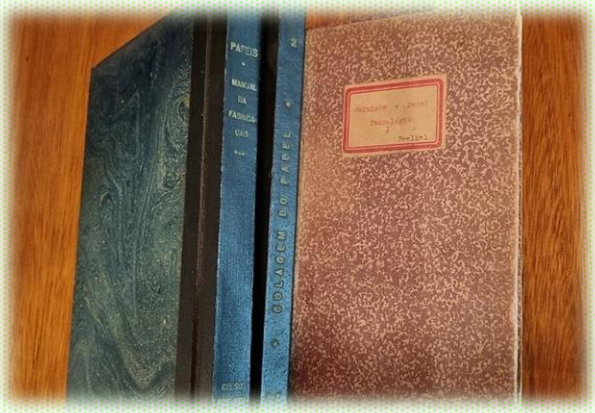
Frente a essa situação histórica, quando eu me iniciei no setor em 1967 não havia quase nada disponível para estudar sobre o setor e suas tecnologias no idioma Português. Isso já me foi alertado no primeiro dia de meu estágio pelo professor Barrichelo, que possuía uma boa e adequada coleção de livros técnicos de celulose, papel e madeira em idioma Inglês. Ele também era sócio da TAPPI – Technical Association of the Pulp and Paper Industry, dos Estados Unidos da América, e as fontes principais de materiais utilizados a partir dessa entidade eram: a revista Tappi Journal e seus valiosos conteúdos e os renomados Tappi Standard Methods, Tappi Information Sheets e Tappi Useful Methods.

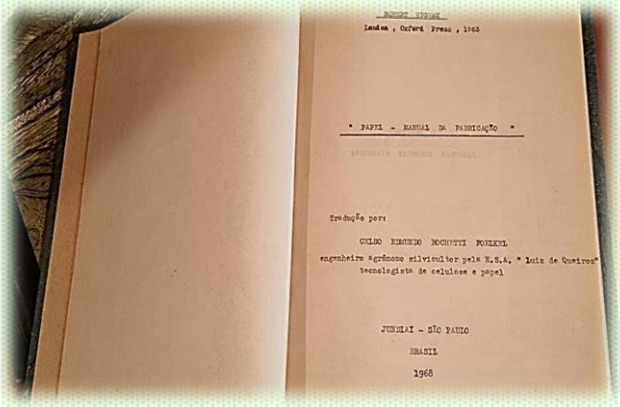
Tão logo conversei com o professor Barrichelo nesse primeiro dia de estágio, eu recebi dele alguns livros em Inglês e muitas revistas Tappi Journal para pesquisar e estudar. Trabalhei muito duro nisso, com enorme dedicação e comprometimento, pois aprendi inglês pelo jeito mais difícil: sozinho e traduzindo livros e revistas com auxílio de um pequeno dicionário Inglês/Português, ferramenta que usei muito quando estudante e mantenho até hoje como relíquia histórica. Eu conseguia ler e entender o que estava escrito nos livros, mas sequer conseguia falar, pois não conhecia as pronúncias das palavras.

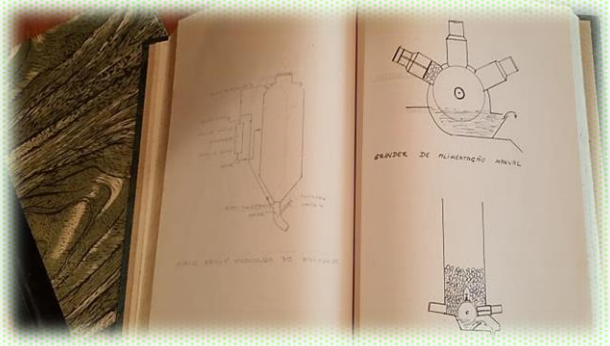
A literatura principal que se dispunha na época eram textos em idioma inglês ou alemão de autores norte-americanos, suecos, finlandeses, alemães e canadenses, a maioria na forma de livros com muitas páginas e textos muito claros, elaborados com base na melhor ciência e tecnologia disponível para os tempos. Pela proximidade cultural e pela facilidade maior com o idioma Inglês, grande parte dos livros técnicos disponíveis no Brasil nessa época pioneira eram em inglês e de autores norte-americanos, ou de outras nacionalidades, mas com versão disponível em Inglês. Grande parte desses livros ainda se constitui em notáveis fontes de conhecimentos e podem ser facilmente encontrados em livrarias ou sebos online onde se podem comprar muitos deles no formato de livros usados por preços bastante módicos.

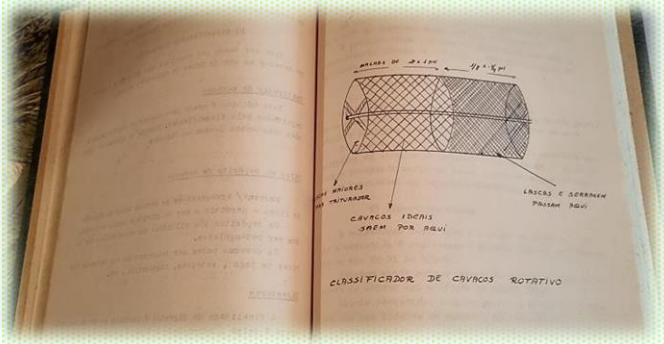
Alguns dos livros que me emprestou o professor Barrichelo, eu não apenas os traduzi para o Português, mas também datilografei os textos na versão gerada e montei uma edição do livro em Português na forma encadernada de capítulos chaves desses livros. Também me dediquei a compor os ensinamentos recebidos na forma de cadernos editados e com os textos que eu estudava e anotava dos ensinamentos recebidos ou estudados.

A Handbook of Papermaking. Robert R. A. Higham. Oxford University Press. (1963)

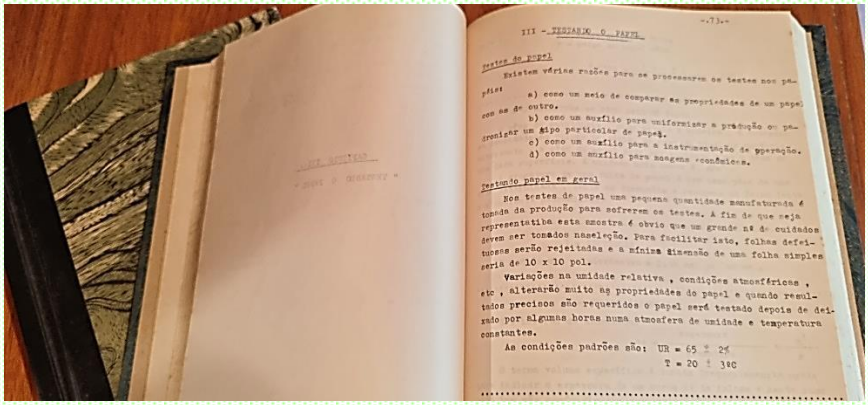


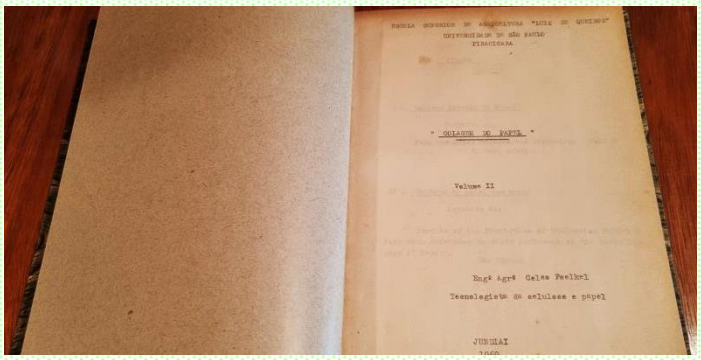


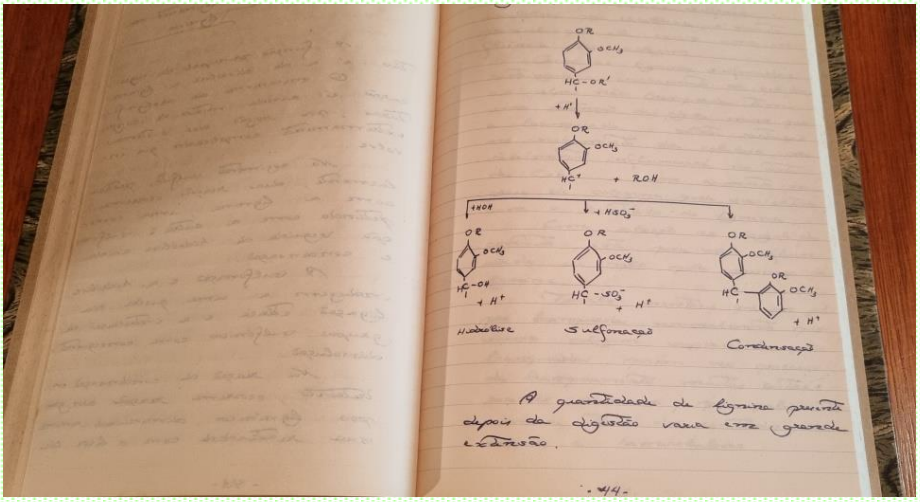




Meus livros e cadernos produzidos para estudos







Vejam um pouco dessa história em um texto já citado nesse relato:

Os cadernos do Celso Foelkel e o papel educacional, social, tecnológico e de formação pessoal dos mesmos – por Celso Foelkel

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/A_18_Cadernos+Celso+Foelkel.pdf

A Cadeira de Silvicultura esteve abrigada na época do estágio no Prédio da Horticultura e Botânica da ESALQ

Fui estagiário da SQCP durante 3,5 anos durante minha graduação na ESALQ, sem nunca ter recebido bolsa de estudos via ESALQ ou similares às que se ofereciam na época. Mesmo assim, eu me sustentava bem com outros recursos e permanecia no estágio inclusive nas férias escolares. Meu pai, que trabalhou por décadas no atual Banco Itaú, conseguiu junto à diretoria do banco uma espécie de bolsa mensal para meus estudos, sendo que isso foi mantido por todos meus estudos na

ESALQ e inclusive depois nos Estados Unidos da América, quando de meus estudos de pós-graduação.

Fui um estagiário muito dedicado e colocava enorme esforço para poder aprender com os mestres e com as leituras de artigos e livros. Entretanto, o maior aprendizado consolidava-se com as práticas e experiências das pesquisas e as visitas que eu realizava com os professores em eventos, reuniões e empresas do setor de base florestal, tanto às florestas como às fábricas.

Um motivo de grande júbilo para mim e também família foi minha primeira publicação em parceria com o professor Barrichelo em um dos congressos técnicos da ABTCP, em 1969:

Influência da gramatura sobre as propriedades físico-mecânicas da celulose. L.E.G. Barrichelo; C.E.B. Foelkel. 2ª Convenção Anual. ABTCP – Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel. 18 pp. (1969)

http://celso-foelkel.com.br/artigos/ABTCP/Influ%EAncia%20da%20gramatura.pdf

No estágio eu tinha muita liberdade de ação e uma enorme vontade de vencer nesse segmento, pelo potencial que ele possuía para nosso País. Os dois colegas de turma selecionados também para estagiar não ficaram muito tempo, sequer chegaram a publicar algo sobre seus estudos e trabalhos. Por outro lado, ao longo dos anos de estágio e de trabalho nos laboratórios da SQCP eu pude interagir com estagiários ou estudantes de diversos setores do departamento em áreas afins, realizando projetos de pesquisas e publicando alguns artigos com eles. Dentre eles, destaco os estudos e pesquisas realizados com: Aline Célia Banzatto Amaral, Antônio Rioyei Higa, Celina Ferraz do Valle e Maria Aparecida Mourão Brasil. Seguem alguns dos artigos publicados, mas existem outros tipos de pesquisas, relatórios e desenvolvimentos conjuntos que não foram objeto de publicação. Em resumo, a interação entre setores dentro do departamento era saudável, intensa e bastante apropriada aos desenvolvimentos de novas pesquisas e de geração de conhecimentos e experiência aos próprios estudantes. Em alguns casos, frente ao tempo que se tomava e ainda toma para escrever e publicar um artigo, as edições que os contêm são de alguns poucos anos mais tarde em relação ao tempo das práticas laboratoriais ou de campo das pesquisas.

Métodos de determinação da densidade básica de cavacos para coníferas e folhosas. C.E.B. Foelkel; M.A.M. Brasil; L.E.G. Barrichelo. IPEF (2/3): 65 – 74. (1971)

http://www.ipef.br/publicacoes/scientia/nr02-03/cap04.pdf

Métodos de determinação da densidade básica de cavacos para coníferas e folhosas. C.E.B. Foelkel; M.A.M. Brasil; L.E.G. Barrichelo. O Papel (Agosto): 57 - 61. (1972)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/outros/1972_Metodos_OPapel.pdf

Variação das características e das propriedades físico-mecânicas com refinação da celulose sulfato de madeira de *Eucalyptus saligna* Smith. M.A.M. Brasil; C.E.B. Foelkel; L.E.G. Barrichelo; A.R. Higa. IPEF 5: 33 – 45. (1972)

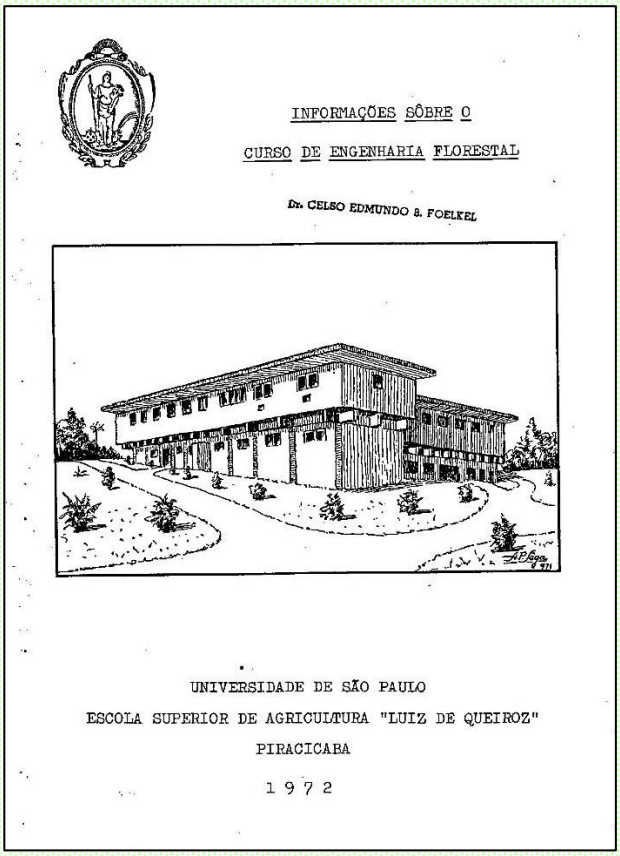
http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/IPEF/1972%20%20e%20saligna%20%20Varia%E7%E3o%20propriedades%20da %20celulose%20com%20a%20refina%E7%E3o.pdf

Variações das características da madeira e propriedades da celulose sulfato de *Pinus oocarpa* em função da idade do povoamento florestal. C.E.B. Foelkel; L.E.G. Barrichelo; A.C.B. Amaral; C.F. Valle. IPEF 10: 81 – 87. (1975)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/IPEF/1975e%20%20pinus%20oocarpa.pdf

A relação com o professor Barrichelo não era algo muito fácil, pois tanto eu como ele não guardávamos palavras e éramos diretos um com o outro. Sem segredos, e com falas diretas, às vezes nos estranhávamos, mas acabamos nos entendendo bem por mais de 55 anos. Quando se falava em trabalho, nós ambos sempre tivemos muita garra, vontade e determinação. E também, sempre fomos muito cuidadosos na qualidade dos dados e escritas. Se tivéssemos dúvidas repetíamos tudo, pois já praticávamos, antes mesmo de terem sido lançados, os conceitos de qualidade total e da certificação IS0 9000.

O somatório de sinceridade, determinação e muito trabalho resultou em uma amizade sincera e sem ressentimentos entre nós, muito respeito profissional e pessoal, acredito que de forma recíproca.



INFORMAÇÕES SÔBRE O

CURSO DE ENGENHARIA FLORESTAL

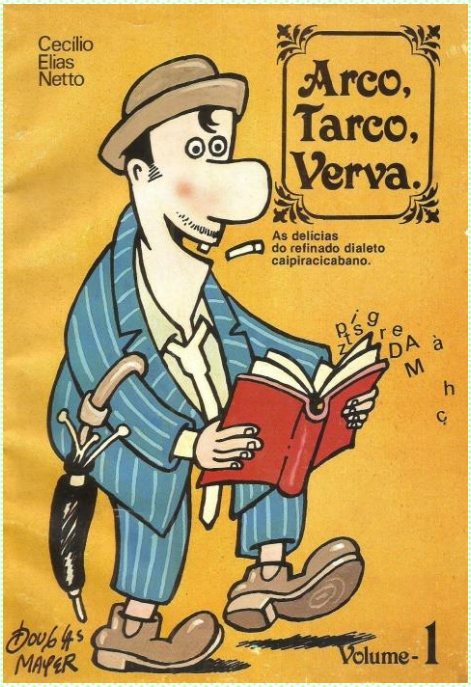
Dr. CELSO EDMUNDO B. FOELKEL

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

PIRACICABA

1 9 7 2



ESALQ, USP e Departamento de Ciências Florestais como parte da rica cultura e história da cidade de Piracicaba

Quando me formei, em 1970, surpreendi meus mestres do Departamento de Silvicultura que sequer imaginavam que eu seria o primeiro aluno da turma em média geral dos cinco anos e com diversas premiações recebidas durante a etapa acadêmica de formação em agronomia e diversificação em silvicultura na ESALQ. Eu até que compreendo essa situação, pois eu fui um aluno dedicado, mas nunca aceitei os ensinamentos sem debater sobre eles, quando me causavam algum tipo de insatisfação, não conformidade ou não entendimento. Talvez isso tenha levado meus mestres da época a me considerarem um "aluno meio malcriado" ou até "um menino rebelde", como definiu uma vez o chefe do Departamento de Silvicultura, Dr. Helládio do Amaral Mello, já que era comum a submissão dos alunos aos professores. Ou até mesmo dos professores menos graduados em relação à chefia.

Uma surpresa e um encantamento aconteceram com o convite para que eu continuasse me aperfeiçoando em celulose e papel em curso de pós-graduação no exterior. No retorno, eu poderia continuar como professor e pesquisador desses temas na ESALQ, o que me motivou enormemente para me preparar para cumprimento dessas metas.

Quando me candidatei ao estágio e durante os anos de estudos em celulose e papel, minha meta não estava focada em ser professor da ESALQ, mesmo considerando que eu tinha vocação natural para compartilhar conhecimentos com as pessoas através de atividades didáticas e não didáticas (emprestando meus cadernos de anotações, oferecendo sugestões de leituras, explicando temas complexos, etc.). Meu real propósito na época inicial do estágio era ganhar qualificação para poder atuar nesse setor que era carente de profissionais com especialização. "E viajar para locais nunca antes navegados por mim".

Na época, era comum a presença de profissionais estrangeiros (alemães, finlandeses, suecos, chilenos, norte-americanos, argentinos, canadenses, judeus, árabes, etc.) no setor brasileiro de celulose e papel. Isso em função de não existirem escolas orientadas para esse tipo de formação. Quem mais conseguia formar na época alguns profissionais para esse tipo de carreira no Brasil era a engenharia química em algumas universidades: Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Isso em função de alguns institutos de pesquisa próximos como o IPT – Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo e INT – Instituto Nacional Tecnologia no Rio de Janeiro.

Quando comecei o estágio fui alertado pelo professor Barrichelo que a área industrial do setor de celulose e papel não era muito afim com as carreiras dos engenheiros agrônomos e florestais (*naquela época*). Por isso, ele via muitas dificuldades para esses tipos de engenheiros penetrarem nas áreas operacionais e de engenharia dessas fábricas. Entendia ele que teríamos mais afinidades com trabalhos em laboratórios de pesquisa e controle de qualidade e estudos sobre as matérias-primas fibrosas de origem florestal.

Ao receber o potencial convite para ser professor/pesquisador em futuro que seria não muito distante e ir antes estudar no estrangeiro, eu entendi ser essa oportunidade algo que poderia enobrecer em muito a minha formação. Ter a chance quase única de ir estudar sobre celulose e papel no exterior foi o atingimento de um sonho que eu ainda não tinha tido. Por isso mesmo, coloquei como meta estudar lá fora principalmente temas que eu desconhecia e que poderiam me colocar em um nível diferente daquele que o professor Barrichelo me havia alertado no início do estágio sobre o campo de atuação para engenheiros agrônomos e florestais. Entendi que seria o momento de estudar principalmente as operações unitárias da engenharia química e os balanços de energia e materiais diretamente associados às tecnologias de celulose e papel. E faria isso no exterior, obter a chance de ser também um engenheiro papeleiro e não tão somente agrônomo silvicultor com alicerces florestais.

Quando retornasse do curso, poderia como professor colaborar para que a engenharia florestal brasileira pudesse realmente formar engenheiros especializados em celulose e papel a um nível similar ou mesmo melhor do que os engenheiros químicos, por termos também os bons conhecimentos sobre as madeiras (anatomia, química e qualidade). Queria formar engenheiros para trabalhar tanto nas operações das fábricas como nos laboratórios de pesquisa e qualidade. Quaisquer que fossem os tipos de engenharia que tivessem cursado: Agronomia, Florestal, de Produção, Química, etc. ***Isso para mim se tornou um Plano de Vida e mais que isso, um Sonho Inacabável e que perdura até hoje***: queria e quero muito ajudar não apenas os meus futuros alunos, mas principalmente o Brasil, que sempre teve muito potencial para crescer e melhorar sua posição global nesse segmento industrial e do agronegócio.

A escolha pelo College of Environmental Sciences and Forestry para meus estudos futuros teve dois fatores chaves:

- Os alunos formados por essa renomada instituição tinham oportunidades de trabalho em fábricas norte-americanas e globais de celulose e papel;

- O professor Antônio Paulo Mendes Galvão, do nosso Departamento de Silvicultura, estava finalizando estudos de doutorado naquela renomada instituição e poderia me ajudar com a logística e dados da vida na cidade de Syracuse no estado de New York. No momento de minha ida para os Estados Unidos, que aconteceu em janeiro de 1972 eu e Lorena já estávamos casados e no aguardo do nascimento de nossa primeira filha, a Alessandra.

Entretanto, a mudança para os USA não seria imediata, havia requisitos a serem preenchidos e isso demandou o ano de 1971 para que todos pudessem ser atingidos.

Atualmente, pode-se conhecer a história da antiga SQCP, depois SQCE a atualmente LQCE – Laboratório de Química, Celulose e Energia em seu website no endereço: https://lqce.org/

E também em publicações, como a encontrada no Jornal do Convênio USP/IPEF nº 9 de Junho de 1987, a seguir:

O Setor de Química, Celulose e Energia

Neste ano de 1987, a Esalq comemora 25 anos da instalação do laboratório de tecnologia de celulose e papel, que foi o ponto de partida do SETOR DE QUÍMICA, CELULOSE E ENERGIA (SQCE) do Departamento de Ciências Florestais.

No ano de 1962, coincidindo com a criação da Cadeira nº 23-Silvicultura, a Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) doava um completo laboratório mercê do esforço dispendido pelo dr. Ronaldo A. G. Pereira, na época professor da Esalq. Naquela oportunidade, já se vislumbrava a possibilidade da atuação do engenheiro florestal nesta área, e o dr. R.A.G. Pereira é hoje considerado um dos precursores e responsáveis pela formação de elevado número de professores e pesquisadores brasileiros na área.

Com a departamentalização da USP e criação do curso de Engenharia Florestal da Esalq, a área se expandiu, inicialmente para estudos de química da madeira, e, a partir de 1975, para estudos sobre carvão vegetal e uso da madeira como fonte energética.

ESTRUTURA DO SETOR

A estrutura básica do SQCE envolve laboratório que corresponde a uma área global de 350 m^2, nos quais estão alocados equipamentos e sistemas para atender a pesquisa, o ensino e a extensão nos campos da química de madeira e outros produtos de origem florestal, produção e processamento de celulose, ensaios físico-mecânicos de papel, caracterização energética de produtos florestais, produção e ensaios de carvão vegetal e materiais afins.

RECURSOS HUMANOS

O quadro de pessoal envolvido atualmente nas atividades do SQCE compreende dois docentes em Regime de Dedicação Integral à Docência e à Pesquisa (um professor adjunto e um professor assistente doutor), três funcionários de nível técnico-médio, seis estagiários de cursos superiores, cinco estagiários de cursos de nível técnico-médio, três alunos de nível de pós-graduação, perfazendo um total de dezenove elementos.

PRINCIPAIS LINHAS DE PESQUISAS

O prof. Barrichelo, professor adjunto do Departamento, há vinte anos atuando junto ao SQCE, é um dos principais responsáveis pela filosofia que norteia trabalhos do referido Setor. Esta filosofia se baseia na existência de um elo de ligação entre a atividade florestal, propriamente dita, e o setor industrial. Para tal, é fundamental analisar-se a matéria-prima florestal procurando identificar na mesma, de um lado, o reflexo de toda e qualquer variável florestal (espécie, procedência, idade, local, práticas silviculturais etc.), e de outro, sua qualidade e potencialidade para dado uso e adequação para determinado processo de transformação. Não se pode perder de vista, no entanto, completa o professor, que com essa adequação o processo também pode e deve sofrer adaptações à matéria-prima, fechando o raciocínio em torno da integração das tecnologias florestal e industrial.

Atualmente, as principais linhas de estudos e pesquisas do Setor, segundo o prof. Brito, um dos docentes que há dez anos vem compartilhando as responsabilidades pela condução dos trabalhos do SQCE, estão assim distribuídas:

a) na área de química da madeira — métodos analíticos e caracterização de matérias-primas; b) na área de celulose e papel — qualidade da madeira para celulose, produção de celulose, branqueamento e ensaios, subprodutos, efluentes e poluição; c) na área de energia e carvão vegetal — qualidade da madeira, combustão e combustíveis de biomassa florestal, carvão vegetal e subprodutos e avaliações energéticas de resíduos florestais e industriais.

Nesse contexto, são envolvidas diferentes matérias-primas como madeira e resíduos madeireiros, bagaço de cana-de-açúcar, sisal, crotalária, cocos (babaçu, macaúba etc.), turfa, carvão vegetal e outros.

PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES DIDÁTICAS

Junto ao Departamento de Ciências Florestais, o SQCE responde integral ou parcialmente por disciplinas, a nível de graduação (Química da Madeira, Tecnologias de Processamento de Produtos Florestais, Tecnologia de Celulose e Papel, Recursos Energéticos Florestais) e, a nível de pós-graduação (Tecnologia de Celulose e Papel, Recursos Fibrosos para Produção de Celulose, Qualidade da Madeira e Recursos Energéticos Florestais).

PRODUÇÃO TÉCNICO—CIENTÍFICA

Até o momento, o Setor tornou possível a defesa de dezesseis teses de mestrado, doutorado e livre-docência. Mais de cem trabalhos foram publicados no Brasil e no Exterior, trinta trabalhos técnicos e de divulgação, cinco publicações didáticas e cerca de trezentos relatórios técnicos, principalmente dirigidos às empresas associadas ao Ipef.

SQCP inicial (Seção de Química, Celulose e Papel)

SQCE posterior (Seção de Química, Celulose e Energia)

LQCE atual (Laboratório de Química, Celulose e Energia)

LQCE atualmente (2022): Modernidade, amplitude e qualidade

Com isso tudo na forma de sonhos e projetos, eu me esforçava muito e trabalhava feliz com a oportunidade que tinha de me especializar em algo único e pouco conhecido dentro da carreira agronômica. Acabou dando certo, consegui criar toda uma carreira de muitos desafios e conquistas para mim e para o setor. Também ajudei a formar muitos outros engenheiros e técnicos para esse setor que me acolheu.

Um agradecimento fraternal ao amigo e professor Dr. Luiz Ernesto George Barrichelo pela paciência, amizade e ensinamentos. E pelos inúmeros diálogos que tivemos, mesmo que em algumas vezes mais ríspidos, mas sempre construtivos. Professor Barrichelo não foi apenas um professor para mim, mas um mentor e um guia a me orientar no início de minha carreira nesse setor. E também por me aceitar como estagiário sem eu ter selecionado comprar o livro do renomado químico Linus Pauling. Mas acabei fazendo isso mais tarde. Por isso, uma eterna gratidão.

Em tempo, só anos mais tarde fiquei sabendo que o professor Barrichelo era tão apaixonado pela química desde a juventude, que seu apelido durante os estudos no Colégio Salesiano "Dom Bosco" em Piracicaba havia sido Berzélius. Entre outras paixões pela química, o professor Barrichelo possuía, quando ainda estudava o ginasial/colegial, um pequeno e muito utilizado laboratório em sua casa onde morava com a família em Rio das Pedras (SP), o que causava às vezes alguns transtornos e sustos pelo mau cheiro aos seus familiares e vizinhos diretos (http://www.luiz.barrichelo.nom.br/autobiografia/autobiografia.htm).

Sugestão de leitura de meu Relato de Vida sobre a ABTCP que foi de extrema importância para meu aperfeiçoamento profissional:

Relato de Vida: **ABCP / ABTCP – Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel** – por Celso Foelkel. Eucalyptus Newsletter nº 43. (2012)

https://www.eucalyptus.com.br/newspt_out12.html#tres

Sugestão de leitura de textos sobre avanços tecnológicos do setor:

A evolução tecnológica do setor de celulose e papel no Brasil. E.S. Campos; C. Foelkel. ABTCP – Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel. 228 pp. (2017)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/2017_Livro_EvolucaoTecnologica_Celulose_Papel_Brasil.pdf

A evolução tecnológica do setor: Do "quase nada" ao "quase tudo" em termos de avanços tecnológicos na fabricação de celulose e papel no Brasil. Capítulo por Celso Foelkel. In: *A evolução*

tecnológica do setor de celulose e papel no Brasil. E.S. Campos; C. Foelkel. ABTCP – Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel. p: 182 – 189. (2017)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/2017_Quase+Nada_Quase+Tudo.pdf

Celso Foelkel, Anísio Azzini e Dirceu Ciaramelo em evento ABTCP

Campus da ESALQ – início dos anos 1970's

6. Celso Foelkel & ESALQ & Celulose & Papel: Período pós-formatura de janeiro de 1971 até o retorno dos Estados Unidos da América em 1973 com o mestrado em tecnologia de celulose e papel

O ano de 1971 foi um período de minha vida cheio de desafios e novidades, pois:

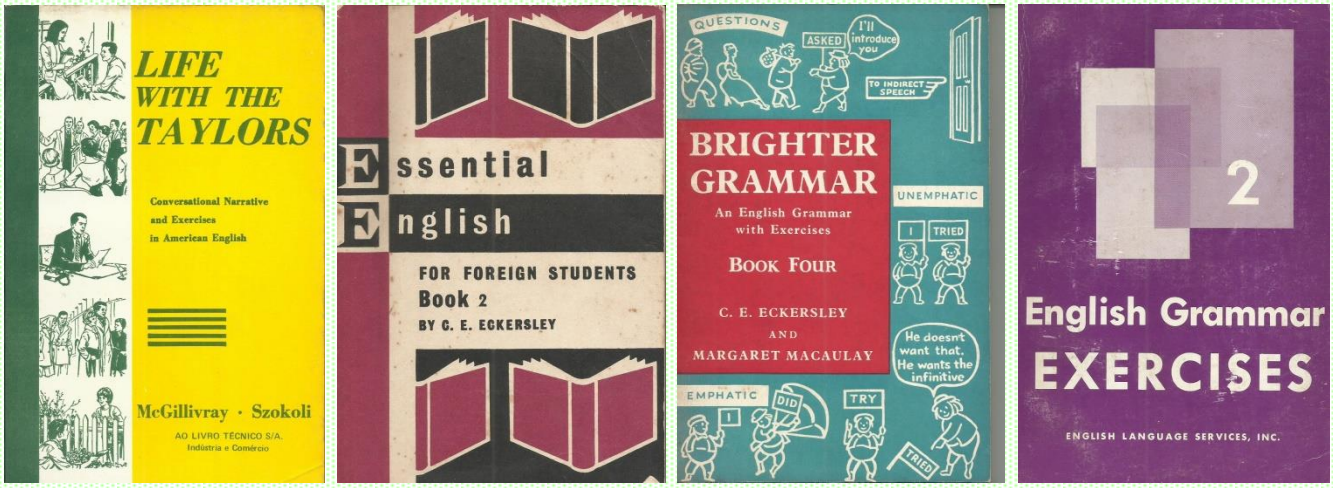
- Finalmente passei a ser bolsista universitário, ao nível de pós-graduação, com bolsa da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
- Iniciei-me como professor voluntário ajudando o professor Luiz Ernesto Barrichelo com as aulas práticas e teóricas da disciplina "Tecnologia de Celulose e Papel" para os alunos da Engenharia Agronômica da ESALQ, diversificação em Silvicultura.
- Iniciei estudos de pós-graduação na ESALQ/USP em nível de Mestrado em "Fitotecnia", completando com sucesso as seguintes disciplinas: Preservação de Madeiras, Irrigação e Drenagem, Resistência de Plantas a Insetos, Estudos de Problemas Brasileiros, Adubos e Adubação, Fertilidade do Solo, Planejamento do Uso da Terra, Seminários.
  Como parte das exigências de cada uma dessas disciplinas existia a demanda para a apresentação de seminários que o aluno precisava preparar e apresentar aos colegas de aula. Acredito que foi com esses seminários que **eu descobri que o importante ao lecionar a aula era tornar entendível para os alunos o que eu estava oferecendo de novidades a eles**. Isso aconteceu na disciplina "Adubos e Adubação", quando expliquei como se calcular a quantidade de calcário cálcico e magnesiano a aplicar nos solos. Diversos alunos, todos agrônomos de diversas universidades, vieram me felicitar pela palestra e me confidenciaram que só naquele momento alguém lhes tinha explicado com clareza como calcular isso, pois nas aulas que haviam assistido na graduação não tinham entendido como fazer essas calculeiras.
- Cursei e recebi os devidos créditos da disciplina "Tecnologia de Celulose e Papel" em nível de pós-graduação em Engenharia Química na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo no segundo semestre de 1971;
- Casei-me com Lorena, minha amada namorada e esposa/amiga de todas as horas e momentos em 24 de abril de 1971. Em pouco tempo, passamos juntos a aguardar o nascimento de nossa filha

Alessandra, o que veio a acontecer em 03 de março de 1972 em Syracuse/NY, quando de meus estudos acadêmicos naquele país.

- Passei a me preparar para preencher os requisitos tanto da State University of New York como da USAID – United States Agency for International Development para obter a bolsa de estudos nos Estados Unidos da América. O desafio inicial era ser aceito pela universidade norte-americana selecionada e vencer os testes de proficiência em inglês: ALIGU, TOEFL e Michigan.

  Aprender rapidamente o inglês para vencer as barreiras dos testes não foi tão difícil, graças ao estudo concentrado oferecido pela ESALQ/USAID e que fiz com aulas ministradas pela professora Kareen, juntamente com o professor Antônio Fernando Lordelo Olitta. Também devo muito à minha cunhada Hosana David Redivo, que sendo professora de inglês, pacientemente gravava inúmeros textos para que eu pudesse fazer uso dos recursos como áudio-textos para meus estudos. Os planos eram para embarcar o mais cedo possível para Syracuse, e isso dependia de sucesso nos exames de proficiência inglesa, o que acabou se tornando viável para embarque em janeiro de 1972.

- Inicie as pesquisas de minha tese de mestrado, a qual acabou sendo complementada nos Estados Unidos, do que resultou a tese de conclusão de meu curso em Syracuse, com o título: "Unbleached kraft pulp properties of some of the Brazilian and U.S. pines". C.E.B. Foelkel. Tese de Mestrado. State University of New York / Syracuse. (1973). Com link disponibilizado para acesso em página anterior desse relato.

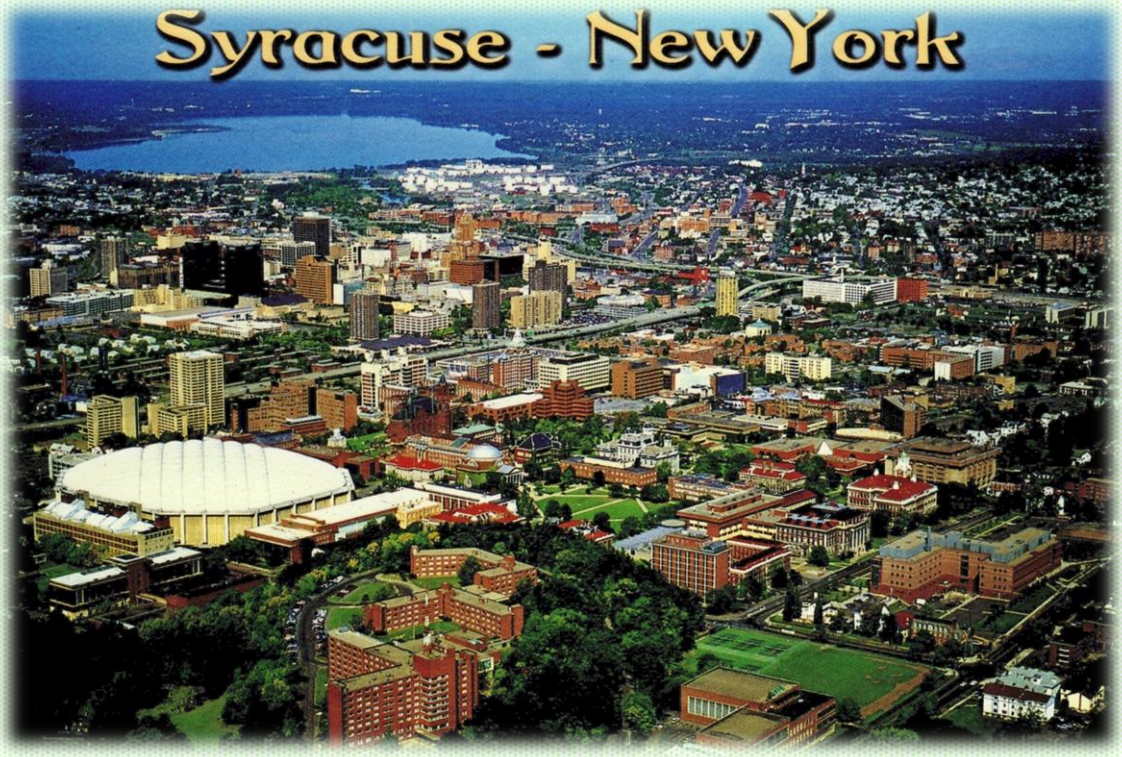


Conjunto de livros utilizados para a preparação para as avaliações de Inglês

Sugestão de leitura de meu Relato de Vida completo sobre meu curso de pós-graduação em Syracuse/NY (1972-1973) e sobre minha atuação como membro da TAPPI (membro da associação a partir de janeiro de 1972):

Relato de Vida: **Syracuse - NY: College of Environmental Science and Forestry + Syracuse University** – por Celso Foelkel. Eucalyptus Newsletter nº 42. (2012)

https://www.eucalyptus.com.br/newspt_set12.html#dois



Relato de Vida: **TAPPI – Technical Association of the Pulp and Paper Industry** – por Celso Foelkel. Eucalyptus Newsletter nº 45. 18 pp. (2014)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/tappi/News45_TAPPI.pdf

Quando partimos para que eu fosse estudar em Syracuse, nosso objetivo era de terminar o processo de obtenção do título de mestrado no menor prazo possível, uma vez que não se tinha muita segurança para a família, vivendo no exterior apenas e tão somente com bolsa de estudos. Não tínhamos sequer contribuições ao INSS. Em caso de algo

acontecendo comigo, a família (Lorena e Alessandra) estaria sem amparo algum. Por isso, quando nos finalmentes do processo do mestrado, por volta de maio/junho de 1973, ao receber a sugestão do professor Barrichelo para continuar por mais dois anos para concluir a pós-graduação em nível de PhD, eu não pude aceitar, exatamente por essa razão der insegurança familiar. Eu teria condições plenas de ir de forma bem-sucedida ao PhD, meu orientador em Syracuse (Dr. Serge Gorbatsevitch) se propôs a continuar orientando meus estudos e me estimulou a ficar. Mas eu me sentia definitivamente inseguro e não aceitei. Não que eu não tenha tentado com os professores Barrichelo e Helládio que me efetivassem de alguma maneira em um cargo o mais inicial possível de professor da USP, mas não tive sucesso.

Só esse ano, ao ouvir as palestras online do professor Luiz Ernesto Barrichelo em um conjunto de "Lendas do Setor de Florestas, Papel e Celulose" (https://www.linkedin.com/company/fbef/videos/), é que eu pude compreender que o Departamento de Silvicultura não dispunha de vagas no departamento para a minha efetivação. Já existiam dois professores de Tecnologia de Celulose e Papel (professores Ronaldo e Barrichelo), quando eu viajei para estudar em Syracuse. Assim, os demais setores do departamento faziam pressão para que qualquer nova vaga de professor fosse para outras áreas mais carentes em professores. Por isso, o interesse em prolongar minha estada através do curso para o PhD.

Em Syracuse consegui ir aprendendo muitas coisas, e não apenas sobre celulose e papel – foram experiências de vida que me permitiram:

• Confiar mais nas pessoas, conseguindo perceber quais as verdadeiras amizades sem interesses, principalmente junto aos novos amigos locais, brasileiros e estrangeiros, e com diversos dos professores;

• Confiar mais em mim e nas possibilidades de vencer desafios difíceis;

• Conviver com as mudanças e me adaptar a elas;

• Admirar minha família, em especial minha esposa Lorena, que sempre me acompanhou e deu forças em todos os inúmeros desafios que temos enfrentado juntos;

• Aprender a cuidar e a criar nossas filhas (começando com a Alessandra): espero que não as tenha decepcionado;

• Competir mais e não me acomodar– a sociedade americana é muito competitiva – eu notei isso nos alunos e mergulhei nisso ao buscar também me destacar nas turmas das diversas disciplinas cursadas;

• Valorizar a qualidade e pontualidade de meus trabalhos;

• Valorizar a natureza em função das visitas a inúmeras áreas de beleza ímpar daquela região (Niagara Falls, Chittenango Falls, Oneida Lake, Adirondacks, Ontario Lake, Lake Champlain, etc.);

• Valorizar o conhecimento como pouca gente eu conheço que faça isso com a mesma intensidade. Ali comecei a real expansão de minha biblioteca setorial, que eu até hoje mantenho parte dela e com o nome de "Know-how Teca".

Aprendi ainda em Syracuse a minha forma de escrever atual, coisa que mantenho há algumas décadas, mas cujo embrião foi plantado em sala de aula com o professor James Bambacht. O primeiro trabalho escrito que a ele apresentei foi feito "à maneira da maioria dos estudantes brasileiros", ou seja, usava frases de autores que lia, na melhor forma do que hoje se chama de "copiar/colar". Fazia assim, porque era esse o modelo que encontrava nas universidades e nas escolas brasileiras. Professor Bambacht me chamou à parte e me disse: "Celso, sei que lá na América do Sul vocês têm esse costume de copiar textos de autores e inserir os mesmos em seus trabalhos. Entretanto, aqui é diferente – você deve ler o que necessita sobre um tema, e depois escrever sua versão dos fatos, com suas próprias palavras. Não vou me importar com os seus erros de idioma já que o inglês não é sua primeira língua - o importante é sentir a sua opinião sobre algo que eu lhe coloque como tema de casa". Recebi a mensagem e o ensinamento e uma nota B – a única diferente de A no mestrado. O primeiro novo trabalho que recebi para fazer era para dar minha opinião sobre um artigo científico na disciplina "Paper Properties" do professor Roger Strauss. Li o artigo e notei diversos plágios e erros técnicos grosseiros, até mesmo na fórmula usada para os cálculos. Escrevi sobre isso e o professor Strauss me cumprimentou pelo que fiz, mostrando que a lição anterior houvera sido aprendida. Devo, portanto ao professor Bambacht com sua orientação, a forma que eu comento e escrevo hoje, procurando dar uma opinião própria, prática, útil e entendível sobre os temas que torno públicos.

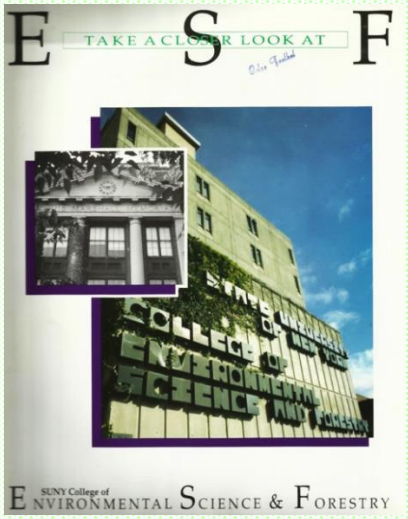
Outra passagem curiosa ainda nesse período de viver nos Estados Unidos ocorreu em 1973 quando da visita aos *headquarters* da Champion International (hoje Sylvamo), que tinha operações no Brasil em Mogi-Guaçu. Fui convidado pelo vice-presidente de desenvolvimento do grupo, Mr. Peter Donofrio, para jantar em Hamilton, Ohio. Antes do jantar, ele me sondou sobre meu eventual interesse em me juntar ao grupo, para fazer uma espécie de ponte entre o Brasil e os Estados Unidos para a empresa. Fiquei muito contente com a oferta, mas relatei com o entusiasmo da minha idade, que eu estava estudando nos Estados Unidos para concretizar meu sonho de vida que era de ensinar os estudantes

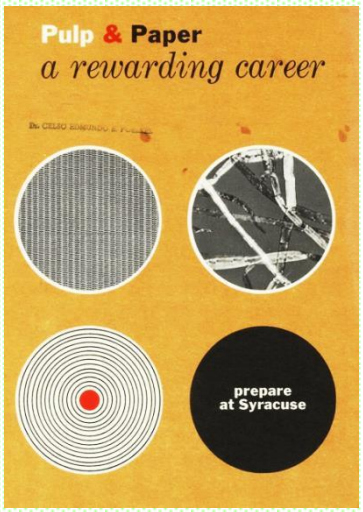
brasileiros sobre as tecnologias do setor para com isso alavancar o crescimento dessa indústria no Brasil. Disso eu tenho certeza que consegui, pois lecionei e leciono sobre o setor até hoje. Evidentemente, consegui esvaziar o interesse do Peter para o resto do jantar, porém, ele me manteve na lista de endereços dele, enviando-me por uns tempos as notícias da Champion e de seus planos no Brasil. Além dessa proposta da Champion, tive algumas outras ofertas ainda nos Estados Unidos e mesmo ao retornar ao Brasil.

Entretanto o sonho de ser educador de celulose e papel na ESALQ conseguiu ser interrompido poucos anos à frente e não por minha vontade. A ESALQ era a minha meta e o meu compromisso com o futuro – pena que não deu certo de poder ter ficado lá como acompanharão na próxima seção.

Resumidamente, posso afirmar sem medo de errar que Syracuse foi uma das coisas mais importantes em nossas vidas (em especial para mim e Lorena). No caso da Lorena, ela descobriu sua vocação de professora de inglês lá mesmo, além de ter-se destacado em resolver muitos dos problemas que tivemos. A união da família, a confiança e o entusiasmo afastam os temores e minimizam as ansiedades. Crescemos como gente, amadurecemos com as dificuldades, nos alegramos com os sucessos e com a família aumentada e aprendemos a lidar com as barreiras, mudanças e até mesmo privações.

Em agosto de 1973, retornamos ao Brasil para que em dezembro desse mesmo ano eu fosse contratado como professor da ESALQ-USP por um período de três anos. Tive uma carreira curta na escola de meus sonhos – aquela onde eu pretendia ensinar os brasileiros sobre celulose e papel. Foram pouco mais de dois anos e eu lhes contarei o porquê sobre isso a seguir.





7. Celso Foelkel & ESALQ & Celulose & Papel: O retorno ao Brasil e o começo das situações que culminaram com a demolição do sonho de efetivamente professorar na ESALQ

- **Agosto 1973 → Meados de Abril 1974: O início de uma etapa de vida repleta de sonhos**

1974: Colocando a ESALQ em nossa vida familiar (Lorena e Alessandra)

A família Celso Foelkel retornou ao Brasil em agosto de 1973, vinte meses após a chegada aos USA, conseguindo-se a façanha de completar todos os requisitos para a obtenção do grau de Mestrado e dos diplomas tanto da State University of New York como da Syracuse University em curto período de tempo. Enquanto eu acreditava que tinha feito um milagre por ser muito bem sucedido nos cursos, avaliações e defesa de tese, em Piracicaba notei que esse retorno prematuro trouxe algumas ansiedades nos mestres. Desconhecia os motivos até recentemente, quando vim, a saber, que uma vaga para minha contratação só se tornaria disponível após a saída definitiva do professor Ronaldo Algodoal Guedes Pereira. O professor Ronaldo havia deixado a ESALQ pouco tempo antes de minha chegada, mas ainda ocorriam disputas no departamento para essa vaga, cobiçada por outros setores do departamento em forte

demanda de trabalhos pelo IPEF – Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais, em plena expansão de metas e atuações.

Sem conseguir a contratação imediata, Dr. Helládio do Amaral Mello se organizou para me conseguir uma bolsa de estudos por um período de quatro meses (agosto a dezembro de 1973). Com isso, teriam tempo para orquestrar minha contratação inicial como professor Auxiliar de Ensino da ESALQ/USP, que aconteceria aos 03 de dezembro de 1973. Em 27 de agosto de 1974, eu tive meu curso de mestrado nos Estados Unidos reconhecido pela USP e fui promovido a Professor Assistente Contratado.

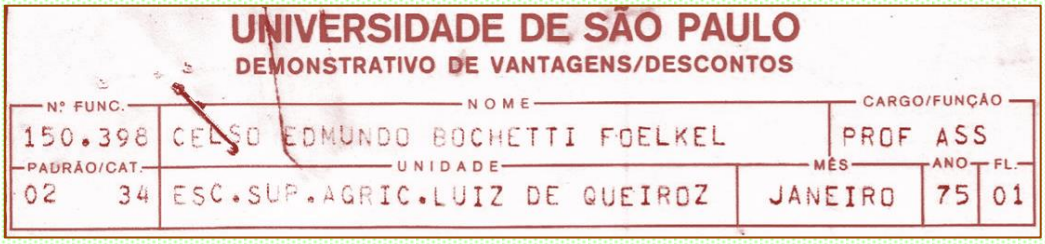
Como em agosto de 1973 eu não sentia segurança que ficaria ou não na ESALQ, ou quando sairia a contratação ou a efetivação, acabamos por optar por manter a família em Jundiaí, na casa dos familiares da Lorena, pois não achamos prudente se alugar e montar uma casa para ficarmos em Piracicaba. Durante esses meses iniciais eu tive a oportunidade e a honra de morar em uma república de profissionais formados atuando no IPEF/ESALQ e que se situava nas proximidades da ESALQ. Fui convidado para morar com três futuras celebridades do setor brasileiro de base florestal: Nelson Barbosa Leite (colega de turma na A-70), Fábio Poggiani e Shiguenori Kajiya. Foi um período de muitos aprendizados e de reciclagem e readaptação aos estilos de vida do brasileiro e dos esalqueanos. Um privilégio e o desenvolvimento de laços de amizade e respeito que perduram até hoje.

Após esse curto período na "república florestal" e com o contrato na ESALQ definido, a família optou por alugar uma casa na Rua Barão do Piracicamirim, no Bairro São Judas, bem próxima ao Ginásio de Esportes da ESALQ. Compramos um automóvel Opala câmbio automático e começamos como família unida, feliz e cheia de sonhos (eu, Lorena e Alessandra) a desfrutar da cidade de Piracicaba, coisa que em pouco tempo passaria a tomar um rumo de apreensões e preocupações.

Em 12 e 13 de dezembro de 1973 fui avaliado e aprovado (da mesma forma que o colega professor Walter de Paula Lima) por uma junta de professores da ESALQ em concurso dirigido para provimento de vaga em nível de Professor Assistente efetivo, em Regime de Dedicação Integral à Docência e à Pesquisa. Entretanto, a efetivação não era imediata e fui me mantendo como Auxiliar de Ensino contratado até se obter o reconhecimento de meu diploma dos cursos de mestrado no exterior. Quando esse reconhecimento aconteceu em agosto de 1974, infelizmente não pude ser efetivado de imediato, pois estava internado para tratamento de saúde, como se conhecerá mais adiante.

Infelizmente, o contrato temporário permaneceu por mais tempo em função de problemas de saúde a partir de maio de 1974 e que

perduraram até abril de 1975. Como eu me mantive hospitalizado por oito meses (com entradas e saídas intermitentes no hospital) a partir de maio de 1974, não consegui obter a efetivação durante meu tempo de saúde plena.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
DEMONSTRATIVO DE VANTAGENS/DESCONTOS

Nº FUNC.	NOME	CARGO/FUNÇÃO		
150.398	CELSO EDMUNDO BOCHETTI FOELKEL	PROF ASS		
PADRÃO/CAT.	UNIDADE	MÊS	ANO	FL.
02 34	ESC.SUP.AGRIC.LUIZ DE QUEIROZ	JANEIRO	75	01

Resumidamente, em 03 de dezembro de 1973 eu fui contratado pela ESALQ após ter cumprido os requisitos, tanto de documentações como a realização de exame médico de admissão para o serviço público estadual de São Paulo. Esse exame tinha certa carência e validade, bem como o contrato provisório, que teria uma extensão por três anos (até dezembro de 1976). Assumi a posição em 03.12.1973 como Auxiliar de Ensino contratado, mas poucos meses depois (em final de agosto de 1974) fui promovido a Professor Assistente Contratado, como já mencionado, em função do reconhecimento de meu mestrado em Syracuse. Seria o momento indicado para que eu me efetivasse na USP e se encerrasse o contrato provisório. Mesmo eu tendo sido submetido a um exame de saúde no final de 1973 para ficar contratado por três anos, entedia-se que a troca da posição de contratado para efetivo seria imediata. Infelizmente, foi-me solicitado pela chefia do departamento que eu me submetesse a um novo exame médico em maio de 1975, após minha volta do hospital, "por questões de formalidade", conforme disse ele. Dessa forma e infelizmente, não consegui a aprovação médica para minha efetivação. Voltarei a esse tema mais adiante, após o relato sobre meu problema de saúde.

Entre agosto de 1973 até o primeiro trimestre de 1974 me empenhei para recomeçar o curso de pós-graduação na ESALQ para obtenção do grau de Doutor em Agronomia, ênfase em Ciências Florestais, o que nunca aconteceu. A única área na pós-graduação que me permitiria algo nesse sentido foi a de "Solos e Nutrição de Plantas". Entre março de 1974 a abril de 1976 consegui sucesso em cursar e ser aprovado nas seguintes disciplinas em nível de doutoramento: Nutrição Mineral de Plantas; Problemas de Fertilidade do Solo; Solo, Fertilizantes e Produção Vegetal; Seminários em Solos e Nutrição de Plantas.

De imediato, tão logo retornei dos Estados Unidos, iniciei-me como professor da ESALQ nas áreas de Ciência Florestal e Produtos Florestais, lecionando e colaborando em algumas disciplinas da graduação e pós-graduação entre 1973 a 1976. Algumas disciplinas eu colaborava com as aulas práticas e teóricas e em outras eu mesmo era responsável. Fui

professor responsável das disciplinas: Tecnologia de Celulose e Papel, Ciência e Tecnologia do Papel; Introdução à Engenharia Florestal II. Fui professor colaborador nas disciplinas: Química da Madeira; Química Tecnológica de Produtos Florestais; Anatomia, Reconhecimento e Propriedades Físico-Mecânicas da Madeira; Silvicultura.

Em 1974, a graduação em Engenharia Florestal na ESALQ já acontecia, mas muitos dos alunos que conseguiam sucesso no vestibular entravam por essa porta sem conhecer o que era a carreira de engenheiro florestal e outros só queriam uma transferência para a agronomia, tão logo aparecesse uma vaga.

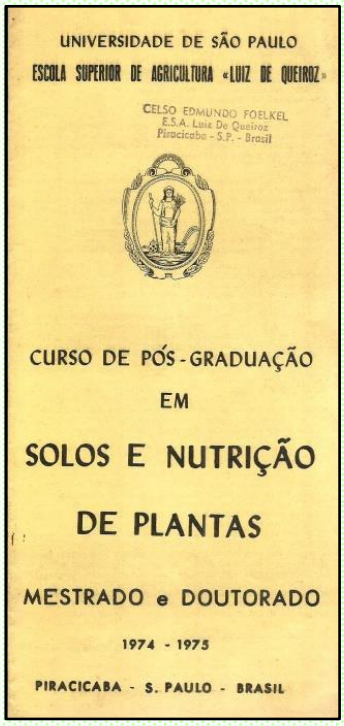
O professor Barrichelo e eu, ainda em 1971 e depois de minha contratação pela ESALQ, fomos grandes defensores pela criação do curso em Engenharia Florestal na ESALQ. A chefia do departamento nos indicara para defender esse tipo de especialização onde ela fosse questionada. Até a responsabilidade pelas Relações Públicas do departamento nos confiaram. Eu e Barrichelo fizemos a defesa em artigos para os jornais da cidade de Piracicaba, em palestras e até em sessões da Câmara dos Vereadores da cidade. Ali existia forte oposição à criação da Engenharia Florestal liderada pelo meu conhecido vereador engenheiro agrônomo Waldyr Martins Ferreira, responsável pelo Departamento de Engenharia e Mecânica da Agricultura em Piracicaba.

Durante o curto período de apenas alguns meses entre agosto de 1973 a abril de 1974 "conseguimos enormes sucessos e uma fantástica produtividade" nas disciplinas lecionadas, nas motivações dos alunos e na produção de inúmeras pesquisas e publicações de relatórios internos e de artigos em revistas e congressos/eventos.

Também conquistamos nesse período alguns estagiários para trabalho voluntário junto à SQCP – Seção de Química, Celulose e Papel. Alguns deles conseguiram se manter por toda a carreira profissional no setor de celulose e papel (como o caso do amigo e ex-aluno Augusto Fernandes Milanez), outros nas áreas de pesquisas tecnológicas e outros que acabaram trilhando outras rotas. Voltarei a elencar os trabalhos dos estagiários mais adiante nessa seção.

Importante ressaltar o apoio e o afeto recebido de diversos docentes do departamento quando me iniciei no mesmo (Mário Ferreira, Walter Suíter, João Simões, Walter Paula Lima, Antônio Paulo Galvão, Ronaldo Guedes Pereira, Antônio Natal Gonçalves, Luiz Ernesto Barrichelo, etc.) e de muitos dos alunos e estagiários, os quais passaram a ver as disciplinas de química da madeira e de tecnologia de celulose e papel como reais oportunidades de trabalho na vida profissional dos egressos do curso de engenharia florestal da ESALQ.

- **Meados de Abril de 1974 → Abril de 1975: Incertezas, apreensões e preocupações**


UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA «LUIZ DE QUEIROZ»
CELSO EDMUNDO FOELKEL
E.S.A. Luiz De Queiroz
Piracicaba - S.P. - Brasil
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM
SOLOS E NUTRIÇÃO
DE PLANTAS
MESTRADO e DOUTORADO
1974 - 1975
PIRACICABA - S. PAULO - BRASIL

Fonte das Imagens: **ESALQ**

Fui e tenho sido um professor que sempre acreditou no compartilhamento de conhecimentos com quem quer que se interesse ou necessite dos mesmos para realizar coisas do bem...

Em março de 1974, iniciei-me nos estudos de pós-graduação na ESALQ em busca de um doutorado na área de solos e nutrição de plantas, mas com uma tese orientada pelo professor Barrichelo e com foco no efeito da fertilização das florestas sobre a produtividade e qualidade da madeira e nos seus efeitos sobre as qualidades da celulose. Infelizmente, por fortes razões, nunca iniciei os estudos de campo e laboratoriais da tese e nem consegui finalizar as quantidades de créditos requeridos para o doutoramento. Como acabei ficando quase um ano ausente das salas escolares por razão de grave enfermidade a partir de meados de 1974, os meus créditos com as disciplinas cursadas em 1971 na mesma ESALQ (pós-graduação em Fitotecnia) acabaram caducando e o processo de meu doutoramento ficou enormemente prejudicado.

Comecei com muita disposição e entusiasmo as disciplinas do primeiro trimestre de 1974 em meu retorno às aulas de pós-graduação em Piracicaba. Dentre as disciplinas cursadas estava uma muito

interessante do renomado professor Eurípedes Malavolta, que estudava com muito modernismo a Nutrição Mineral das Plantas. Uma das atividades iniciais da disciplina era entender a absorção e o translocação dos elementos minerais absorvidos pelas plantas. Para isso se utilizavam isótopos radioativos, sendo que foram estudados isótopos de dois macronutrientes: cálcio e magnésio. De uma forma relativamente pouco controlada pelos alunos e instrutores das aulas práticas, os radioisótopos eram manuseados pelos alunos sem os requeridos e essenciais cuidados. Era comum o uso de luvas e materiais contaminados durante as práticas. Como na época eu era roedor das unhas das mãos, vício que vinha desde a infância, pode ser que eu tenha acidentalmente contaminado a boca com esses materiais radioativos perigosos.

O que estou relatando a seguir é algo que eu não costumava compartilhar com as pessoas, nem mesmo com familiares e amigos mais próximos, após meu período de hospitalização. Muito menos com os alunos e outros professores e técnicos do setor. Os alunos tampouco perguntavam ou comentavam, pois acredito que obtinham as informações sobre minha aparência facial e dicção pela assim chamada "rádio peão". Somente minha querida esposa Lorena, que vivenciou e dividiu comigo as angústias dessa época, é que tem completo conhecimento sobre esse difícil, mas rico em aprendizados, período de minha/nossa vida. Rico em experiências de vida e em valorização de muitas coisas que em boa saúde sequer notamos. Entretanto, essa época para nós, acabou tendo um final feliz. Não sei se eu acharia rico se não tivesse sido bem sucedido e vitorioso. Além da Lorena, que levava as informações filtradas para os familiares meus e dela em Jundiaí, outro amigo que me visitava no hospital e conhecia um pouco mais sobre meu estado de saúde era o professor Barrichelo. Com ele, eu dividia algumas de minhas preocupações sobre o seguimento de minha carreira de professor e pesquisador na ESALQ.

Agora, estando mais velho e experiente, eu tomo a liberdade de compartilhar essas vivências, pois elas podem ser úteis a pessoas com problemas similares ou próximos aos que vivi para que possam conhecer minhas lições de vida desse período.

Seja pela razão dos radioisótopos ou mesmo por causas genéticas de herdabilidade (meu avô materno faleceu de câncer de laringe), em final de abril de 1974 comecei a notar o aparecimento de um caroço duro e firme entre a bochecha, o lábio e o lado esquerdo da mandíbula (tinha menos de 0,5 cm de diâmetro). Receoso de algo mais grave, pelas lembranças do sofrimento de meu avô Marcolino, procurei o auxílio médico através do convênio de saúde que a ESALQ possuía para seus funcionários com o Hospital Santa Casa de Misericórdia em Piracicaba. Encontrando um médico experiente em causas simples e sem experiência

em oncologia, ele entendeu que se tratava de um cisto sebáceo e removeu o tumor no dia 14 de maio de 1974 na primeira de uma série posterior de muitas cirurgias. Isso foi feito sem antes se realizar uma biópsia para descobrir do que se tratava. Quando o médico percebeu ao olhar o que tinha extraído que o problema não era cisto sebáceo, mas um tecido muscular fibroso, ele mandou para um laboratório histológico em Piracicaba, que identificou erradamente como fibromatose invasiva nodular, um provável pseudotumor benigno muscular, mas com certo grau de agressividade e invasividade.

Um mês depois, em meados de maio, o tumor apareceu muito maior, sendo que fui recomendado pelo mesmo médico a procurar a experiência do HSPE - Hospital do Servidor Público Estadual, em São Paulo. Ele me desejou boa sorte e "que Deus me ajudasse", como realmente ajudou.

HSPE - Hospital do Servidor Público Estadual do Estado de São Paulo

Fonte da Imagem: https://www.encontramoema.com.br/sobre/hospital-do-servidor-publico-estadual/

Entre os erros e azares que eu estava tendo até aquele momento, finalmente consegui a sorte grande: por acaso, quando chegou a minha vez de ser atendido no HSPE, fui analisado e tive meu caso avaliado pela mais qualificada equipe médica da área de oncologia em otorrinolaringologia que conheci (aprendi muito com eles), constituída pela liderança do Dr. Daylson Castro (cirurgião especializado em câncer de cabeça e pescoço), pelo Dr. Kestner (especializado em reconstituição plástica), pelo Dr. Júlio Barone (cirurgião dentista). Gratidão eterna a esse grupo de médicos e demais assistentes e enfermeiros. Após criteriosa avaliação de gânglios, sintomas e outros detalhes, o Dr. Daylson sequer removeu tecido para fazer a biópsia, pois acreditou que

se mexesse no tumor poderia ser muito pior. Recomendou que eu fosse buscar as lâminas no laboratório de Piracicaba, para se reavaliar o tipo de tumor. Quando solicitei as lâminas ao laboratório de Piracicaba, o pessoal só as entregou se eu lhes fornecesse o diagnóstico correto depois, para fins de aprendizado. Achei sábia a decisão deles e levei as lâminas. O resultado em São Paulo revelou um tumor cancerígeno maligno, raro, imprevisível, recidivante e agressivo: Leiomiossarcoma (um tumor misto de tecidos moles dos tipos muscular e conjuntivo).

Por outro lado, não foi fácil para eu conhecer o diagnóstico da biópsia. Nos anos 1970's a doença ainda era um tabu e os médicos não eram diretos para informar o nome e o tipo de doenças como essa. Dos médicos recebi o diagnóstico de leiomiona, uma forma benigna de tumor da mesma família. Mas conforme as dificuldades para remover satisfatoriamente o tumor e depois de tantas cirurgias, eu decidi obter por meus próprios meios a verdade sobre o tumor. Consegui acesso ao meu prontuário no hospital e ali estava um nome próximo, mas de ações danosas muito distintas: o nome real era leiomiossarcoma, sobre o qual rapidamente me inteirei na literatura.

O tratamento desse tumor é basicamente via cirurgia, pois é muito pouco reativo aos tratamentos de quimioterapia e radioterapia. Por ser um tumor que cresce sem incomodar e sem causar dores iniciais, em geral ele é descoberto tardiamente. No meu caso, por felicidade, era facilmente percebido. Como a taxa de sobrevivência ao leiomiossarcoma é baixa, por ser quase sempre descoberto tardiamente, em meu caso, acredito que estamos batendo recordes mundiais, pois já são 48 anos de sobrevivência ao câncer (1974 a 2022, até o momento), em função da detecção muito inicial e pela competência da equipe médica.

Entretanto, as coisas não foram nada simples, pois ao total foram 15 cirurgias contando aquela feita inadequadamente em Piracicaba: no HSPE foram 14, a primeira em 20 de junho de 1974, a última em 17 de abril de 1975. Somem-se a isso, oito meses de hospitalização, dos quais seis meses de alimentação nasogástrica em pelo menos duas longas etapas (com tubo plástico para inserir uma alimentação pastosa indo pelo canal nasal em direção ao estômago). E também fiquei impossibilitado de me comunicar pela fala, tendo passado alguns meses só me comunicando pela forma escrita para as pessoas. Outras malvadezas mais simples, mas muito necessárias para meu tratamento: traqueostomia, transplantes de pele, milhares de pontos e de injeções de antibióticos, centenas de curativos e horas de ansiedade no aguardo das próximas cirurgias e de resultados de biópsias. Só depois de confirmação de cura ou quase cura eu poderia retornar aos meus entes queridos e ao trabalho. Só completei todo o ciclo de tratamento hospitalar e retornei para Piracicaba em 29 de abril de 1975.

O tratamento todo foi longo porque as cirurgias de extirpação do tumor foram muito amplas, com perda de grandes massas de tecidos ósseos da mandíbula e musculares da bochecha e lábio (a cirurgia mais radical aconteceu em 19.09.1974, denominada hemimandibulectomia – no meu caso com remoção de pouco mais da metade de minha mandíbula e tecidos adjacentes, do lado esquerdo da face). Mais de seis meses e mais de 2/3 das cirurgias foram para reparações plásticas da face. A equipe médica me ofereceu oportunidade de melhorar ainda mais com um implante ósseo para resgatar a integralidade da mandíbula, mas isso oferecia algum risco de necrose dos enxertos, logo decidi ficar aonde chegamos e assim está até hoje: e muito bem, obrigado.

Durante esse período Lorena e Alessandra ficaram em Jundiaí, na casa de meus sogros (Marcelino e Maria). Lorena foi, como sempre tem sido, um anjo e uma valente mãe e esposa, incansável, amiga de todas as horas e sempre pronta a me oferecer amparo, ajuda e esperanças. Ia me visitar no hospital três vezes por semana, no começo me dando forças e conforto. A partir de mais ou menos dois meses de hospital, pedi que ela passasse a me levar materiais de meus estudos, pesquisas, livros e artigos para que eu pudesse ler, estudar e escrever. De tempos em tempos ela ia a Piracicaba checar como estava nossa casa e passando pela minha sala no departamento, obtinha com meus colegas professores, laboratoristas e estagiários o acesso aos dados de minhas pesquisas, estantes e biblioteca para levar o que eu solicitava. E assim eu me distraia, estudando e escrevendo entre uma cirurgia e outra.

Dentre as diversas escritas desse período, minha obra mais útil que escrevi no hospital em parceria com o amigo professor Barrichelo foi a apostila para nossos estudantes da graduação em tecnologia de celulose e papel, conforme a seguir:

Tecnologia de celulose e papel. C.E.B. Foelkel; L.E.G. Barrichelo. ESALQ/USP/CALQ – Universidade de São Paulo. 213 pp. (1975)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/TecnologiaCelulosePapel_ESALQ_1975.pdf

Eu nunca perdi a fé e tinha certeza que eu escaparia da doença. Era muito cedo para apagar meus sonhos, a maioria ainda por realizar. Sonhos com minha linda esposa e filha a educar e criar, bem como aqueles relacionados a ensinar os jovens alunos brasileiros sobre as tecnologias e as ciências para o setor de florestas, madeiras, celulose e papel. Por essa e outras razões, o Dr. Daylson Castro que me atendia acabou também se convencendo que eu escaparia: uma vez ele me

confidenciou que essa certeza e determinação me agigantavam como pessoa otimista com foco no futuro e isso era muito bom para o processo de cura. Mas sem dúvidas, foi ele com seu trabalho e competência que me ofereceu uma nova chance de viver.

Quanto à equipe do Dr. Daylson, eles foram dedicados e qualificados. Em uma decisão audaciosa quanto à reconstituição dos danos faciais, a equipe realizou toda uma estratégia para que os defeitos faciais fossem mínimos. Segundo o Dr. Daylson, ele acreditava que eu teria futuro profissional e vida familiar que seriam importantes e por isso mesmo, tomariam mais tempo e mais cirurgias, mas valeria a pena orientar a reconstituição facial da forma como foi feita. Com o que concordo plenamente. Pediram minha autorização para que se pudesse publicar em revista especializada a sequência de operações e os resultados também usando fotografias, com o que concordei, obviamente. Entretanto, nunca conheci o artigo, nem as fotografias.

No hospital a rotina envolvia muitas novas amizades, que se sucediam rapidamente, pois nossa seção hospitalar também recebia pacientes que se hospitalizavam para operações mais simples: olhos, garganta, nariz, e face. Já o grupo dos tratamentos oncológicos constituía uns 10 a 12 pacientes A maioria ficava alguns meses, alguns recebiam alta hospitalar e retornavam para novas cirurgias, como acabou sendo o meu caso. Dentre os amigos do grupo de portadores dessa doença, quase todos foram falecendo devido à doença. Mas havia dois resistentes e persistentes: eu e o amigo Vicente, que era de Santos. Como nós estávamos ficando hóspedes por longo tempo do hospital, nos cederam um quarto para duas pessoas e nele a gente compartilhava as nossas angústias e esperanças. Embora a comunicação fosse difícil entre nós, pois durante alguns meses só conseguíamos nos comunicar por meio de gestos e escritas, a gente se entendia, bem como com os visitantes de cada um de nós.

Além das visitas da Lorena, que algumas vezes ia acompanhada da irmã Hosana, da tia Ignes, do meu pai Edmundo, do cunhado Clóvis e até de nossa filha Alessandra, recebia visitas do pessoal da ESALQ (Luiz Ernesto Barrichelo, Augusto Milanez e Walter Paula Lima), de Jundiaí (Jorge Martinho e Gilberto Basile) e de amigos da época de Syracuse (Ademar Bratz e Valentim Suchek).

A esse grupo de pessoas que me incentivaram e ajudavam a criar confiança, um grande obrigado. A lamentar apenas que nossa filha Alessandra tenha passado por essas mudanças radicais no seu dia-a-dia, que certamente são difíceis de serem assimiladas por uma criança na faixa de dois a três anos.

Viagem do Celso a Jundiaí em visita a familiares (31.03.1975), dias antes da última cirurgia

Dentre as coisas que me causaram desconforto e até mesmo revolta foi a situação que surgiu em um determinado dia com a vinda ao hospital de uma pessoa da USP para tratar comigo de minha aposentadoria, pois ela tinha sido incumbida de organizar a papelada para tal. Educadamente, mas muito irritado, eu pedi que ela se retirasse, uma vez que eu não tinha nenhuma intenção de me aposentar e que voltaria a trabalhar na minha missão professoral e de pesquisador em futuro não muito distante.

Depois que ela se retirou comecei a tentar entender quem e qual área da USP teriam requisitado minha aposentadoria: minha conclusão foi óbvia, só poderia ter saído da ESALQ essa orientação. Eu nunca soube quem programou isso para mim, mas tenho minhas desconfianças, quase certezas.

Enfim, após a última operação que sucedeu em 17 de abril de 1975, as coisas foram se ajeitando e minha vida retornando ao normal. Recebi alta hospitalar dia 28 de abril de 1975. Fiz uma breve passagem em Jundiaí para visitar meus pais e familiares da Lorena, reencontrando finalmente a filha Alessandra. Dia 29 de abril retornamos a nossa casa em Piracicaba e dia 30 já me apresentei na ESALQ para trabalhar.

Embora eu tenha continuado a produzir trabalhos técnicos ao longo da época hospitalar, agora eu estaria voltando com muita garra para dar seguimento à minha carreira e aos meus sonhos. Mas quase sempre com "um pé atrás", afinal eu desconhecia "meu prazo de validade", ou quanto tempo mais eu duraria vivo.

Em uma de minhas consultas de retorno com o Dr. Daylson, ele sugeriu que eu fizesse um tratamento de imunoterapia, para melhorar meu nível de resistência às doenças, dando maior especialização aos meus linfócitos T e B (https://www.infoescola.com/citologia/linfocitos/). Para tal me recomendou consultar um dos maiores especialistas no tema: o professor Dr. José Ramos Júnior. O tratamento com o Dr. José Ramos se baseou em uso de dois fármacos muito simples e baratos: vacina BCG e comprimido de Ascaridil, um vermífugo para combater lombrigas. As doses de BCG não eram poucas, mas logo os resultados aparecerem nas avaliações de contagem do número e da velocidade de multiplicação dos linfócitos T e B. Também se adotava o teste de Mantoux como prova rápida para avaliação da imunidade do organismo a agentes estranhos (https://grupomdlab.com.br/exames/ppd-intradermoreacao-teste-de-mantoux/). Meus resultados iniciais eram muito pobres e meus linfócitos T e B eram poucos e preguiçosos. Em pouco mais de um ano, consegui um nível de imunidade considerado cinco vezes melhor do que a média das pessoas consideradas normais.

Dr. José Ramos também considerou prudente se tratar quimicamente qualquer coisa que pudesse ter sobrado de células malignas. Ele sugeriu uma sequência de aplicações de um coquetel de quimioterápicos. Suportei nove dessas sequências, pois considerei que os danos da quimioterapia poderiam ser piores do que os resultados. Em uma de minhas consultas de retorno com o Dr. Daylson, entendi ou suspeitei que ele aceitara minha decisão, já que a quimioterapia tem pouca ou quase nenhuma ação contra o leiomiossarcoma.

Ainda bem que deu tudo certo. E junto comigo saiam do hospital novas lições de vida que resultaram em fortalecimento de valores tais como:

- A importância do pensar positivamente e de acreditar no futuro, combatendo o quanto possível for ao desânimo;
- O valor do amor para e das pessoas queridas e das amizades sinceras;
- A enorme força da autodeterminação e do foco em objetivos a atingir;
- A necessidade de fazer o que precisa ser feito sem postergações, pois ao se deixar para depois se pode ser surpreendido com situações que não permitirão realizar a tarefa;
- A necessidade de se produzir muito e com a melhor qualidade possível, pois nosso tempo é finito e quanto mais realizarmos, maior será nosso legado para a sociedade;

- O ato de compartilhar conhecimentos reparte nossos tesouros culturais e beneficia a sociedade como um todo;
- O verbo sonhar precisa estar associado ao verbo realizar;
- A vida precisa ser vivida plenamente, mas é muito bom se ter um bom planejamento com metas a atingir.

Também tive um aprendizado vivenciado sobre o câncer, seus tipos, tratamentos e chances de sobrevivência. Também o respeito que devemos ter por essa doença e a importância do tratamento precoce, como foi meu caso. A batalha contra o tumor pode ser demorada, cansativa, dolorida e cheia de apreensões. Mas vale a pena lutar e seguir o que a medicina oferece, cada vez com mais opções e aumentando as expectativas de sucesso.

E assim a nosso vida continuou na direção de Piracicaba. Entretanto, o meu pensamento otimista para o mundo novo que eu estava descobrindo após sair da fase mais grave da enfermidade não estava a incluir a rejeição da ESALQ/USP à minha efetivação como professor da mesma. Uma ingenuidade da minha parte foi acreditar que poderia continuar minha carreira na ESALQ, mas o fato de ter esse sonho interrompido não teve consequências ruins, pelo contrário, possibilitou novas e vitoriosas rotas de vida. Por essa razão, ressentimentos e mágoas não existiram, apenas decepções.

Para se colher algo, há que se plantar...

Ou alguém tem que plantar...

E esse alguém pode ser você...

Assim sendo, você poderá até colher ou compartilhar a colheita...

- **Maio de 1975 → Março de 1976: A descoberta de uma poderosa "força motriz" e a decepção pelo sonho interrompido**

SCIENTIA FORESTALIS

Revista IPEF (Atual Scientia Forestalis) - Edição Nº 10 (Junho de 1975)

Sumário

Prefácio

Sobre a Revista

Trabalhos de Pesquisa / Research Papers

01. Variabilidade no sentido radial de madeira de *Pinus elliottii*
Variability of slash pine wood in the radial direction
FOELKEL, C. E. E. et alii.

17. Estudo comparativo de madeiras de eucalyptus saligna, *E. paniculata*, *E. citriodora*, *E. maculata* e *E. tereticornis* para produção de celulose sulfato
Study of Eucalyptus spp wood characteristics and their unbleached sulphate pulps.
FOELKEL, C. E. E.; BARRICHELO, L. E. G. & MILANEZ, A. F.

43. Utilização de madeiras de essências florestais nativas na obtenção de celulose: Bracatinga (*Mimosa bracatinga*), Embaúba (*Cecropia* sp.), Caixeta (*Tabebuia cassinoides*) e Boleira (*Joannesia princeps*)
Sulphate pulping of woods from fast-growing native forest trees
BARRICHELO, L. E. G. & FOELKEL, C.E.B.

63. Mistura de celuloses sulfato de *Eucalyptus saligna* e *Pinus caribaea* var. *caribaea*
Kraft pulp blendings of Eucalyptus saligna and Pinus caribaea var. caribaea
FOELKEL C. E. E. & BARRICHELO, L. E. G.

81. Variações das características da madeir e propriedades da celulose sulfato de *Pinus oocarpa* em funçao da idade do povoamento florestal
Variation on wood characteristics and sulphate pulp properties from Pinus oocarpa with the aging of the forest stands
FOELKEL, C. E. E. et alli

93. Produçao de celulose sulfato a partir de misturas de madeira de *Eucalyptus saligna* com pequenas proporções de cavacos de *Bambusa vulgaris* var. *vitatta*
Sulphate pulping of eucalyptus saligna and bambusa vulgaris var. Vitatta chip blends
BARRICHELO, L. E. G. & FOELKEL C. E. E.

A surpreendente "força motriz"

Em maio de 1975 eu estava de volta à ESALQ, cheguei cheio de entusiasmo para poder dar continuidade às minhas atribuições professorais e de pesquisador no setor de celulose e papel. Também voltei a cursar as disciplinas da pós-graduação. Mas encontrei o problema já mencionado de que algumas das disciplinas cursadas em 1971 tiveram seus créditos caducados pelo tempo que me tomou o estágio hospitalar. Mas isso não me atemorizava ou preocupava, eu cursaria outras e terminaria o doutorado um pouco mais tarde. Mas isso acabou não acontecendo, como veremos adiante.

Havia muita coisa a ser feita, além de manter atenção e monitoramento em minha saúde:

- Lecionar as disciplinas de graduação em Engenharia Florestal e em algumas optativas para a Agronomia da ESALQ;
- Continuar as diversas linhas de pesquisa que estávamos envolvidos;
- Cursar disciplinas da pós-graduação em "Solos e Nutrição de Plantas" e dar início à tese de doutorado;

- Continuar o processo de minha efetivação como professor assistente da ESALQ/USP, coisa que ficou interrompida com minha ausência pelos problemas de saúde;
- Priorizar estratégias para tornar as disciplinas de celulose e papel mais atrativas tanto para os alunos da ESALQ como de outras instituições de ensino;
- Criar alternativas para "entrar com nossos cursos e formandos na indústria de celulose e papel";
- Buscar maiores interações com empresa fabricantes e fornecedoras do setor de celulose e papel. Recebemos e estabelecemos projetos com: Ripasa, Buckman, Dedini (bagaço de cana), Grupo João Santos – Portela e Itapagé (bagaço, babaçu, bambu e madeiras de manguezais), Pöyry, Champion, Suzano, Guatapará, etc.;
- Criar um grupo aguerrido e qualificado em pesquisas na SQCP para o setor de celulose e papel, pela atração dos melhores talentos da graduação da ESALQ para estagiar em nossos laboratórios;
- Organizar alguns eventos para promoção das possibilidades que a SQCP poderia oferecer para técnicos, pesquisadores e empresas do setor de celulose e papel;
- Buscar aberturas para nosso grupo docente, pesquisadores, formandos e estagiários em instituições do setor, tais como: ABCP – Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel; SBS – Sociedade Brasileira de Silvicultura; IPT – Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais; ANFPC – Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, IAC – Instituto Agronômico de Campinas, etc.

Ao sair do hospital, eu me descobri com uma nova e poderosa força, aquela composta do somatório da vontade, produtividade, qualidade e integração, mesmo com as deficiências e sequelas das múltiplas operações. As sequelas não me importavam. O importante era realizar e muito. O que eu menos tinha era o sentimento de estar inferiorizado e em desgraça. Pelo contrário, eu queria e precisava vencer por mim, pela minha família e pelo setor que eu abraçara para poder ajudar a formar profissionais. Minhas aulas eram entusiasmadas e cheias de motivação e de oferta de novos conhecimentos aos alunos. Acredito que a aceitação pelos estudantes era muito boa, pois eram muitos os alunos interessados em estagiar na SQCP.

Em 1974, eu e professor Barrichelo havíamos criado um documento que apresentava a SQCP às pessoas da ESALQ e ao setor brasileiro de celulose e papel. Algo muito simples, oportuno para a época, e que procurava mostrar todas as linhas que estávamos fortemente envolvidos em pesquisar e que fosse demandado pelo setor: até testes de

cola para papel nós trabalhamos em parceria com a Mobil para entender o desempenho de uma cola de cera/parafina denominada Mobilcer para papéis de impressão e escrita.

Conheçam o documento histórico sobre a SQCP:

Ensino e pesquisa sobre tecnologia da madeira na E.S.A. "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo. C.E.B. Foelkel; L.E.G. Barrichelo. Departamento de Silvicultura-ESALQ/USP. 09 pp. (1974)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/1974_SQCP_Depto+Silvicultura_ESALQ.pdf

Conheçam também um dos melhores eventos criados na época sobre a integração floresta/indústria e que aconteceu em outubro de 1975 nas instalações da empresa Suzano Papel e Celulose S.A. através da parceria com o IPEF – Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais. O documento contém valiosas apresentações técnicas que são valiosas, históricas e válidas até os dias de hoje:

Seminário de Integração Floresta Indústria. IPEF–Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais. Grupo Feffer; Departamento de Silvicultura/ESALQ/USP. 187 pp. (1975)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/Arquivo%2011_Seminario%20de%20integra%E7%E3o%20floresta%20ind%FAstria0001.pdf

Diversos alunos de graduação da Engenharia Florestal e da Agronomia da ESALQ mostraram qualidade, vontade e disposição em nossas aulas. Alguns deles se ofereceram para estagiar voluntariamente na SQCP, mesmo sem podermos oferecer de início algum tipo de bolsa de estudos. Foram eles: Augusto Fernandes Milanez (já em 1973), Jorge Vieira Gonzaga, Vail Manfredi, Hélio Bogdol Rolim, Walter Garcia, Cristina de Jesus Caldeira, José Otávio Brito, Regina Fazanaro, José Hélio Nehring, Jorge Tamezava e Antônio Sérgio Diniz. Alguns eram estagiários de áreas afins do departamento, mas se inseriram também em nossas pesquisas sobre qualidade da madeira para produção de celulose e papel. Todos permaneceram como estagiários na SQCP - Seção de Química, Celulose e Papel da ESALQ, mantendo-se nessa posição trabalhando e pesquisando conosco até minha saída da USP em 1976. Mostravam-se inteligentes, dedicados e muito trabalhadores e interessados; por isso, mesmo depois de eu ter saído da USP, continuei investindo em ganhar os mesmos para o setor brasileiro de celulose e papel, o que conseguimos com alguns deles. Depois de minha saída da ESALQ em 31 de março de 1976, o

professor Barrichelo teve que rearranjar o quadro de estagiários, pela impossibilidade que tinha sendo o único professor no setor até a contratação do José Otávio Brito para minha substituição.

Dentre as publicações que tínhamos, algumas eram destinadas a eventos e artigos em revistas. A maioria, entretanto, era apresentada como relatórios técnicos internos, envolvendo estudos privados para empresas, relatórios de experimentos, estudos de metodologias e ensaios, etc.

A seguir, apresento outra listagem das publicações abertas e públicas que foram geradas durante minha jornada como professor da ESALQ a partir de 1974, já que diversas das nossas publicações acabaram sendo lançadas em anos posteriores em função do tempo para redação, edição e lançamento por alguma revista ou livro de evento.

Diversas dessas publicações foram realizadas com a participação de nossos estagiários e quase todas resultavam da parceria com o professor Luiz Ernesto Barrichelo:

Rendimentos em celulose sulfato de *Eucalyptus* spp em função do grau de deslignificação e da densidade da madeira. C.E.B. Foelkel. IPEF 9: 61 – 77. (1974)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/IPEF/1974%20%20rendimentos%20em%20celulose%20de%20madeiras%20de%20eucaliptos.pdf

e

http://www.ipef.br/publicacoes/scientia/nr09/cap04.pdf

Variações nas propriedades físico-mecânicas da celulose kraft de *Araucaria angustifolia* quando substituída parcialmente por celulose sulfato de *Eucalyptus saligna*. C.E.B. Foelkel; L.E.G. Barrichelo. 7º Congresso Anual. Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel. 05 pp. (1974)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/ABTCP/1974.%20araucaria%20e%20eucalyptus.pdf

Variabilidade no sentido radial de madeira de *Pinus elliottii*. C.E.B. Foelkel; M. Ferreira; J.H. Nehring; M.B. Rolim. IPEF 10: 01 – 11. (1975)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/IPEF/1975a%20%20variabilidade%20radial%20madeira%20de%20Pinus%20elliottii.pdf

Mistura de celuloses de *Eucalyptus saligna* e *Pinus caribaea var. caribaea*. C.E.B. Foelkel; L.E.G. Barrichelo. IPEF 10: 63 - 76. (1975)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/IPEF/1975d%20%20misturas%20de%20pinus%20e%20eucalyptus.pdf

e

http://www.ipef.br/publicacoes/scientia/nr10/cap04.pdf

Utilização de madeiras de essências florestais nativas na obtenção de celulose: bracatinga (*Mimosa bracatinga*), embaúba (*Cecropia sp*), caixeta (*Tabebuia cassinoides*) e boleira (*Joannesia princeps*). L.E.G. Barrichelo; C.E.B. Foelkel. IPEF 10: 43 - 56. (1975)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/IPEF/1975c%20%20madeiras%20nativas%20para%20celulose.pdf

e

http://www.ipef.br/publicacoes/scientia/nr10/cap03.pdf

Estudo comparativo das madeiras de *Eucalyptus saligna*, *E. paniculata*, *E. citriodora*, *E. maculata* e *E. tereticornis* para produção celulose. C.E.B. Foelkel; L.E.G. Barrichelo; A.F. Milanez. IPEF 10: 17 – 37. (1975)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/IPEF/1975b%20%20diversos%20eucalyptus%20ipef%2010.pdf

e

http://www.ipef.br/publicacoes/scientia/nr10/cap02.pdf

Avaliação das madeiras para produção de celulose através de suas características estruturais: Uma referência especial ao gênero *Eucalyptus*. C.E.B. Foelkel; L.E.G. Barrichelo. In: Seminário de Integração Floresta-Indústria. IPEF & Suzano. pp.: 05 – 33. (1975)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/Arquivo%2011_Seminario%20de%20integra%E7%E3o%20floresta%20ind%FAstria0001.pdf

Relações entre as características da madeira e propriedades da celulose e papel. C.E.B. Foelkel; L.E.G. Barrichelo. O Papel (Setembro): 49 – 53. (1975)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/ABTCP/1975_Caracteristicas_Madeira+Celulose+Papel.pdf

Estudo da influência da densidade da madeira nas propriedades das celuloses kraft de *Pinus elliottii* obtidas a uma mesma condição de cozimento. C.E.B. Foelkel; A.S. Diniz; W. Garcia; M. Ferreira. O Papel 36(Outubro): 65 – 69. (1975)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/1975_Densidade+Madeira+Polpas+Pinus.pdf

Variação da densidade básica e composição química de madeiras de *Pinus elliottii* e *Pinus taeda* em função da idade. L.E.G. Barrichelo; C.E.B. Foelkel; J. Tamezava; J.O. Brito. O Papel 36 (Novembro): 110 – 112. (1975)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/1975_Densidade+Quimica+Madeira+Pinus.pdf

Celulose kraft de *Pinus* sp. C.E.B. Foelkel. 8º Congresso Anual. ABCP – Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel. 19 pp. (1975)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/1975_Celulose_kraft_Pinus.pdf

e

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/ABTCP/1975%20%20Celulose%20kraft%20de%20Pinus%20spp%20.pdf (Republicação na Revista O Papel)

Utilização da madeira na produção de celulose. L.E.G. Barrichelo; C.E.B. Foelkel. Apostila de Silvicultura. Curso de Engenharia Agronômica da ESALQ-USP – Universidade de São Paulo. (1975)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/1975_Apostila+ESALQ_Madeira+Celulose.pdf

Bagaço de cana-de-açúcar: Importante matéria- prima para celulose. L.E.G. Barrichelo; C.E.B. Foelkel. Reunião Anual. SBPC -

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Belo Horizonte - MG. 11 pp. (1975)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/1975_Bagazo+cana.pdf

Madeiras de coníferas e folhosas na fabricação de celulose kraft no Brasil e nos Estados Unidos da América: Um estudo comparativo. C.E.B. Foelkel; L.E.G. Barrichelo. 8º Congresso Anual. ABCP – Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel. 07 pp. (1975)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/1975_Madeiras_coniferas_folhosas.pdf

e

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/ABTCP/1975.%20madeira%20con%EDferas%20e%20folhosas.pdf (Republicação na Revista O Papel - em Português)

Produção de celulose sulfato a partir de misturas de madeira de *Eucalyptus saligna* com pequenas proporções de cavacos de *Bambusa vulgaris var. vitatta*. L.E.G. Barrichelo; C.E.B. Foelkel. IPEF 10: 93 - 99. (1975)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/IPEF/1975f%20%20misturas%20bambu%20e%20eucalyptus%20saligna.pdf

e

http://www.ipef.br/publicacoes/scientia/nr10/cap06.pdf

Deslignificação alcalina rápida para produção de celulose química de *Bambusa vulgaris var. vitatta.* L.E.G. Barrichelo; C.E.B. Foelkel. IPEF 11: 83 - 90. (1975)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/IPEF/1975g%20%20deslignifica%E7%E3o%20alcalina%20Bambusa.pdf

e

http://www.ipef.br/publicacoes/scientia/nr11/cap06.pdf

Aproveitamento industrial para a produção de celulose de madeiras de eucaliptos adaptados a regiões susceptíveis à geada. L.E.G. Barrichelo; C.E.B. Foelkel; N.B. Leite. Boletim Informativo IPEF 4(11): 27 – 46. (1976)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/1976_Madeira+Eucaliptos+Susceptiveis+Geada.pdf

Características anatômicas, químicas e celulósicas do bagaço de quatro variedades de cana-de-açúcar. L.E.G. Barrichelo; C.E.B. Foelkel; J.O. Brito. 9º Congresso Anual. ABCP – Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel. 10 pp. (1976)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/ABTCP/1976.%20Baga%E7o%20de%20quatro%20variedades%20de%20cana.pdf

Kraft pulp yields of eucalypt wood in relation to degree of delignification and wood specific gravity. C. Foelkel. XVI IUFRO World Congress – International Union of Forest Research Organizations. 06 pp. (1976)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/1976_Kraft_Pulp_Yields.pdf

Celulose kraft de madeiras juvenil e adulta de *Pinus elliottii*. C.E.B. Foelkel; L.E.G. Barrichelo; W. Garcia; J.O. Brito. IPEF 12: 127 – 142. (1976)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/IPEF/1976b%20%20pinus%20elliottii.pdf

e

http://www.ipef.br/publicacoes/scientia/nr12/cap05.pdf

Avaliação de madeira de *Joannesia princeps* para produção de celulose para papel. C.E.B. Foelkel; L.E.G. Barrichelo. Brasil Florestal 7(25): 24 - 34. (1976)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/1976_Joannesia+princeps+polpacao.pdf

Produção de celulose sulfato de ramos de amoreira, *Morus alba*. C.E.B. Foelkel; L.E.G. Barrichelo; P. Abramides; O.C. Abreu; J.O. Brito. Boletim da Indústria Animal 33(1): 175 – 182. (1976)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/1976_Morus+alba+polpacao.pdf

Estudos para produção de celulose sulfato de seis espécies de eucalipto. L.E.G. Barrichelo; C.E.B. Foelkel. IPEF 12: 77 – 95. (1976)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/IPEF/1976a%20%20seis%20esp%E9cies%20de%20eucaliptos.pdf

e

http://www.ipef.br/publicacoes/scientia/nr12/cap03.pdf

Análise quantitativa de fibras celulósicas. C.E.B. Foelkel; L.E.G. Barrichelo; V. Manfredi; R. Fazanaro. O Papel (Setembro): 59 – 64. (1976)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/ABTCP/An%E1lise%20quantitativa%20de%20fibras%20celul%F3sicas.pdf

***Pinus elliottii*: Fibra longa para produção de celulose kraft.** C.E.B. Foelkel. 10º Congresso Anual. ABCP – Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel. 12 pp. (1977)

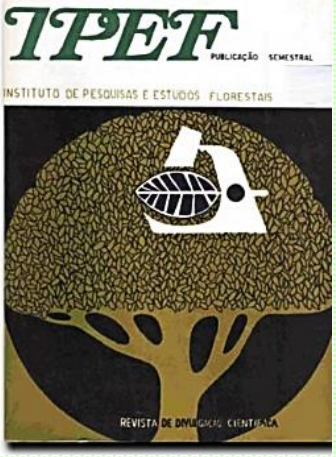
http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/1977_Pinus_elliottii.pdf

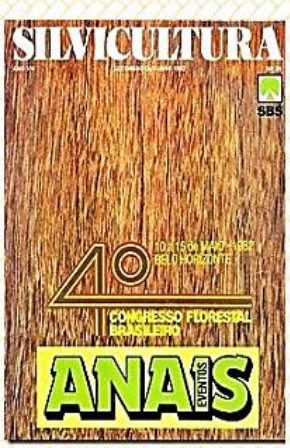
e

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/ABTCP/1977.%20Pinus%20elliottii.pdf (Republicação na Revista O Papel)

Processo nítrico-acético para maceração de madeira. L.E.G. Barrichelo; C.E.B. Foelkel. 4º Congresso Florestal Brasileiro. Silvicultura 28: 732 - 733. 11 pp. (1983)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/1983_Processo_nitrico_acetico.pdf





O sonho interrompido

Do hospital do Servidor Público Estadual localizado na cidade de São Paulo até a ESALQ em Piracicaba são apenas 160 km e se pode fazer a viagem em menos de 2,5 horas. Para irmos de volta a Piracicaba, posso dizer que foi uma viagem de retorno ao Paraíso, junto com Lorena e Alessandra e dirigindo nosso carro Opala de última geração tecnológica daqueles tempos, após uma breve passagem por Jundiaí. Chegar a casa e desfrutar do lar e das delícias da vida familiar se completaram com minha intensa atividade na ESALQ de maio de 1975 a março de 1976. Curso de pós-graduação, aulas a lecionar, alunos a orientar, pesquisas a coordenar e monitorar, artigos e apostilas a escrever, integração com diversas empresas, convites para ir para a iniciativa privada, etc. etc.. Uma felicidade completa para tentar afugentar as apreensões e preocupações da época anterior.

Entretanto, algumas preocupações permaneciam: sobre qual a real garantia de que eu estaria curado, a continuidade do monitoramento, o tratamento imunoterápico e a necessidade de efetivar minha posição como professor assistente da ESALQ. Afinal, eu tinha sido aprovado no concurso publico para o cargo e faltava a oficialização da efetivação. Isso só não tinha ainda acontecido por eu ter perdido o "timing" em função de minha estadia hospitalar.

Sobre esse assunto, eu procurei o professor Helládio, chefe do Departamento de Silvicultura e ele me informou que a primeira ação seria eu fazer os exames médicos admissionais. Eu argumentei que tinha ainda um exame que poderia ser aproveitado (o de dezembro de 1973) e que

dificilmente eu seria aprovado se fosse submetido a um novo exame. Ele replicou que "o exame médico era apenas uma formalidade" e que era essencial que eu o realizasse. Mesmo sabendo que eu não tinha chances acabei indo para o sacrifício, na esperança ingênua de que o mestre tinha razão e de que o sistema de saúde do estado fosse entender minha situação. Antes disso, fui procurar o Dr. Daylson Castro que me deu um atestado de que minha saúde estava sendo monitorada e que as cirurgias tinham tido resultados excelentes. Isso para apresentar aos médicos no exame.

Durante a avaliação médica em São Paulo, os médicos se surpreenderam com o que viram: algo inusitado para eles. Um chegou a me perguntar se as sequelas físicas eram de nascimento ou de algum acidente. Mas foram criteriosos na avaliação, era função deles fazer isso. Sabendo de minha internação no HSPE pelo atestado do Dr. Daylson, me mandaram para casa e solicitaram o meu prontuário ao hospital. Obviamente, ao lerem as dezenas de páginas e as múltiplas cirurgias, fizeram o que era obrigação deles: reprovaram-me para a nova admissão. Senti-me como "um boi literalmente entregue às piranhas". Tristeza em casa e no trabalho. Afinal, eu adoecera em minhas atividades profissionais no trabalho, talvez até mesmo em uma situação de doença ocupacional.

Na ESALQ não encontrei nenhum movimento de ajuda para tentativa de reverter a situação. Ficou tudo por minha conta tentar achar alguma solução para essa situação com a burocracia da escola e da USP. Em épocas pouco anteriores no tempo, o departamento se mobilizara para a efetivação do professor Fábio Poggiani, que tinha tido um pequeno problema com a polícia em um caso de seu envolvimento indireto em uma manifestação estudantil durante a época do regime militar. E tudo foi resolvido para ele, "com a ajuda da casa".

Do Dr. Helládio eu recebi apenas uma "sugestão de conforto" para me manter como professor assistente contratado até final de 1976 e tentar renovar o contrato após o cumprimento dos três anos em vigência. Aí se veria o que se poderia fazer. Mas é claro que não era a solução, pois para a renovação do contrato um novo exame médico provavelmente me seria solicitado. Era definitivamente uma situação de muitas preocupações: até que eu mantinha algumas ingênuas esperanças, mas hoje vejo que da forma como estavam as coisas, a minha duração naquela época na ESALQ deveria finalizar com o término do contrato em dezembro de 1976.

Por minha conta e sem amparo legal algum de legislação por não ter procurado algum advogado, entrei com uma solicitação à USP através da secretaria da ESALQ para revisão de meu caso. Quando o resultado

negativo me foi informado em março de 1976, eu já tinha sido convidado para trabalhar na CENIBRA – Celulose Nipo-Brasileira e só estava esperando esse desfecho para decidir se iria ou não para Minas Gerais abraçando novos desafios. Quem me indicou à CENIBRA foi o próprio professor Barrichelo, a quem o convite havia sido direcionado em primeiro lugar e ele repassou minha indicação ao Dr. Aldo Sani para ocupar a posição de Chefia do DEQUA - Departamento de Controle de Qualidade, Pesquisa e Meio Ambiente.

Em 31 de março de 1976 encerrei a carreira na ESALQ através de desligamento solicitado por mim à USP, encerrando antecipadamente e por comum acordo o contrato de professor assistente contratado.

Como finalização do contrato, elaborei um relatório de minhas atividades e produção científica na vigência do mesmo. O documento foi por mim entregue à ESALQ/USP via chefia do Departamento de Silvicultura. Tenho muito orgulho em compartilhar a enorme quantidade de trabalhos realizados junto à equipe da SQCP através desse singelo relatório:

Relatório das atividades do engenheiro agrônomo Celso Edmundo Bochetti Foelkel como Professor Assistente Contratado, junto ao Departamento de Silvicultura. Período 03.12.1973 a 31.03.1976. C.E.B. Foelkel. ESALQ/USP. 10 pp. (1976)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/1976_CelsoFoelkel_Relatorio_Encerramento_Contrato+ESALQ.pdf

Recebi sugestões de amigos e de outros alunos da pós-graduação que tinham acompanhado meu processo para que eu entrasse com uma causa trabalhista contra a USP reivindicando o retorno e efetivação na posição perdida. Mas eu não estava mais nessa etapa de vida e nem me interessava mais por essas vitórias na burocracia, minha meta era vencer os próximos desafios na CENIBRA e não me preocupar mais com essas coisas passadas.

A emoção da saída foi muito grande, principalmente entre os alunos. Recordo com muita gratidão o sentimento de amizade fraternal ao mestre que recebi de diversos alunos que se emocionaram com minha situação e a forma como as coisas estavam acontecendo. Senti uma enorme afeição pelo grupo, ao notar olhos marejados de lágrimas em alguns deles. Um sentimento inesquecível de ter vencido como professor, mesmo não tendo sido aceito para continuar ali professorando.

Quanto aos estagiários, não os abandonei. Augusto Milanez, Jorge Gonzaga, Vail Manfredi e outros – nós continuamos a publicar nossas pesquisas e eu procurei oferecer aos que mais se entusiasmaram pela

carreira nesse setor, algumas oportunidades que eles abraçaram e foram atingindo seus sucessos por determinação e competência.

Em resumo, o sonho de ser professor da ESALQ estava sendo interrompido, mas não finalizado completamente, pois eu retornaria de livre e espontânea vontade a lecionar voluntariamente e por quase dois anos na USP (ESALQ e Escola Politécnica) em curso de pós-graduação em tecnologia de celulose e papel nos anos de 1980 e 1981.

Por outro lado, um sonho maior começava a se concretizar: aquele de formar onde possível fosse, profissionais para o setor de celulose e papel em seu sentido amplo; das florestas, passando pelas fábricas e suas operações e terminando no usuário final dos produtos do setor.

Algo curioso e intrigante a mencionar aconteceu quando voltei à ESALQ para colaborar voluntariamente em 1980 para a montagem de mais um de curso de pós-graduação em celulose e papel (parceria ESALQ/Escola Politécnica/Riocell), após a criação do curso na UFV – Universidade Federal de Viçosa. Dr. Helládio, chefe do departamento se surpreendeu com as manifestações de meus alunos da pós em Piracicaba, que estavam, segundo ele, muito entusiasmados e motivados com minhas aulas. Dr. Helládio, chegou a mim e me confidenciou que na época em que eu tive minha saúde reprovada para continuar na ESALQ, existiam diversos professores no departamento que não achavam ser conveniente a minha manutenção no quadro de professores da ESALQ. Por essa razão, nada foi feito para me ajudar. "*Mas que ele sempre acreditara em minha competência e na minha volta por cima*".

Ficaram para mim nada mais que interrogações e estranheza dessa manifestação dele, mas que nunca me preocuparam. Minha vida estava muito boa, saúde OK e realizações mil no setor de celulose e papel. A ESALQ como emprego era e será coisa do passado.

Réplica de uma das três árvores de pau-brasil plantadas por alunos na formatura em 1970. Plantei uma delas, mas os três plantadores acreditam que a que sobrou pertence à turma toda e não é "a minha árvore", e sim "a nossa árvore"; a de todos... Isso é definitivamente muito legal... Vale também para as nossas semeaduras de conhecimentos compartilhados com a Sociedade

8. Celso Foelkel & Celulose & Papel: Novas rotas profissionais e aberturas de novos cursos de pós-graduação em C&P além das fronteiras da USP (Cenibra+UFV+SIF/Riocell+UFSM+CEPEF)

A minha mudança de Piracicaba/SP para Ipatinga/MG foi rapidíssima. No primeiro dia de abril eu já estava me apresentando na nova empresa, onde tive excelente receptividade ao meu trabalho, à minha família e aos meus sonhos de continuar a ser professor. Foi possível na CENIBRA desenvolver novas e interessantes rotas de pesquisa, ensino, estudos técnicos em celulose, papel e meio ambiente e suporte comercial para colaborar na solução de problemas técnicos da empresa e do setor brasileiro de celulose e papel.

A recepção na CENIBRA à minha pessoa foi excepcional para a ocupação do cargo de chefia do DEQUA (Departamento de Controle de Qualidade, Pesquisas e Meio Ambiente): recebi apoio da direção para continuar meus tratamentos de prevenção ao retorno do câncer, recebi apoio para pesquisar, publicar e tornar públicos os trabalhos desenvolvidos com a excelente equipe que dispúnhamos, recebi total e integral apoio de todos na fábrica para a criação do curso de pós-graduação em tecnologia de celulose e papel na UFV – Universidade Federal de Viçosa. Recebi a amizade de muitas pessoas que eu sequer conhecia e foi um período excepcional de minha vida pessoal, profissional e familiar. Enfim, não deu tempo de sentir saudades do "sonho interrompido" na ESALQ. Havia chegado a vez de outros sonhos serem gerados e perseguidos, inclusive junto à própria ESALQ. Esses novos sonhos passaram a ser realizados com mais rapidez e facilidade, já que a adesão a eles foi muito grande tanto dos profissionais da CENIBRA, como dos professores da Universidade Federal de Viçosa e membros e professores da SIF – Sociedade de Investigações Florestais.

Conheçam um pouco dessas vivências e resultados atingidos em alguns de meus Relatos de Vida:

Relato de Vida: **CENIBRA – Celulose Nipo Brasileira S.A.** C. Foelkel. Eucalyptus Newsletter nº 46. 24 pp. (2014)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/news46_CENIBRA.pdf

Relato de Vida: **Curso de pós-graduação em Celulose & Papel – UFV - Universidade Federal de Viçosa** - por Celso Foelkel

http://celso-foelkel.com.br/relatos.html (Histórico da criação do curso)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos_ufv.html (Apostilas e teses do curso em função de minhas atividades e participações)

Em julho de 1979, mudei novamente de endereço profissional, indo da CENIBRA para a Riocell – Rio Grande Companhia de Celulose do Sul, em Guaíba/RS, em busca de novos e motivadores desafios. A primeira conquista em terras gaúchas foi o nascimento de nossa segunda filha, a Ester, em outubro de 1979.

Dali do RS, a ideia era também ajudar a criar cursos para atingir alunos interessados em tecnologia de celulose e papel em novos locais do Brasil com a formação de técnicos para uma indústria em expansão acelerada. Em 1980, iniciamos primeiramente um curso de pós-graduação na própria ESALQ, em uma parceria entre a ESALQ com a Escola Politécnica da USP e apoio da empresa Riocell. Posteriormente a esse curso na USP, voltamos a apoiar em 1990 como Riocell mais um curso de pós-graduação em tecnologia de produtos florestais, incluindo-se nele a celulose e papel, dessa vez na UFSM – Universidade Federal de Santa Maria e apoio do CEPEF – Centro de Pesquisas Florestais da UFSM.

Conheçam um pouco dessas vivências e resultados atingidos em alguns de meus Relatos de Vida:

Relato de Vida: **Sonhos, projetos, realizações e decepções na Riocell.** C. Foelkel. In: Borregaard 50 anos: 1972 – 2022. Fatos e Relatos Pessoais. p.: 34 - 38. (2022)

https://eucalyptus.com.br/artigos/Riocell_Sonhos+Projetos+Realizazoes+Decepzoes_CF.pdf

Relato de Vida: **Curso de pós-graduação em Tecnologia de Produtos Florestais - Universidade Federal de Santa Maria – 1990-2000.** C. Foelkel. Website http://www.celso-foelkel.com.br**.** Acesso em 18.06.2022

http://celso-foelkel.com.br/relatos2.html (Sobre a UFSM e o curso)

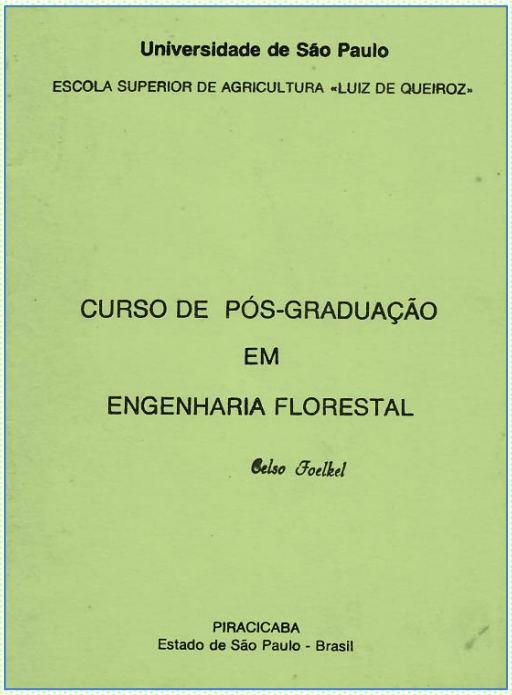
http://celso-foelkel.com.br/artigos_ufsm2.html (Apostilas e teses do curso em função de minhas atividades e participações)

Conheçam algumas imagens das duas universidades relatadas em minha galeria de fotos no website https://www.eucalyptus.com.br/:

https://www.eucalyptus.com.br/Gallery00/index.php (UFSM - Universidade Federal de Viçosa)

https://www.eucalyptus.com.br/Gallery01/index.php (UFSM – Universidade Federal de Santa Maria)

9. Celso Foelkel & ESALQ & Celulose & Papel: O retorno para professorar voluntariamente na USP (ESALQ & Escola Politécnica & CTCP/IPT & apoio Riocell) em 1980 e 1981


Universidade de São Paulo

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA «LUIZ DE QUEIROZ»

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO

EM

ENGENHARIA FLORESTAL

Celso Foelkel

PIRACICABA
Estado de São Paulo - Brasil

Em 1979, após uma exitosa passagem pela CENIBRA e pela UFV, mudamo-nos para Guaíba/RS, onde iniciei minhas atividades profissionais na Riocell - Rio Grande Companhia de Celulose do Sul, em 07 de agosto de 1979. Na Riocell trabalhei "com carteira assinada" por quase 19 anos até 31.05.1998. Dentre as minhas solicitações ao Dr. Aldo Sani para a aceitação do convite para enfrentar novos desafios na Riocell, eu inclui a minha necessidade de exercer atividades didáticas, com o que ele aceitou. Isso aconteceria tanto no curso da parceria da Riocell para formação de técnicos em celulose e papel no Instituto Estadual de Educação "Gomes Jardim", em Guaíba/RS, como em outro curso em nível de pós-graduação, que eu estava negociando com o professor Luiz Ernesto Barrichelo para estruturar com a USP – Universidade de São Paulo.

Um agradecimento especial ao saudoso amigo e "chefe" Dr. Aldo Sani e aos amigos da Riocell que me apoiaram nessas iniciativas docentes.

Algumas informações adicionais sobre o curso de formação de técnicos em celulose e papel em Guaíba (onde lecionei duas disciplinas para a primeira turma em 1979 e 1980) estão disponibilizadas em:

Relato de Vida: **Curso Técnico em Celulose e Papel. Instituto Estadual de Educação "Gomes Jardim" em Guaíba-RS.** C. Foelkel. Eucalyptus Newsletter nº 32. (2011)

https://www.eucalyptus.com.br/newspt_jan11.html#dois (em Português)

https://www.eucalyptus.com.br/newseng_jan11.html#dois (em Inglês)

Em relação ao curso da parceria com a USP, a formulação adotada instituía que as disciplinas sobre ciência e tecnologia de celulose e papel seriam apresentadas ou na ESALQ ou na Escola Politécnica de São Paulo e os alunos tanto de uma como de outra instituição poderiam assistir e usar os créditos adquiridos reciprocamente nos cursos de pós-graduação dessas duas instituições.

Cooperou também na estruturação e na apresentação das disciplinas o CTCP – Centro Técnico de Celulose e Papel do IPT – Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo.

.14.

OPÇÃO: TECNOLOGIA DE CELULOSE E PAPEL

Desde a criação do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Florestal, o Departamento de Silvicultura da ESALQ, o Departamento de Engenharia Química da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (EPUSP) e o Centro Técnico em Celulose e Papel (CTCP) do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo S/A (IPT), vinham se preocupando com o desenvolvimento de cursos de pós-graduação que permitissem formar a massa crítica capaz de dominar a ciência e a técnica de celulose e papel, e também de desenvolver, adaptar e criar tecnologias que viriam dar aos produtos nacionais condições de satisfazer o mercado interno, cada vez mais exigente, bem como competir no mercado internacional.

Isso levou essas três entidades a reunirem esforços no sentido de criar condições para que os cursos de pós-graduação até então oferecidos pela ESALQ e pela EPUSP fossem complementados com disciplinas específicas em celulose e papel com o objetivo de formar docentes, pesquisadores e profissionais especializados nessa área com um perfil adequado às necessidades futuras do país.

Essas condições foram criadas através de um convênio de colaboração assinado entre o Departamento de Silvicultura da ESALQ, o Departamento de Engenharia Química da EPUSP e o Centro Técnico em Celulose e Papel através do qual seriam integradas as capacitações docentes existentes na universidade e as facilidades de pesquisa existentes no CTCP.

.15.

Através desse convênio, uma comissão coordenadora formada por um elemento de cada entidade envolvida, analisam os programas de mestrado de cada candidato de forma a garantir que os objetivos propostos sejam atingidos.

São aproveitadas disciplinas existentes tanto na ESALQ quanto na EPUSP e os candidatos poderão se inscrever tanto no Departamento de Silvicultura da ESALQ quanto no Departamento de Engenharia Química da EPUSP.

As disciplinas e respectivos programas oferecidas pela EPUSP devem ser conseguidas junto à Secretaria do Curso de Pós-Graduação em Engenharia da Escola Politécnica.

Trabalharam na organização dos cursos e disciplinas o professor Luiz Ernesto George Barrichelo (ESALQ), e os professores Giovanni Brunello e Pérsio de Souza Santos (Escola Politécnica) e Celso Foelkel

(professor colaborador convidado, representando a parceira Riocell). Pelo CTCP/IPT participaram na estruturação e na apresentação eventual de disciplinas ou palestras na Escola Politécnica e no CTCP/IPT: Rosely Maria Viegas Assumpção, Silvia Bugajer e Leopold Rodés.

As disciplinas apresentadas pela ESALQ seriam parte do curso de pós-graduação em Engenharia Florestal e as da Escola Politécnica do curso em Engenharia Química. Nas disciplinas conjuntas, poderiam ser encontrados tanto alunos do curso da ESALQ como da Escola Politécnica.

Conheçam o livreto ilustrativo da versão para Engenharia Florestal dessa parceria e que foi produzido pela ESALQ:

Curso de Pós-Graduação em Engenharia Florestal. Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". Universidade de São Paulo. 44 pp. (1981)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/1980_Curso+PG+ESALQ+USP_EngFlorestal.pdf

A grade das disciplinas para o curso de pós-graduação da ESALQ em Engenharia Florestal incluía as disciplinas a seguir referenciadas na figura:

DISCIPLINAS

Área de Concentração

LSV 711 - Tecnologia de Celulose e Papel (10 créditos)
LSV 712 - Secagem e Tratamento da Madeira (10 créditos)
LSV 713 - Melhoramento Florestal (10 créditos)
LSV 714 - Formação e Manejo de Povoamentos Florestais (10 créditos)
LSV 715 - Produção de Sementes Florestais (10 créditos)
LSV 716 - Silvicultura Geral (10 créditos)
LSV 717 - Ecologia Florestal (10 créditos)
LSV 718 - Economia Florestal (10 créditos)
LSV 719 - Manejo de Bacias Hidrográficas (10 créditos)
LSV 722 - Entomologia Florestal (10 créditos)
LSV 726 - Biometria Florestal (10 créditos)
LSV 727 - Recursos Fibrosos para Produção de Celulose (10 créditos)
LSV 728 - Recursos Energéticos Florestais (10 créditos)
LSV 740 - Branqueamento e Purificação de Fibras Celulósicas (10 créditos)

Área de Domínio Conexo

LAH 706 - Análise e Tecnologia de Sementes (10 créditos)
LBO 713 - Fisiologia Vegetal (10 créditos)
LES 790 - Microeconomia II (10 créditos)
LER 800 - Irrigação e Drenagem (10 créditos)
LGN 705 - Genética de Populações (10 créditos)
LGN 810 - Genética Quantitativa (10 créditos)
LSG 810 - Adubos e Adubação (10 créditos)
LSG 820 - Fertilidade do Solo (10 créditos)
LSG 865 - Planejamento do Uso da Terra (10 créditos)
LSV 720 - Fotogrametria e Fotointerpretação em Silvicultura (10 créditos)
LSV 721 - Nutrição Mineral em Silvicultura (10 créditos)
LSV 730 - Qualidade da Madeira para Celulose e Papel (10 créditos)
LES 798 - Estudo de Problemas Brasileiros (2 créditos)
LSV 799 - Seminários (4 créditos)

Dentre as diversas disciplinas do curso, fiquei encarregado de lecionar duas delas, ambas fazendo parte do programa de pós-graduação da ESALQ, mas com locais de apresentação distintos:

- **LSV 730: Qualidade da madeira para celulose e papel** (lecionada na ESALQ em Piracicaba)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/1980_Disciplina+USP+Qualidade+Madeira.pdf (Ementa da disciplina LSV 730)

- **LSV 740: Branqueamento e purificação das fibras celulósicas** (lecionada tanto na Escola Politécnica como nas dependências do CTCP/IPT – Cidade Universitária de São Paulo)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/1981_Disciplina+USP+Branqueamento.pdf (Programa simplificado da disciplina LSV 740)

Para as minhas aulas, eu tinha que me deslocar de Guaíba/RS, onde morávamos na época por estar trabalhando na Riocell, até Piracicaba (primeiro ou segundo semestre de 1980, não tenho mais tanta certeza) ou São Paulo (primeiro trimestre de 1981). A ida a Piracicaba era mais complexa, pois era preciso voar nas sextas-feiras de Porto Alegre a São Paulo (07h00min horas da manhã), depois ir à rodoviária de São Paulo para viagem de ônibus a Piracicaba, chegando para o almoço e dai para as aulas das 13h30min até 18horas. Após aula, eu dormia em Piracicaba no Hotel Beira Rio e voltava em roteiro inverso a Guaíba no sábado pela manhã. Quando o curso de branqueamento aconteceu na Cidade Universitária, o roteiro ficava bem mais simples, era possível ir e voltar no mesmo dia a São Paulo, sem maiores complicações.

Na disciplina de Piracicaba, tive alunos tanto que se especializaram em celulose e papel e tecnologia de produtos florestais, como alunos de outras áreas das Ciências Florestais que quiseram cursar a disciplina para agregação de conhecimentos. Na disciplina lecionada em São Paulo, tivemos tanto alunos da pós-graduação de Piracicaba, que estavam se especializando em celulose e papel, como alunos da pós-graduação em Engenharia Química da Escola Politécnica.

O grupo de alunos em celulose e papel da ESALQ era constituído de sete alunos, sendo que apenas dois não chegaram a concluir a defesa de tese na ESALQ: Antônio Fernando Elias (que acabou indo estudar em North Carolina State University nos Estados Unidos da América e lá defendeu uma dissertação de mestrado para aquela universidade) e João Carlos Gil Muner. Os demais alunos matriculados para tecnologia de celulose e papel conseguiram cumprir todos os requisitos pela ESALQ: Telma Sinício; Vail Manfredi e José Carlos Duarte Pereira. Em Piracicaba, também assistiram minhas aulas como ouvintes ou obtendo créditos para seus cursos, diversos alunos, tais como os amigos Admir Lopes Mora, Antônio José Migliorini e outros eventuais como ouvintes. Infelizmente,

não guardei mais detalhes dos alunos de São Paulo, além do grupo de alunos de Piracicaba que lá iam assistir às aulas por mim ministradas.

Além das boas lembranças das aulas e da satisfação de ter tido alunos que se destacaram na profissão dentro do setor de celulose e papel em empresas/instituições de ponta nacionais e internacionais, ficam também no repositório mundial de conhecimentos as produções das dissertações de mestrado dos nossos alunos. Dentre as que consegui resgatar, estão colocados tanto os trabalhos de pesquisa (dissertações) dos que concluíram o curso de mestrado em celulose e papel pela ESALQ, como também de alunos de outras áreas que se aventuraram a conhecer os conteúdos de minhas aulas.

Professor Celso Foelkel e alguns de seus alunos do curso 1980/1981: Telma Sinício, João Carlos Gil Muner, José Carlos Duarte Pereira, Vail Manfredi

Conheçam então as dissertações de mestrado desse grupo seleto de estudantes (em ordem alfabética de primeiro nome), estando eles nos dias de hoje alguns já aposentados, outros em atividades em empresas no Brasil ou exterior e outros em atividades de consultoria com suas próprias empresas.

Interação com espaçamentos e locais em clones de *Eucalyptus* spp. no norte do estado da Bahia. A.L. Mora. Dissertação de Mestrado. Orientação: P.Y. Kageyama. USP – Universidade de São Paulo. 115 pp. (1986)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/1986_Clones+Eucalyptus+Bahia.pdf

Propriedades físicas do papel de três camadas. A.F. Elias. 16º Congresso Anual ABCP – Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel. Trabalhos Técnicos. Volume 3: 785 – 799. (1983)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/1983_Papel+Tres+Camadas.pdf
(Resumo do trabalho de dissertação de mestrado de Antônio Fernando Elias em NCSU/USA)

Variação da densidade básica da madeira de *Eucalyptus grandis* Hill ex Maiden em função de diferentes níveis de produtividade da floresta. A.J. Migliorini. Dissertação de Mestrado. Orientação: L.E.G. Barrichelo. USP – Universidade de São Paulo. 90 pp. (1986)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/1986_Produtividade+Florestal+Densidade+Madeira+Eucalyptus.pdf

A influência do ritmo de crescimento na densidade da madeira de *Pinus elliottii* Engelman var. *elliottii*. J.C.D. Pereira. Dissertação de Mestrado. Orientação: L.E.G. Barrichelo. USP – Universidade de São Paulo. 106 pp. (1982)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/1982_Ritmo+Crescimento_Densidade+Madeira+Pinus.pdf

Influência de diferentes intensidades de desbaste na qualidade da madeira de *Pinus taeda* L. para produção de celulose kraft. T. Sinício Muner. Dissertação de Mestrado. Orientação: L.E.G. Barrichelo. USP – Universidade de São Paulo. 161 pp. (1983)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/1983_Efeito+Desbaste+Madeira_Pinus.pdf

Variação do rendimento em celulose sulfato ao longo do tronco de *Eucalyptus grandis* Hill ex Maiden e *E. saligna* Smith. V. Manfredi. Dissertação de Mestrado. Orientação: L.E.G. Barrichelo. USP – Universidade de São Paulo. 103 pp. (1985)

https://www.eucalyptus.com.br/VailManfredi/1985_Variacao_Rendimento_Celulose_Tronco.pdf

Importante se mencionar, que a preparação conjunta desses cursos/disciplinas feita nessa parceria oportunizou a criação, pouco tempo depois, de um curso internacional pelo CTCP/IPT e USP que se denominou

de “Curso Pan-Americano de Especialização em Celulose e Papel”, do qual também fui professor, conforme Relato de Vida, a seguir disponibilizado;

Relato de Vida: **Curso Pan-Americano de Especialização em Celulose e Papel**. C. Foelkel. PinusLetter nº 44. 08 pp. (2015)
http://www.celso-foelkel.com.br/pinus/PinusLetter44_Cursos_Panamericanos_Celulose_Papel.pdf

A partir de abril de 2008, a antiga e produtiva SQCP, que foi diversas vezes citada e recitada nesse meu presente relato de vida, passou a dispor de modernas instalações laboratoriais no *campus* da ESALQ, em prédio ao lado das instalações do Departamento de Ciências Florestais. E a vida continua, para a SQCP, atualmente LQCE, também em jornada vitoriosa.

***Fontes das Imagens**:* CeluloseOnline & LQCE

10. Celso Foelkel & ESALQ & Celulose & Papel: Outras parcerias e desafios com a ESALQ e IPEF

Depois de minha participação como professor convidado do curso de pós-graduação em Engenharia Florestal através da parceria entre ESALQ/Escola Politécnica/CTCP+IPT e apoio Riocell, eu tive diversas oportunidades de trabalhos conjuntos e interações com a ESALQ e IPEF, tais como:

- Participação na diretoria do IPEF no cargo de vice-presidente no período 1997/2000;
- Homenagem com a distinção de sócio honorário do IPEF na categoria mérito acadêmico e científico, em 2003;
- Redação de artigo a convite da Revista Visão Agrícola da ESALQ;
- Participação como instrutor palestrante de diversos dos módulos do PPGF – Programa de Preparação de Gestores Florestais pelo IPEF entre 2011 a 2020;
- Colaborador na estruturação e eventualmente como palestrante das Sessões Florestais (organizadas pelo IPEF) dos Congressos Internacionais de Celulose e Papel da ABTCP – Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel entre os anos de 2013 a 2018;

- Palestrante do evento IPEF 50 Anos em 2018, sendo uma das pessoas homenageadas pelo IPEF nesse importante evento (foto na página anterior);
- Parceria com o IPEF para digitação de importantes documentos técnicos e históricos do setor brasileiro de base florestal e de celulose e papel (Livros do Dr. Edmundo Navarro de Andrade e equipe, Anais de Eventos, Congressos, Conferências, Revistas), a partir de 2009.
- Dentre diversas outras atividades de menor dimensão.

Sessão de abertura do 47º Congresso Anual da ABTCP em 2015

Seguem endereços de web onde se podem encontrar maiores informações sobre essas atividades conjuntas que aconteceram com minha participação com a ESALQ e com o IPEF durante as gestões dos professores e diretores executivos do IPEF: Luiz Ernesto George Barrichelo e José Otávio Brito.

Eucalipto no Brasil, história de pioneirismo. C.E.B. Foelkel. Visão Agrícola 2(Junho/Dezembro): 66-69. (2005)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/02%20-%20Eucalipto%20no%20Brasil.pdf

Relato de Vida: **IPEF – Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais.** C. Foelkel. In: PinusLetter nº 47. 12 pp. (2015)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/IPEF/News47_Relatos_Vida_IPEF.pdf

Relato de Vida: **IPEF – Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais. A integração científica e tecnológica em benefício do setor de base florestal e da sociedade.** C. Foelkel. Website www.eucalyptus.com.br. Apresentação em PowerPoint: 31 slides. (2015)

https://www.eucalyptus.com.br/artigos/outros/IPEF_Relatos_de_vida_2015.pdf

Resgates históricos e tecnológicos. Setor de base florestal. Uma história vivenciada e compartilhada. C. Foelkel. Simpósio IPEF 50 Anos. Apresentação em PowerPoint: 27 slides. (2018)

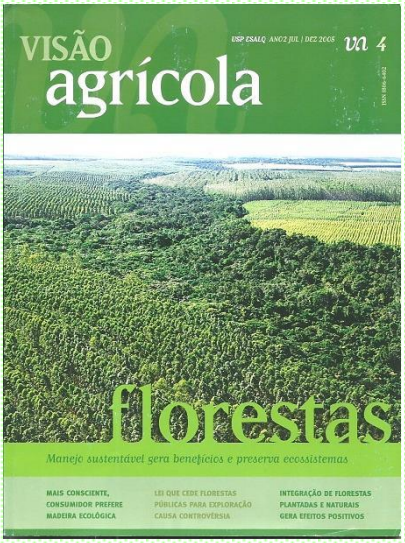
http://celsofoelkel.com.br/artigos/Palestras/2018_%20IPEF_50_Anos_RESGATES_HISTORICOS_TECNOLOGICOS_FOELKEL.pdf

ABTCP/IPEF+ESALQ - Encontrando parcerias produtivas em benefício dos setores de base florestal e celulósico-papeleiro. C. Foelkel. Eucalyptus Newsletter nº 68. 84 pp. (2019)

https://www.eucalyptus.com.br/news/pt_mar19.pdf

Módulo "Gestão da Informação e do Conhecimento" - PPGF – Programa de Preparação de Gestores Florestais. IPEF - Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais. C. Foelkel. In PinusLetter nº 55. Páginas: 10 – 21. (2020)

http://www.celso-foelkel.com.br/pinus/pinus_55.pdf



Participação em bancas de defesas de teses de doutorado e dissertações de mestrado da ESALQ

Entre 1994 a 2012 fui convidado para compor bancas de defesa de teses de doutorado e dissertações de mestrado produzidas e defendidas por alunos da ESALQ. Foram apenas seis oportunidades e que me honraram muito. Acredito que o rigor que eu sempre exigi em termos de qualidade da tese/dissertação, estruturação, conclusões, redação e ortografia acabaram limitando novos convites. Curioso que os alunos defensores dos trabalhos e os próprios orientadores não gostam de bancas muito exigentes, talvez porque se sintam que foram descuidados em relação a ir para a defesa com as teses não completamente revisadas ou até incompletas. Uma lástima, pois após as adequações sugeridas, os trabalhos ficam definitivamente melhores e mais úteis. Professor Barrichelo é da mesma escola de exigências. Por isso, quando estamos os dois na mesma banca, o resultado é sempre para um trabalho final mais qualificado após nossas sugestões de correções, revisão e adequações. Apesar de alguns eventuais constrangimentos para o aluno e/ou orientador.

Foram os seguintes os trabalhos acadêmicos dos quais participei em bancas de avaliação na ESALQ:

Conversão do processo kraft em soda-DDA (sal di-sódico de 1,4 - dihidro – 9,10 dihidro antraceno) para madeira de eucalipto. Francides Gomes da Silva Júnior. Orientação: Luiz Ernesto George Barrichelo. Avaliador na banca de defesa: Celso Foelkel. Dissertação de Mestrado. E.S.A.L.Q. – Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". USP – Universidade de São Paulo. 194 pp. (1994)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/1994_Francides+Gomes+Silva+Junior.pdf

Avaliação da qualidade da celulose kraft-AQ ECF e TCF de eucalipto. Isabel Menezes de Bulhões Gomes. Orientação: Luiz Ernesto George Barrichelo. Avaliador na banca de defesa: Celso Foelkel. Dissertação de Mestrado. E.S.A.L.Q. – Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". USP – Universidade de São Paulo. (1998)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/1998_Artigo_ABTCP_Isabel+Bulhoes+Gomes.pdf

(Artigo publicado no 31º Congresso da ABTCP como resumo da dissertação, visto não termos a dissertação disponível na íntegra)

Influência da carga alcalina no processo de polpação Lo-Solids® para madeiras de eucalipto. Fábio Sérgio de Almeida. Orientação: Francides Gomes da Silva Júnior. Avaliador na banca de defesa: Celso Foelkel. Dissertação de Mestrado. E.S.A.L.Q. – Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". USP – Universidade de São Paulo. 131 pp. (2003)

http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11150/tde-06112003-135906/publico/fabio.pdf

Misturas de madeiras de *Eucalyptus grandis x Eucalyptus urophylla*, *Eucalyptus globulus* e *Pinus taeda* para produção de celulose kraft através do processo Lo-Solids®. Ana Gabriela Monnerat Carvalho Bassa. Orientação: Francides Gomes da Silva Júnior. Avaliador na banca de defesa: Celso Foelkel. Dissertação de Mestrado. E.S.A.L.Q. – Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". USP – Universidade de São Paulo. 170 pp. (2006)

http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11150/tde-08032007-162226/publico/AnaBassa.pdf

Avaliação do potencial da casca de *Eucalyptus spp*. para a produção de bioetanol. Juliano Bragatto. Orientação: Carlos Alberto Labate. Avaliador na banca de defesa: Celso Foelkel. Tese de Doutorado. E.S.A.L.Q. – Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". USP – Universidade de São Paulo. 156 pp. (2010)

http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11144/tde-13122010-104913/publico/Juliano_Bragatto.pdf

Avaliação das madeiras de *Eucalyptus grandis x Eucalyptus urophylla* e *Acacia mearnsii* para a produção de celulose kraft pelos processos convencional e Lo-Solids®. Tiago Edson Simkunas Segura. Orientação: Francides Gomes da Silva Júnior. Avaliador na banca de defesa: Celso Foelkel. Dissertação de Mestrado. E.S.A.L.Q. – Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". USP – Universidade de São Paulo. 100 pp. (2012)

http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11150/tde-13022012-144051/publico/Tiago_Edson_Simkunas_Segura_versao_revisada.pdf

Biblioteca Digital USP
Teses e Dissertações

11. Celso Foelkel & Celulose & Papel: A vida continuou prazerosa e os sonhos de ensinar os estudantes brasileiros em celulose e papel foram sendo ampliados através da web

Alguns troféus do Professor Celso Foelkel com os cursos da ABTCP

Resignar-se, dentre diversas de suas definições, é se submeter à vontade do destino, aceitando o que ele nos reserva. Muitas vezes, acreditamos que o destino nos pregou uma peça e nos colocou em um cenário desfavorável. Entretanto, nada como o passar do tempo e o mesmo destino pode ir nos surpreendendo com situações que passaram de novas e desconhecidas, para outras que acabam por tornar nossa vida mais prazerosa e valiosa do que antes. Tive diversas fases em minha vida, algumas difíceis e complicadas, outras que mudaram minha rota profissional e carreira. Felizmente, e porque não dizer, com muita determinação e foco no futuro melhor, as coisas foram se sucedendo de uma forma não totalmente planejada, mas que resultaram em uma vida muito legal para mim e minha família. E acredito que para os setores de base florestal e de celulose e papel também.

O sonho inicial de ser professor da ESALQ foi drasticamente ampliado, com passagens como professor em diversas universidades, na maior parte dos casos, como professor voluntário e em outras situações como professor contratado ou como professor consultor. Dessa forma, e com centenas de alunos presenciais e milhares virtuais, fui passo a passo atingindo minha meta "ainda inacabada" de oferecer conhecimentos tecnológicos e experiências de vida aos técnicos do setor brasileiro de celulose e papel. (e de outros países também, como Chile, África do Sul,

Estados Unidos da América, Argentina, Colômbia, Peru, Alemanha, Canadá, etc.).

Dentre as universidades brasileiras em que atuei basicamente na pós-graduação *stricto sensu* ou em cursos de especialização *latu sensu*, após deixar a ESALQ, posso colocar em ordem de atuação as seguintes:

UFV – Universidade Federal de Viçosa

USP – Universidade de São Paulo

Faculdades Oswaldo Cruz

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

PUC-RGS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

UCS – Universidade de Caxias do Sul

Mackenzie – Universidade Presbiteriana MacKenzie

UNOESC – Universidade do Oeste de Santa Catarina

SENAI – Faculdade SENAI Chapecó

Para algumas dessas experiências já consegui criar relatos de vida apresentando as riquezas de novas amizades e de muitos conhecimentos compartilhados. Conheçam algumas dessas experiências vividas em adição a outros relatos já disponibilizados anteriormente:

Relato de Vida: **Cursos de Especialização em Celulose e Papel. ABTCP – Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel.** C. Foelkel. In: PinusLetter nº 44. 14 pp. (2014)

http://www.celso-foelkel.com.br/pinus/PinusLetter44_Cursos_Especializacao_ABTCP.pdf

Relato de Vida: **Cursos de Especialização em Meio Ambiente. PUC-RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul & UCS – Universidade de Caxias do Sul.** C. Foelkel. In: PinusLetter nº 45. 16 pp. (2015)

http://www.celso-foelkel.com.br/pinus/Pinus45_Relatos_PUCRS_UCS_CursosAmbientais.pdf

Curso e Relato de Vida: **Gestão da Informação e do Conhecimento.** C. Foelkel. In: PinusLetter nº 55. 25 pp. (2015)

http://www.celso-foelkel.com.br/pinus/pinus_55.pdf

Curso & Relato de Vida: **Multi-Polpas & Multi-Fibras BHKMP – Bleached Hardwood Kraft Market Pulps. Foco em fibras & polpas kraft branqueadas de *Eucalyptus.*** C. Foelkel. In: Eucalyptus Newsletter nº 81. 594 pp. (2020)

https://www.eucalyptus.com.br/news/pt_ago2020.pdf

Uma Coletânea e um Relato de Vida: **A evolução tecnológica no Brasil da qualidade das madeiras e das fibras celulósico-papeleiras dos eucaliptos sendo contada pela sequência temporal dos trabalhos técnicos divulgados e disponibilizados através de eventos e publicações da ABTCP - Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel**. C. Foelkel. Eucalyptus Newsletter nº 80. 131 pp. (2020)

https://www.eucalyptus.com.br/news/pt_jun2020.pdf

Uma Coletânea e um Relato de Vida: **A evolução tecnológica no Brasil da produção de celulose e papel a partir de madeiras de *Pinus* e de outras coníferas sendo contada pela sequência temporal dos trabalhos técnicos divulgados e disponibilizados através de eventos e publicações da ABTCP - Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel.** C. Foelkel. PinusLetter nº 57. 94 pp. (2020)

http://www.celso-foelkel.com.br/pinus/pinus_57.pdf

Uma Galeria de Imagens e um Relato de Vida: **Parte 1: Multi-Fibras & Multi-Polpas Celulósicas. Um atlas de imagens & paisagens anatômicas de fibras & polpas.** C. Foelkel. Eucalyptus Newsletter nº 82. 286 pp. (2020)

https://www.eucalyptus.com.br/news/pt_set2020.pdf

Galeria de Imagens; Coletânea Bibliográfica & Relato de Vida: **Parte 2: Microscopia de madeiras e papéis contendo atlas de imagens & paisagens anatômicas de madeiras & papéis.** C. Foelkel. Eucalyptus Newsletter nº 82. 286 pp. (2020)

https://www.eucalyptus.com.br/news/pt_out2020.pdf

Além desses relatos e materiais de cursos, muitas informações adicionais podem ser obtidas em meus dois websites, aos quais agradeço qualquer eventual visitação: https://www.eucalyptus.com.br e http://www.celso-foelkel.com.br

Finalmente, em função dos avanços da internet e das atuações virtuais, passei a partir de certo momento a me qualificar também como professor virtual, valendo-me para isso de meus dois websites, meu endereço de e-mail, alguns programas de comunicação para grupos de pessoas (para palestras e cursos) e minha página no Linkedin.

Algumas informações sobre isso podem ser obtidas em:

Google do Eucalipto e do *Pinus*. Profissionais, pesquisadores, meio acadêmico e agricultores do setor florestal buscam cada vez mais as publicações digitais Eucalyptus Online Book & Newsletter e PinusLetter como referências em informação técnica de qualidade. T. Santi. Revista O Papel (Maio): 44 – 47. (2012)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/google%20do%20eucalipto%20e%20do%20pinus.pdf

A Grau Celsius e o Fórum Aberto de Perguntas e Respostas "Pergunte ao Euca Expert" – "Ask the Euca Xpert". C. Foelkel. Eucalyptus Newsletter nº 67. 156 pp. (2019)

https://www.eucalyptus.com.br/news/pt_fev19.pdf

Como resultado dessa intensa atuação atuando como pesquisador do conhecimento, difusão do mesmo e intensa atuação como professor, em 2020, o CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico me honrou com a distinção "Pesquisador Emérito do CNPQ", com o que fiquei imensamente feliz e agradecido.

Título de Pesquisador Emérito. Agraciados em 2020. CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Folder. (2020)

http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/2020_Agraciados_Pesquisadores+Emeritos_CNPQ.pdf

Enfim amigos, por forças inexplicáveis do destino e, porque não, também pela minha determinação para atingir objetivos de vida, o sonho de poder colaborar na formação de profissionais para o setor brasileiro de base florestal plantada e de celulose e papel acabou acontecendo tanto por minhas aulas, palestras, artigos, livros e websites, como também pelo apoio de empresas onde trabalhei (CENIBRA e Riocell), universidades e escolas já citadas, associações técnicas setoriais (ABTCP, TAPPI, ABECEL, ANAVE etc.), amigos, alunos e familiares que me oportunizaram essas inúmeras realizações.

Pesquisadores Eméritos
Carlos Alberto Vogtl
Carlos Henrique de Brito Cruz
Celso Edmundo Bochetti Foelkel
Frederico Guilherme Graeff
Hernan Chaimovich Guralnik
Isaias de Carvalho Macedo
Jacob Palis Junior
Jaime A. Rabi
Luiz Bevilacqua
Marisa Philbert Lajolo
Título de Pesquisador Emérito
&
Menção Especial de Agradecimentos
Menção Especial de Agradecimentos
Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz
Ildeu de Castro Moreira
Instituto Serrapilheira
Izalci Lucas Ferreira
Luiz Davidovich
Pedro Wongtschowski
Agraciados 2020
www.cnpq.br
CNPq
CNPq
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÕES
PÁTRIA AMADA BRASIL

Eucalyptus Online Book & Newsletter
FINALMENTE PARA VOCÊ
UM LIVRO E UMA NEWSLETTER SOBRE OS EUCALYPTUS NA WEB
TOTALMENTE GRATUITOS
Celsius Degree
Grau Celsius
www.celso-foelkel.com.br
A Página do Conhecimento sobre o Eucalipto e sobre o Pinus
Muitos conhecimentos apresentados em linguagem didática.
Muita tecnologia, muitas fotos e informação.
Forte ênfase em sustentabilidade e ecoeficiência.
ABTCP
Patrocinados pela ABTCP e por uma rede de empresas do setor de base florestal.
Apoiados por cerca de 20 instituições a nível mundial.
Acesse e registre-se para receber em:
www.eucalyptus.com.br
E ainda há mais:
Uma seção de perguntas e respostas para tirar suas dúvidas:
PERGUNTE AO EUCA EXPERT
Receba pela internet e imprima em papel quantas vezes você quiser e precisar

PinusLetter
CONHEÇA TAMBÉM:
ABSOLUTAMENTE GRÁTIS
BASTA SE REGISTRAR
Celsius Degree
Grau Celsius
www.celso-foelkel.com.br
A Página do Conhecimento sobre o Eucalipto e sobre o Pinus
UMA NEWSLETTER ONLINE ENVIADA DIRETAMENTE A VOCÊS COM MUITOS CONHECIMENTOS SOBRE OS PINUS
ABTCP
Uma criação de Ester Foelkel e Celso Foelkel
Acesse e registre-se em:
www.eucalyptus.com.br
Visite nossos arquivos em:
www.celso-foelkel.com.br/pinusletter.html
Patrocinada pela ABTCP e por empresas do setor florestal brasileiro.
CONTAMOS COM A SUA VISITA, APOIO E CADASTRAMENTO
APRENDA MUITO E DIVIRTA-SE NAVEGANDO NA WEB

12. Um muito obrigado a todos que colaboraram para tornar essa minha História de Vida muito valiosa e agradável a cada dia que passa

Uma História de Vida é determinada principalmente por momentos, decisões e fatos relevantes ao longo da mesma. Existem milhares de fatos e decisões rotineiras que acontecem diariamente em nossas vidas, mas a enorme maioria não afeta nossa história, a menos, que por alguma razão, que chamamos de destino, alguma delas possa trazer consequências realmente importantes. Mesmo se atribuindo ao destino muito do que possa acontecer de relevante, são as nossas decisões e determinação que ajudam a traçar ou alterar as rotas de nossas vidas.

Cada um de nós tem sua própria história de vida, geralmente integrada a outras histórias de vida (parentes, amigos, colegas, etc.). Nossa vida vai sendo então construída conforme nos organizamos, estruturamos ou decidimos pelas rotas a seguir. Ou por fatos ocasionais ou acidentais nesse trajeto.

A grande verdade a entender é que, ao decidirmos por alterar a nossa rota, o caminho passa a ser completamente diferente e as sequências de fatos e decisões também. Por isso, pelo fato de eu ter tido diversas e relevantes mudanças de rotas, é que acabei tendo o privilégio de caminhar através de uma vida realmente rica, diversificada, prazerosa, desafiadora e cheia de conquistas, desafios e também alguns percalços e derrotas, mas nenhuma dessas foi suficiente importante para me desestimular. Pelo contrário, nem mesmo as dificuldades que tive no meu período de grave enfermidade entre 1974/1975 chegaram a me desanimar. Elas foram, isso sim, importantes para que eu pudesse avaliar

e me estruturar melhor com minhas emoções, valores, sentimentos e metas familiares, profissionais e de interação relacional com a sociedade.

A ESALQ e as diversas passagens que tive por ela, como estudante, professor e amigo da escola, me fortaleceram e me ajudaram a encontrar caminhos que foram igualmente importantes. Nem mesmo a decepção com o sonho interrompido de continuar professor da mesma foi suficientemente forte para eu me desanimar com a escola de meus sonhos de juventude.

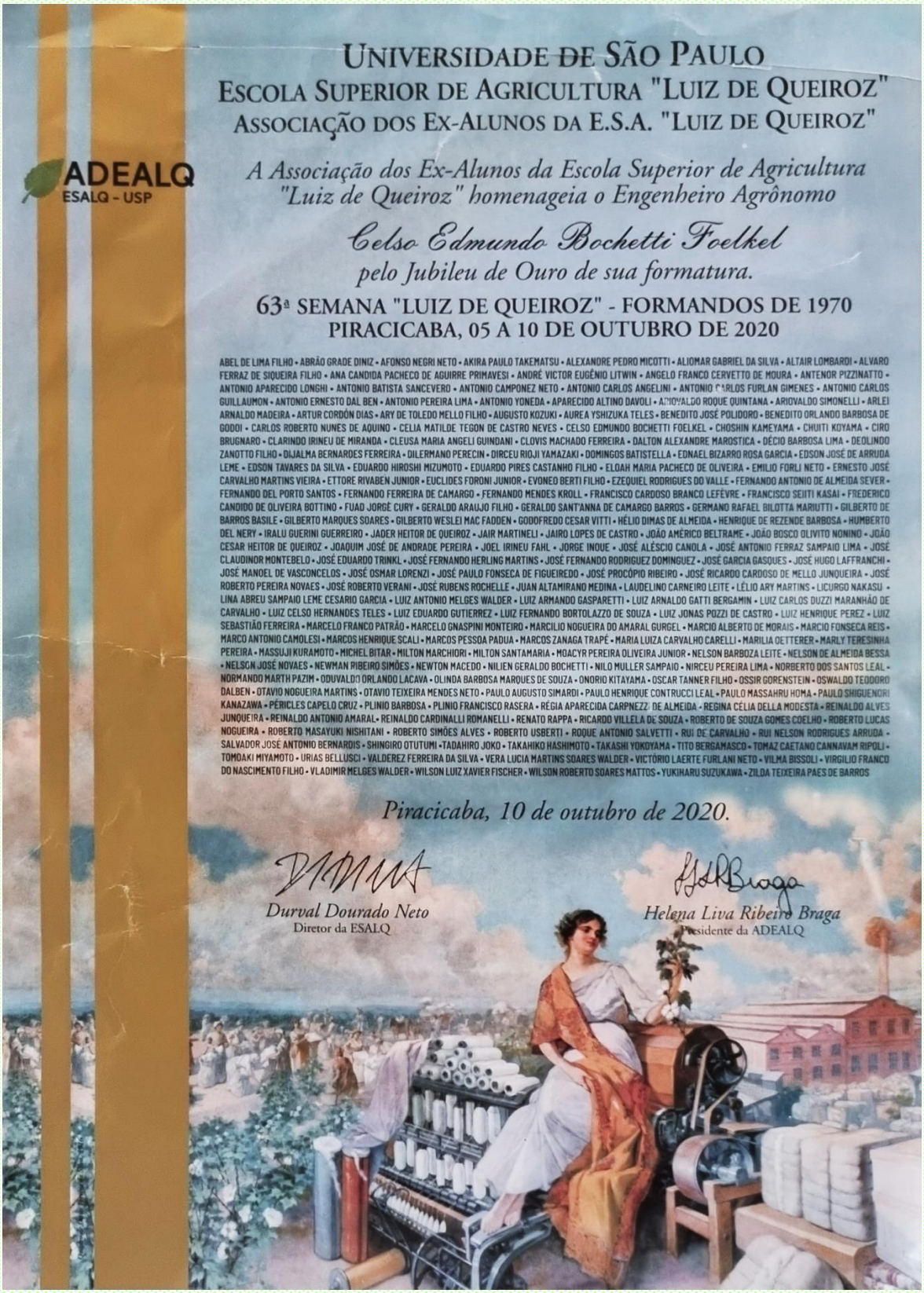
Às pessoas que fui encontrando e interagindo ao longo dessas rotas que tiveram a ESALQ como pano de fundo, um sincero obrigado por tudo que me ofereceram, quer seja pelos fatos bons e felizes, como pelos não tão bons, mas que também fazem parte da vida e nos ajudam a crescer como seres humanos.

À minha esposa Lorena e filhas Alessandra e Ester, que me entendem, estimulam e ajudam no desenvolvimento de conteúdos para oferecer à sociedade através da web nesse meu processo de compartilhamento e formação de um legado tecnológico; a elas meu carinho, respeito, amizade, admiração e amor.

E vamos em frente, há ainda muito a ser feito enquanto vivos.

Uma árvore só não é uma floresta

Um barco sem tecnologia e sem condutor muito provavelmente navegará a esmo e sem destino



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"
ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS DA E.S.A. "LUIZ DE QUEIROZ"

ADEALQ
ESALQ - USP

A Associação dos Ex-Alunos da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" homenageia o Engenheiro Agrônomo

Celso Edmundo Bochetti Foelkel

pelo Jubileu de Ouro de sua formatura.

63ª SEMANA "LUIZ DE QUEIROZ" - FORMANDOS DE 1970
PIRACICABA, 05 A 10 DE OUTUBRO DE 2020

ABEL DE LIMA FILHO • ABRÃO GRADE DINIZ • AFONSO NEGRI NETO • AKIRA PAULO TAKEMATSU • ALEXANDRE PEDRO MICOTTI • ALIOMAR GABRIEL DA SILVA • ALTAIR LOMBARDI • ALVARO FERRAZ DE SIQUEIRA FILHO • ANA CANDIDA PACHECO DE AGUIRRE PRIMAVESI • ANDRÉ VICTOR EUGÊNIO LITWIN • ANGELO FRANCO CERVETTO DE MOURA • ANTENOR PIZZINATTO • ANTONIO APARECIDO LONGHI • ANTONIO BATISTA SANCEVERO • ANTONIO CAMPONEZ NETO • ANTONIO CARLOS ANGELINI • ANTONIO CARLOS FURLAN GIMENES • ANTONIO CARLOS GUILLAUMON • ANTONIO ERNESTO DAL BEN • ANTONIO PEREIRA LIMA • ANTONIO YONEDA • APARECIDO ALTINO DAVOLI • ARIOVALDO ROQUE QUINTANA • ARIOVALDO SIMONELLI • ARLEI ARNALDO MADEIRA • ARTUR CORDÓN DIAS • ARY DE TOLEDO MELLO FILHO • AUGUSTO KOZUKI • AUREA YSHIZUKA TELES • BENEDITO JOSÉ POLIDORO • BENEDITO ORLANDO BARBOSA DE GODOI • CARLOS ROBERTO NUNES DE AQUINO • CELIA MATILDE TEGON DE CASTRO NEVES • CELSO EDMUNDO BOCHETTI FOELKEL • CHOSHIN KAMEYAMA • CHUITI KOYAMA • CIRO BRUGNARO • CLARINDO IRINEU DE MIRANDA • CLEUSA MARIA ANGELI GUINDANI • CLOVIS MACHADO FERREIRA • DALTON ALEXANDRE MAROSTICA • DÉCIO BARBOSA LIMA • DEOLINDO ZANOTTO FILHO • DIJALMA BERNARDES FERREIRA • DILERMANO PERECIN • DIRCEU RIOJI YAMAZAKI • DOMINGOS BATISTELLA • EDNAEL BIZARRO ROSA GARCIA • EDSON JOSÉ DE ARRUDA LEME • EDSON TAVARES DA SILVA • EDUARDO HIROSHI MIZUMOTO • EDUARDO PIRES CASTANHO FILHO • ELOAH MARIA PACHECO DE OLIVEIRA • EMILIO FORLI NETO • ERNESTO JOSÉ CARVALHO MARTINS VIEIRA • ETTORE RIVABEN JUNIOR • EUCLIDES FORONI JUNIOR • EVONEO BERTI FILHO • EZEQUIEL RODRIGUES DO VALLE • FERNANDO ANTONIO DE ALMEIDA SEVER • FERNANDO DEL PORTO SANTOS • FERNANDO FERREIRA DE CAMARGO • FERNANDO MENDES KROLL • FRANCISCO CARDOSO BRANCO LEFÈVRE • FRANCISCO SEIITI KASAI • FREDERICO CANDIDO DE OLIVEIRA BOTTINO • FUAD JORGE CURY • GERALDO ARAUJO FILHO • GERALDO SANT'ANNA DE CAMARGO BARROS • GERMANO RAFAEL BILOTTA MARIUTTI • GILBERTO DE BARROS BASILE • GILBERTO MARQUES SOARES • GILBERTO WESLEI MAC FADDEN • GODOFREDO CESAR VITTI • HÉLIO DIMAS DE ALMEIDA • HENRIQUE DE REZENDE BARBOSA • HUMBERTO DEL NERY • IRALU GUERINI GUERREIRO • JADER HEITOR DE QUEIROZ • JAIR MARTINELI • JAIRO LOPES DE CASTRO • JOÃO AMÉRICO BELTRAME • JOÃO BOSCO OLIVITO NONINO • JOÃO CESAR HEITOR DE QUEIROZ • JOAQUIM JOSÉ DE ANDRADE PEREIRA • JOEL IRINEU FAHL • JORGE INOUE • JOSÉ ALÉSCIO CANOLA • JOSÉ ANTONIO FERRAZ SAMPAIO LIMA • JOSÉ CLAUDINOR MONTEBELO • JOSÉ EDUARDO TRINKL • JOSÉ FERNANDO HERLING MARTINS • JOSÉ FERNANDO RODRIGUEZ DOMINGUEZ • JOSÉ GARCIA GASQUES • JOSÉ HUGO LAFFRANCHI • JOSÉ MANOEL DE VASCONCELOS • JOSÉ OSMAR LORENZI • JOSÉ PAULO FONSECA DE FIGUEIREDO • JOSÉ PROCÓPIO RIBEIRO • JOSÉ RICARDO CARDOSO DE MELLO JUNQUEIRA • JOSÉ ROBERTO PEREIRA NOVAES • JOSÉ ROBERTO VERANI • JOSÉ RUBENS ROCHELLE • JUAN ALTAMIRANO MEDINA • LAUDELINO CARNEIRO LEITE • LÉLIO ARY MARTINS • LICURGO NAKASU • LINA ABREU SAMPAIO LEME CESARIO GARCIA • LUIZ ANTONIO MELGES WALDER • LUIZ ARMANDO GASPARETTI • LUIZ ARNALDO GATTI BERGAMIN • LUIZ CARLOS DUZZI MARANHÃO DE CARVALHO • LUIZ CELSO HERNANDES TELES • LUIZ EDUARDO GUTIERREZ • LUIZ FERNANDO BORTOLAZZO DE SOUZA • LUIZ JONAS POZZI DE CASTRO • LUIZ HENRIQUE PEREZ • LUIZ SEBASTIÃO FERREIRA • MARCELO FRANCO PATRÃO • MARCELO GNASPINI MONTEIRO • MARCILIO NOGUEIRA DO AMARAL GURGEL • MARCIO ALBERTO DE MORAIS • MARCIO FONSECA REIS • MARCO ANTONIO CAMOLESI • MARCOS HENRIQUE SCALI • MARCOS PESSOA PADUA • MARCOS ZANAGA TRAPÉ • MARIA LUIZA CARVALHO CARELLI • MARILIA OETTERER • MARLY TERESINHA PEREIRA • MASSUJI KURAMOTO • MICHEL BITAR • MILTON MARCHIORI • MILTON SANTAMARIA • MOACYR PEREIRA OLIVEIRA JUNIOR • NELSON BARBOZA LEITE • NELSON DE ALMEIDA BESSA • NELSON JOSÉ NOVAES • NEWMAN RIBEIRO SIMÕES • NEWTON MACEDO • NILIEN GERALDO BOCHETTI • NILO MULLER SAMPAIO • NIRCEU PEREIRA LIMA • NORBERTO DOS SANTOS LEAL • NORMANDO MARTH PAZIM • ODUVALDO ORLANDO LACAVA • OLINDA BARBOSA MARQUES DE SOUZA • ONORIO KITAYAMA • OSCAR TANNER FILHO • OSSIR GORENSTEIN • OSWALDO TEODORO DALBEN • OTAVIO NOGUEIRA MARTINS • OTAVIO TEIXEIRA MENDES NETO • PAULO AUGUSTO SIMARDI • PAULO HENRIQUE CONTRUCCI LEAL • PAULO MASSAHRU HOMA • PAULO SHIGUENORI KANAZAWA • PÉRICLES CAPELO CRUZ • PLINIO BARBOSA • PLINIO FRANCISCO RASERA • RÉGIA APARECIDA CARPNEZZI DE ALMEIDA • REGINA CÉLIA DELLA MODESTA • REINALDO ALVES JUNQUEIRA • REINALDO ANTONIO AMARAL • REINALDO CARDINALLI ROMANELLI • RENATO RAPPA • RICARDO VILLELA DE SOUZA • ROBERTO DE SOUZA GOMES COELHO • ROBERTO LUCAS NOGUEIRA • ROBERTO MASAYUKI NISHITANI • ROBERTO SIMÕES ALVES • ROBERTO USBERTI • ROQUE ANTONIO SALVETTI • RUI DE CARVALHO • RUI NELSON RODRIGUES ARRUDA • SALVADOR JOSÉ ANTONIO BERNARDIS • SHINGIRO OTUTUMI • TADAHIRO JOKO • TAKAHIKO HASHIMOTO • TAKASHI YOKOYAMA • TITO BERGAMASCO • TOMAZ CAETANO CANNAVAM RIPOLI • TOMOAKI MIYAMOTO • URIAS BELLUSCI • VALDEREZ FERREIRA DA SILVA • VERA LUCIA MARTINS SOARES WALDER • VICTÓRIO LAERTE FURLANI NETO • VILMA BISSOLI • VIRGILIO FRANCO DO NASCIMENTO FILHO • VLADIMIR MELGES WALDER • WILSON LUIZ XAVIER FISCHER • WILSON ROBERTO SOARES MATTOS • YUKIHARU SUZUKAWA • ZILDA TEIXEIRA PAES DE BARROS

Piracicaba, 10 de outubro de 2020.

Durval Dourado Neto
Diretor da ESALQ

Helena Liva Ribeiro Braga
Presidente da ADEALQ

Diploma comemorativo do Jubileu de Ouro de formatura da Turma A-70 (1970 – 2020) - Oferecido ao Celso Foelkel pela ADEALQ – Associação dos Ex-Alunos da ESALQ (https://www.adealq.org.br)